



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**MESTRADO EM SOCIOLOGIA RURAL**

**“TRABALHANDO FEITO HOMEM”:  
O (DES)COMPASSO DO PAPEL SOCIAL DAS MULHERES DO ESTREITO,  
CAMPINA GRANDE. PB.**

**JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BÉLENS**

**CAMPINA GRANDE**

**OUTUBRO 1998**

**JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BÉLENS**

**“TRABALHANDO FEITO HOMEM”:  
O (DES) COMPASSO DO PAPEL SOCIAL DAS MULHERES DO ESTREITO,  
CAMPINA GRANDE. PB.**

**Dissertação apresentada ao Mestrado em Sociologia Rural, da Universidade Federal da Paraíba, Campus II, sob orientação da professora Maria Cristina de Melo Marin.**

**Orientadora: Professora Maria Cristina de Melo Marin**

**Campina Grande, Pb.**

**outubro, 1998**



B428t Bélens, Jussara Natália Moreira.  
"Trabalhando feito homem": o (des)compaso do papel social das mulheres do Estreito, Campina Grande - PB / Jussara Natália Moreira Bélens. - Campina Grande : 1998. 155 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 1998.  
"Orientação : Profa. Maria Cristina de Melo Marin".  
Referências.

1. Sociologia Rural. 2. Relações de Gênero. 3. Mulheres do Estreito - Paraíba. 4. Papéis Sociais - Patriarcado - Migração. 5. Metodologia - História de Vida - Representações Sociais. 6. Mulher - Família - Trabalho. 7. Trabalho Rural - Mulher. 8. Dissertação - Sociologia Rural. I. Marin, Maria Cristina de Melo. II. Universidade Federal da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título  
CDU 316.334.22-055.2(043)

**JUSSARA NATÁLIA MOREIRA BÉLENS**

**“TRABALHANDO FEITO HOMEM”:  
O (DES) COMPASSO DO PAPEL SOCIAL DAS MULHERES DO ESTREITO,  
CAMPINA GRANDE. PB.**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Professora Maria Cristina de Melo Marin  
Orientadora**

---

**Dra. Deolinda Maria de Souza Ramalho  
Examinadora**

---

**Dr. Durval Muniz de Albuquerque Jr.  
Examinador**

---

**Dra. Neide Miele  
Examinadora**

**Campina Grande, Pb  
Outubro, 1998**

## DEDICATÓRIA

À memória de Wallace, irmão de muitos sonhos e realizações quem ensinou-me a olhar a vida com o respeito que ela merece e a perceber que a vida é rápida, devendo a cada dia fazermos o melhor que pudermos e sermos felizes com o que realizamos.

À minha mãe Lindalva fonte de inspiração, de apoio e começo de tudo.

À Guaíra, Camilo, e meus irmãos Jandui e Wágner.

Às mulheres do Estreito que singularmente redescobrem a cada dia a arte de viver com alegria os (des)compassos do caminho.

## AGRADECIMENTOS

Por mais solitária que seja a produção de um trabalho intelectual, porém, sua realização foi possível pelo incentivo de várias pessoas. Nesta caminhada, pessoas especiais acompanharam-me, por diferentes caminhos, seja com um olhar, com um aperto de mão, com um sorriso ou com palavras.

Em especial atenção ao meu Pai Celestial que, nos momentos de dor, ajudou-me a sarar a sangria do meu coração, possibilitando-me continuar trilhando o caminho e aprendendo que, mesmo nos momentos tristes, pode-se encontrar uma paz interior, precisando estarmos abertos a perceber isto.

À minha mãe, aquela que consegue sempre tirar o que há de melhor da vida, ajudando-me a perceber que muitas vezes, as palavras não dizem tudo, ensinando-me a viver sem medo de aprender e de fazer o que queremos.

À Guaira, rosa setembrina, cachoeira de águas tranquilas, cuja alegria renova minhas forças dia a dia. Por compreender minhas ausências, por sua inspiradora amizade e existência. O meu amor.

Ao companheiro Camilo, por compartilharmos nossas singulares posições, aprendendo juntos que pode-se construir algo não apenas pela semelhança, como também pela diferença. Obrigada por seu apoio, pelo amor e incentivo incontestes.

À minha orientadora Maria Cristina de Melo Marin que sempre esteve aberta a orientar, a aconselhar, a compartilhar seu saber em vários momentos, sempre respeitando-me em suas observações e sugestões. Desde antes quando abriu sua biblioteca para que pudesse realizar o trabalho para a seleção do Mestrado, pelos vários momentos e motivos que a procurei e a encontrei. Minha admiração e meu carinho. Obrigada por tudo. Você é demais!!!

Às famílias do Estreito que receberam-me em seus lares e falaram-me de suas vidas e abriram meus olhos para outras possibilidades de perceber as vidas que se cruzam, e a descobrir sutilezas do cotidiano que é vivo e dinâmico. Por despertar-me o prazer da pesquisa de campo, pelos ensinamentos.

Aos professores da graduação que incentivaram-me de diferentes maneiras, especialmente à professora Dra. Deolinda Ramalho possibilitando-me o primeiro contato com as discussões sobre relações gênero. À professora Dra. Marilda de Menezes, incentivando-me a não perder o ritmo e a continuar buscando meus sonhos. À professora e amiga Silvana Heloisa, pelo incentivo. À professora Eurenice por incentivar-me a ultrapassar os os obstáculos e a seguir em frente.

Aos professores do Mestrado, em especial atenção ao professor Dr. Durval Muniz pela efervescência intelectual apaixonante, e cintilante inteligência, inspirando os alunos sempre.

À professora Mércia Rejane que, através do seu olhar antropológico e capacidade intelectual, demonstra o prazer da produção acadêmica, encorajando os alunos a seguir em frente.

À professora Dra. Esther Barbosa, pelo incentivo e por sempre lembrar-nos da importância de ouvir os informantes e de perceber a dinamicidade das relações sociais.

À Judy Gláucia pelo caminhar lento e incessante na busca de dias melhores.

Com afeição, à Rosário Araújo, pela amizade que cultivamos, pelo ombro amigo nos momentos de dor que mexeram profundamente com minha existência, assim como pelas risadas que damos hoje.

À Kalina Gadelha, pela procura incessante de viver melhor o lado belo da vida,

aprendendo como pode-se descarregar as coisas que pesam em nossa caminhada, pela amizade de tantos anos, pelas conversas e troca de experiências.

A Charlinton pelo amigo, pela alegria que transmite que faz tão bem sem olhar a quem.

Aos colegas da turma do Mestrado: Rosário Jomar, Vandilo, Célia, Nerize, João, Clodoaldo, Iolanda, Rilma, que, juntos, descobrimos e compartilhamos a arte da troca de idéias, refletindo e aprendendo um pouco mais. A todos os colegas do Mestrado da turma 97 especialmente a Vanderlan, Socorro, Pereira, Emanuel, Francsico.

À Edjane e Arceu pela ajuda na transcrição das fitas.

Aos funcionários do Mestrado sempre solícitos, especialmente a Joãozinho por sua singular simpatia e pelo jeito especial de atender a todos alunos, a Verinha e a Reinaldo. A Rosicler da biblioteca da Pós, sempre atenciosa.

À Vera pela solicitude, pela alegria e descontração.

A Pedro Quirino pela ajuda com o computador que aqui e ali deixava-me “a ver navios”, remediando os colapsos desta máquina, além das dicas para a formatação da dissertação.

As minhas colegas de trabalho da Escola Estadual de 1º Grau Advogado Otávio Amorim, em especial atenção às professoras Creuza, Luzinete e Maria José (diretora).

A CAPES que através do financiamento possibilitou a realização desta dissertação.



*"Dar historicidade a essas imagens femininas corre o risco de apenas reproduzir o mítico, as normas, os estereótipos, presentes na longa duração da cultura ocidental cristã. Dar historicidade a estas imagens é buscar, não as suas origens ou causas, esta seria uma falsa questão, mas os momentos em que, numa determinada formação histórica, tais imagens são reativadas, não somente a resistência dessas normas culturais, como também a importância das mulheres e de seu comportamento nos embates sociais."*

*Joana Maria Pedro*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	11
<b>RESUMÉ</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1. No Compasso do Caminho .....	13
2. A Pesquisa.....	28
<b>CAPÍTULO PRIMEIRO - CONTANDO HISTÓRIA</b> .....	34
1.1. Um Outro Lado de Campina Grande .....	35
1.2. Poder Vindo das Águas .....	41
1.3. De la pra cá. Daqui pra lá.....	43
1.4. Frentes de Emergência.....	46
<b>CAPÍTULO SEGUNDO - O "EITO" DO HOMEM, O TERREIRO DA MULHER:</b>	
<b>Trabalho e Ajuda, as duas faces da moeda</b> .....	49
2. 1. - "Trabalhinho à toa".....	52
2. 2. - "Trabalhando feito Homem:" Não perco para homem nenhum, coragem de trabalhar eu tenho" .....	67
2.2.1. A História de Dona. Marluce .....	69
2.2.2. A História de Dona. Leda.....	73
2.3. - "(...) Quem nasce pra cela não dá pra cangalha (...)": "Não só da enxada vivem mulheres e homens do Estreito".....	77
<b>CAPÍTULO TERCEIRO - "(...) LEVANDO A FAMÍLIA NUM CAÇUÁ (...)": A Família como espaço de definição de papéis sociais.</b> .....	87
3.1. "Até que a Morte nos Separe": A importância do casamento e os papéis a serem desempenhados dentro da família.....	96
3.2. "Melhor só do que Mal Acompanhada" .....	99
3.3. "(...) Como Deus Criou Batata (...) " .....	110

**CAPÍTULO QUARTO – MANDO E DESMANDO. A Representação de um ser  
Mulher como dispositivo de Saber e de Poder Masculino e seu Deslocamento .....**

.....	119
4.1. A Mulher é Homem? Não Senhor: A idéia de um ser mulher, sua universalização e seus descompassos .....	120
4.1.2. "(...) Tem Mulher que Só quer Ser Homem (...)” .....	124
4.2. Chefe de Família: "Ser ou não ser" .....	129
4.3. Direito de Trabalhar, sem Direito de Vender.....	135
4.4. Um Santo Protetor.....	138
<b>5.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
<b>6.0. BIBLIOGRAFIA. ....</b>	<b>146</b>
<b>7.0. ANEXO .....</b>	<b>154</b>

## RESUMO

A sociedade tem naturalizado a distribuição de papéis sociais, tanto de mulheres como de homens, baseada no discurso de que a mulher é frágil, dependente, emocional, em contraposição ao homem, forte, determinado e racional. Contudo, singularidades de mulheres, no Estreito – Campina Grande, transcendem ao modelo que define a existência de um ser mulher único, dotado de docilidade e passividade, levando-nos a repensar os limites das teorias patriarcalistas, dicotomizadoras, essencialistas que elaboram idéias universais de mulher frágil, passiva, emocional. Estas idéias podem ser observadas nos discursos, entendidos como articulação de poder e de saber, uma pluralidade de elementos distintos que podem entrar em estratégias diferentes. Utilizando-se o método qualitativo, com técnicas de histórias de vida, relatos orais e participação observante percebeu-se o cotidiano das “viúvas” que são consideradas como mulheres que “trabalham feito homem” Estas mulheres mantêm suas famílias, depois da migração, morte ou doença dos maridos a até mesmo com a presença deles em casa. Como, tradicionalmente, sustentar a casa com o trabalho no roçado é tarefa atribuída ao homem, chefe de família, dessas mulheres diz-se que “trabalham feito homem”, como que a reforçar o modelo tradicional.

## RESUMÉ

La société a adopté la distribution des rôles sociaux des femmes et des hommes en se basant sur le fait que la femme est fragile, dépendante, émotionnelle en opposition à l'homme – fort, déterminé et rationnelle. Cependant, des singularités des femmes du “Estreito”, à Campina Grande – Paraíba – dépassent le modèle qui définit l'existence d'un être femme unique, doté de docilité et passivité ce qui nous amène à repenser les limites des théories patriarcales, dichotomisatrices, essentialistes, qui élaborent des idées universelles de la femme fragile, passive, émotionnelle. Ces idées peuvent être observées dans les discours, entendus comme articulation de pouvoir et savoir, une pluralité d'éléments distincts qui peuvent entrer dans de différentes stratégies. En utilisant la méthode qualitative avec des techniques d'histoires de vie, de rapports oraux et de participation observatrice, on a aperçu le quotidien des “veuves” qui sont considérées comme des femmes qui “travaillent comme un homme”. Ces femmes soutiennent leurs familles avec le travail à l'agriculture, en cultivant la terre d'un familier, après la migration, mort, ou maladie des maris et même avec leur présence à la maison comme, traditionnellement, soutenir le foyer c'était une tâche attribuée à l'homme, chef de famille. De ces femmes on dit qu'elles travaillent “comme un homme”, pour renforcer le modèle traditionnel.

## INTRODUÇÃO

### I. NO COMPASSO DO CAMINHO

*"As personagens ficam encarregadas de seu destino possível e se elaboram. Não sem esforço, pois declarar-se e deixar-se olhar impõe percorrer trajetos nem sempre suaves e cumprir ritos indispensáveis à atividade da vida, por mais estranhos que pareçam, considerando o lugar comum a que quase sempre se chega após tantos embates (...). No cotidiano germinam medos, desejos, interditos, resistências. E toda essa massa de sentimentos é viva e lateja."*

*(Clarice Lispector)*

Dona Leda levanta-se, mais um dia, às 4:00 h da manhã. Põe o feijão no fogo e, logo, o cheiro de café coado vai se espalhando porta afora, deixando tudo pronto para que a filha mais velha sirva os irmãos menores. Coloca o batom, penteia os cabelos, veste calça comprida e, de chapéu na cabeça, arruma na carroça de burro os instrumentos de trabalho (ancinho, enxada, foice etc), os mantimentos e os utensílios necessários (café, açúcar, feijão, coador de pano, panela etc) para passar o dia no trabalho, pois é muito longe de sua casa, não podendo voltar para almoçar.

Lá no roçado ela fez um "ranchinho" de madeira coberto de telha, um fogão a lenha para fazer seus "cozinhados" para o almoço, sem precisar voltar para casa, pois é longe do trabalho. Eis uma das imagens do cotidiano de Dona Leda e suas duas irmãs que, há algum tempo, são reconhecidas pelas outras pessoas da comunidade como mulheres que "trabalham feito homem." Aqui é evidenciada a correlação entre atividade dita feminina, a de cozinhar, com a atividade do roçado, dita masculina. Essas histórias singulares saltaram aos nossos olhos de pesquisadora e de mulher que aprendera desde sempre a delimitação dos papéis sociais e lugares de homens e de mulheres de maneira bem diferenciada.<sup>1</sup>

No Estreito, localidade a 18 km ao sudoeste de Campina Grande, cuja população total chega em torno de 500 habitantes, com aproximadamente 150 famílias, (Cf localização da comunidade no mapa em anexo), há especificidades de mulheres que transcendem a um modelo que define mulher como um ser universal e único (NICHOLSON, 1987). O interesse por refletir acerca destas singularidades deu-se devido à observação que fizemos na comunidade situada na referida região, onde encontramos casos de mulheres "chefes de família"<sup>2</sup>, devido à migração, morte ou invalidez dos maridos.

Para tanto, achamos necessário conhecer também o trabalho das mulheres que dividem com os maridos as tarefas da manutenção da casa e da família, além de perceber até que ponto são "frágeis", "dependentes", "passivas" e "emocionais." No entanto, ainda há uma lacuna de estudos referentes à mulher provedora da família, quando da ausência ou não

---

<sup>1</sup> Cf. Woortman Klaas. A Família das Mulheres. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília CNPQ 1987.

<sup>2</sup>- O termo mulher chefe de família foi primeiramente utilizado por demógrafos e historiadores que trabalham com material censitário, ao se referirem à unidade residencial constituída de uma mulher sem companheiro declarado e seus filhos. Segundo dados oficiais, mais mulheres assumem a chefia da família: Em 1970, a estimativa era em torno de 13,30%. Em 1990 o percentual sobe para 20, 30%. Fonte: IBGE, Censo 1991, PNAD, 1990.

do marido. É de nosso interesse verificar, tanto a "invisibilidade" da mulher que trabalha ao lado do marido, bem como a do "trabalhando feito homem", quando a mulher aparece como a única responsável pela manutenção da família.

Ao contrário da universalização de um ser mulher, partimos da compreensão de gênero como categoria analítica que percebe o feminino e o masculino como construções histórico-culturais, que devem ser percebidos nas relações sociais cotidianas. Segundo SCOTT (1991), a categoria gênero implica dois níveis: o gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças perceptíveis entre os sexos, e o gênero como forma básica de representar relações de poder. Assim, conseguiremos perceber a pluralidade de homens e mulheres dentro de suas especificidades.

Na observação realizada com mulheres do Estreito, percebemos uma diferenciação na valoração do trabalho feito por elas mesmas. As mulheres que vivem e trabalham com os maridos referem-se às suas atividades no roçado como sendo "ajuda" ao trabalho do homem, já que, segundo Dona Gracinda, por exemplo, ela não faz todo tipo de serviço, apenas os mais simples e/ou mais leves, que comumente são vistos como sendo de mulher. É interessante encontrarmos nos próprios discursos dos informantes o reforço ao modelo tradicional de divisão sexual do trabalho que define o trabalho dito feminino como não produtivo. Daí indagamos, será que esta introjeção de valores, que se dá, não de forma passiva mas consensual, fabricados socialmente mas tidos como naturais, não são nunca negados pelos discursos e pelas práticas?

É corrente a designação de determinadas atividades como sendo femininas. Isto tem a ver com a posição estabelecida pelo modelo tradicional de divisão sexual do trabalho que



fora criado socialmente destacando tarefas ditas de mulheres e as de homens, difundidas e perpetuadas como naturais. Assim como mostra HEREDIA (1979), as atividades de dentro de casa e outras que foram associadas como sendo femininas, passaram a serem vistas como não-produtivas, sendo pouco valorizadas em relação às atividades ditas masculinas. Daí indagamos: por que o trabalho dito feminino é menos valorizado em relação ao trabalho masculino? Isto é um legado natural ou foi naturalizado pelos discursos que não são apenas arranjos de palavras, mas elementos estratégicos e táticos, de articulação de poder e de saber? Ou, como é colocado pela autora seguinte, em que a divisão sexual do trabalho, "(...) parece estar inserida na divisão da sociedade, na construção do masculino e do feminino no nível do conjunto da sociedade, como uma relação entre dois mundos, dois espaços, que é apresentada como natural e biológica."<sup>3</sup> Assim, definindo nitidamente o que é masculino e o que é feminino, subordinam-se as individualidades a conceitos binários, determinando-se as relações sociais pelo biológico, desmerecendo-se as múltiplas possibilidades da construção cultural dos sujeitos sociais.

Por isso, não podemos limitar a análise da representação sobre as mulheres chefes de família que "trabalham feito homem" como um acontecimento em si, mas deve-se buscá-las nas relações sociais constituídas pelo saber e poder vivenciados em casa e na rua e traduzida nas falas e nas representações que fazem de si e que os outros fazem delas. Nesta finalidade, faz-se necessário perceber estas singularidades em relação à vida de mulheres que trabalham dentro de casa e no roçado.

Falando em representações sociais, entende-se, aqui, como algo perceptível através

---

<sup>3</sup> STOLCK, apud, LOBO; Elisabeth Souza. A Classe Operária Tem Dois Sexos. Trabalho, Dominação e Resistência. São Paulo, Brasiliense, 1991, p. 83.

do discurso, uma maneira de apreensão do dito e do pensado. Foram Durkheim e Lévi-Bruhl, que pensaram, primeiramente, nas Ciências Sociais, sobre representações coletivas como instrumento analítico para os estudos sobre religião, magia e pensamento mítico. Isto deu-se no momento histórico em que se lançava mão ao debate acerca da relação indivíduo-sociedade, fator central na evidenciação do limite do individualismo teórico da psicologia. Durkheim interessou-se por trabalhar a noção de representações coletivas, que tem a ver com categorias de pensamento elaboradas e utilizadas por parte de determinadas sociedades como expressão da realidade. Essas categorias aparecem juntamente aos fatos sociais, transformando-se nestes, podendo serem interpretadas e/ou observadas por cientistas

Ultrapassando alguns limites do positivismo, mesmo baseado nas investidas das representações coletivas, a psicologia social de Moscovici amplia os horizontes da Psicologia, tratando das Representações sociologicamente, descentralizando o olhar estritamente individualizante, até então definidora da psicanálise. MOSCOVICI (1994), define a Representação Social como um empreendimento interdisciplinar, colocada esta categoria conceitual pela Psicologia Social como ruptura da dicotomia instaurada pela ciência entre o sujeito puro e o objeto puro. Diferente da ambivalência indivíduo e sociedade, a Representação Social direciona seu olhar sobre a relação entre estes aspectos que até então foram bem separados.

Assim, as representações têm duas características dos fatos sociais, por serem exteriores às consciências individuais e por exercerem ação coercitiva sobre os indivíduos. Na leitura de CUSTÓDIA (1984), as representações sociais, para Durkheim, possuem características particulares em relação aos outros fatos sociais, pois é a manifestação da

vida psíquica do sujeito coletivo que é a sociedade e, assim, campo privilegiado de observação da forma como a sociologia empírica executa o movimento que desloca o ponto de partida do conhecimento do homem, do indivíduo para a sociedade.

Por sua vez, Pierre Bourdieu questiona a mediação entre o agente social e a sociedade, contrariando o objetivismo e a fenomenologia, a polêmica entre subjetivismo e objetivismo emerge como ponto central da sua reflexão. Com isto, o autor propõe um conhecimento praxiológico, numa abordagem epistemológica que articula dialeticamente o ator social e a estrutura social. Bourdieu defende a ideia da prática estruturante pelos indivíduos ao invés de estrutura estruturada, elegendo a categoria *habitus* como a ação organizadora que vai estruturar uma nova estrutura, contrapondo-se à noção de estrutura como algo pronto e acabado, podendo ser modificada e reestruturada pelos agentes sociais, entendendo que, por meio das práticas, as regras e as normas podem ser mudadas, mas termina sendo estruturada, uma menção dialética entre subjetivismo e objetivismo.

Com isto, Bourdieu procura fugir das dicotomias indivíduo e sociedade e, quando pensa representações, as relaciona a um tipo de sociedade, percebendo-as a partir de grupos sociais específicos, diferente da visão do precursor nas Ciências Sociais desta categoria. As representações não são fixas e eternas, podendo serem substituídas por outras, elas nascem, crescem, e morrem, servindo, assim como os símbolos, como instrumentos de integração social, como meio de comunicação e de conhecimento, que pode nascer de uma estrutura já existente.

Os sistemas simbólicos são pensados como instrumentos de conhecimento e

de comunicação, podendo exercer um poder estruturante porque são estruturados, são um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica, ou melhor, que possibilite sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). Para BOURDIEU (apud MINAYO, 1989) os sistemas simbólicos distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, quando apropriados pelo conjunto do grupo, ou, pelo contrário, produzidos por um corpo de especialistas e, mais precisamente, por um campo de produção e de circulação relativamente autônomo. Assim, este autor compreende as Representações Sociais como construções simbólicas, dando ênfase ao habitus, valorizando a estrutura mais duradoura de um grupo social, de uma determinada sociedade.

Diferentemente disto, entendemos que a realidade existe enquanto representação, que as classificações realizadas socialmente do feminino e do masculino, a delimitação de lugares de um e de outro, a partir de critérios dicotômicos, como observa GUATTARI (1996), fabrica, modela, consome a idéia de uma subjetividade, ou, como ressalta FOUCAULT (1997), é uma representação “ideológica” da sociedade, mas é também uma realidade fabricada de poder. Segundo CALDEIRA (1980), as pesquisas qualitativas partem do pressuposto que o pesquisador faz a representação dos informantes, havendo na relação entre pesquisador e informante uma relação de poder, possibilitada pela associação entre poder e saber científico, que dá a um condição de exercer seu trabalho (seu poder) e a outro a idéia de obrigatoriedade e de necessidade de se sujeitar, faltando por parte do pesquisador uma auto-análise e o reconhecimento de que sua prática se dá como um exercício de poder.

Assim, a construção da representação das coisas são elaborações compartilhadas

por grupos sociais, científicos ou não, os agentes sociais são construtores destas representações, vivenciadas através da linguagem, detectadas no discurso. Chamamos de representação os modelos de mulher e de homem que a sociedade ocidental definiu como referência para nortear os comportamentos dos sujeitos sociais. A sociedade constrói e reconstrói, ao longo dos tempos, representações acerca do feminino e do masculino e nestas modificações permanece uma feição dicotômica de sexos baseada em papéis, lugares diferenciados e características, sempre a partir de oposições dualistas, além de naturalizar estas construções. Assim, reflexões sobre a relação homem/mulher sobre determinados parâmetros analíticos são uma representação cientificamente discutida e reverenciada como verdade. A esse respeito, COSTA observa que:

*“As representações de mulher vêm mudando consideravelmente nos últimos anos. Essa passagem está-se fazendo por meio da aproximação da antiga representação de mulher ao modelo de masculinidade originário da sociedade patriarcal.”<sup>4</sup>*

Nos anos 60 e 70, viu-se a subordinação da mulher como resultado da sociedade tradicional, que poderia ser resolvida pela modernização, além de se partir da noção sobre as mulheres como exército industrial de reserva. Nos anos 80, houve várias análises sobre o trabalho feminino, a partir da reprodução das desigualdades e das estratégias de sobrevivência. BILAC (apud LOBO, 1991) interessou-se por analisar o significado do trabalho feminino para a organização familiar, tendo por finalidade privilegiar a organização familiar e suas estratégias de sobrevivência, prevalecendo o olhar para grupos

---

<sup>4</sup> NOLASCO, Sócrates. Representações Masculinas e Femininas. In: Feminino / Masculino no Imaginário de Diferentes Épocas. Eloá Jacobina e Maria Helena Kuhner (organização). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

familiares e não para a atuação feminina em cada realidade específica. FERREIRA (apud LOBO, 1991) refletiu sobre a articulação entre trabalho produtivo e espaço de reprodução da família e do trabalho feminino como parte da estratégia familiar.

Mesmo entendendo a contribuição feita por parte de várias análises fazedoras da histórias das reflexões em torno do feminino e sua visibilidade dentro e fora de casa, não nos interessamos por articular família e trabalho feminino apenas como estratégia de sobrevivência. Optamos por ir pela contramão e perceber, através das trajetórias das informantes, suas representações construídas, compartilhadas nas relações sociais, acreditando que a apreensão destes valores se dá pela educação realizada pela família, pela escola e pela Igreja. E também, perceber suas reelaborações na prática cotidiana, já que entendemos que as mulheres do Estreito são um misto de poder, fragilidade, astúcia e inteligência que podem vir a reforçar estas representações cristalizadas de mulher, como também pode-se notar, no nível de suas táticas, seus decompassos.

Aqui, entende-se, como FOUCAULT (1993), que instituições como a família, a escola e a religião são mecanismos de disciplinamento e normalização das condutas, a partir de critérios sexistas e estereotipados de conceituações, universalizadas as pluralidades através de conceitos rígidos. Como complemento a esta percepção, percebe-se, como CERTEAU (1997), que as práticas sociais mostram que as pessoas não se prendem a esta normalização, que, através das táticas e astúcias, reelaboram os códigos, que chamamos de representações.

A partir do olhar flexível de perceber as pessoas através de suas trajetórias, vê-se o

dualismo como dois pesos, duas medidas. Tendo em vista que as pessoas ainda compartilham esta representação a respeito do feminino e do masculino como dois sexos opostos, cabendo a cada um viver os papéis definidos pela divisão sexual do trabalho, baseada numa mentalidade sexista, entende-se que, assim como percebe-se que na prática cotidiana, estes modelos também são desmanchados ou lembrados conforme diferentes situações vividas pelo feminino e pelo masculino. Os deslocamentos de mulheres e de homens dos papéis que foram determinados socialmente são motivos para confirmação ou contestação destas representações que não estão acima das pessoas e separadas das práticas, mas que são vivenciadas por elas de maneira diferentes.

Partimos da premissa de que o trabalho feminino em casa, definido como doméstico, como também o realizado na agricultura, que é tido como extensão da casa, ainda é muito desprestigiado pelas fontes estatísticas oficiais e pelos próprios sujeitos (feminino e masculino). Assim, percebemos que não basta mostrar que as mulheres do Estreito trabalham, mas questionar a limitação de categorias que são utilizadas para reflexões em torno das referidas questões e, concomitantemente, perceber qual o significado dado ao trabalho feminino e masculino pelas mulheres do Estreito.

LOBO (1991) propõe descrever o contexto histórico da articulação classe e gênero, analisando a suposta desvalorização do trabalho, quando da inserção da mulher no mercado de trabalho, especificamente o industrial, evidenciando a subordinação da mulher como resultado histórico e cultural. Sugere uma mudança metodológica para a Sociologia do Trabalho, para que passe a visualizar as especificidade das mulheres operárias. Para ela, o capitalismo considera que o trabalho, por si só, não é desqualificador, mas o é a partir da

inserção das mulheres, principalmente no setor industrial. Analisa os motivos desencadeadores do processo e a remuneração do trabalho feminino em relação ao masculino.

Mesmo percebendo a validade da articulação entre classe e gênero, realizada pela autora, no interior das fábricas observadas, em nosso trabalho não nos propomos fazer esta relação, mas de valorizar a perspectiva de evidenciar trajetórias de pessoas construtoras de relações específicas. A autora tenta mostrar que "*O trabalho (feminino) não é apenas um instrumento para ganhar a vida, mas articula uma identidade de mulheres trabalhadoras*"<sup>5</sup>. A divisão sexual do trabalho é tratada por Lobo como uma construção social e histórica, em que a separação e a relação de produção e reprodução social são também sexuadas e assimétricas, marcadas por hierarquias. Para Lobo, a divisão sexual do trabalho produz e reproduz a assimetria entre práticas femininas e masculinas, constrói e reconstrói mecanismos de sujeição e disciplinamento das mulheres, produz e reproduz subordinação de gênero e dominação.

Na discussão sobre relação de gênero e trabalho, temos a contribuição de MASSI (1992), que objetiva refletir sobre a vida e conflitos vivenciados por mulheres de classe média, devido ao legado histórico da maternidade, do cuidado da casa, da família, tendo, por contrapartida, o novo desafio da mulher moderna de ter que trabalhar fora de casa para uma possível realização profissional. A autora evidencia a dicotomia entre público e privado, trabalho produtivo e não produtivo, prescrito por construções sociais e reprisado na vivência deste grupo de mulheres de classe média. MASSI constata que:

---

<sup>5</sup> LOBO, op.cit, p. 83.



*"Nos estratos médios, as mulheres parecem estar imbuídas, ideologicamente, de que é necessário trabalhar fora, pois qualquer que seja a remuneração, ela passa a simbolizar algum trabalho, e, portanto, um trabalho produtivo. A divisão entre público e privado é tão significativa que a própria mulher só considera trabalho quando a atividade é fora do espaço físico da casa."<sup>6</sup>*

É interessante refletir sobre as singularidades enfocadas tanto por Lobo como por Massi, formas e caminhos distintos de abordar a questão de gênero e trabalho. A peculiaridade da vida das mulheres do Estreito nos convida a repensar sobre dicotomias instauradas pelos discursos produtores de verdades, e naturalizadas. Não pretendemos transplantar as reflexões feitas com operárias e/ou com mulheres de classe média, por sabermos que os sujeitos reagem, atuam diferentemente nos mais diversos espaços, nas mais diferentes relações sociais. Percebemos ser muito importante para o nosso trabalho repensar os conceitos instaurados pela ciência e universalizados como verdades, como caminho para discutir as relações de gênero vivenciadas no Estreito. Pretendemos entender o sujeito e a sexualidade, segundo COSTA *"(...) como realidades lingüísticas, podemos observar as variações históricas de suas significações sem recorrer à idéia de algo na subjetividade ou na sexualidade que seja fixo, imutável e indelével."*<sup>7</sup>

A linguagem expressa significados construídos historicamente e, através dela, somos partícipes da vida social, criando consensos e posicionamentos. Desta forma, entende-se que a linguagem constrói o sujeito, fazendo usos infinitos a partir do finito. COSTA

---

<sup>6</sup> MASSI, Marina. Vida de Mulheres: Cotidiano e Imaginário. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 40.

<sup>7</sup> COSTA; Jurandir Freire. A Face e o Verso. São Paulo, Ed. Escuta, 1995, p. 47-8.

contesta conceitos naturalizados e validados como verdade absoluta e, ao fazer uma incursão na História, percebe que, no século XVI-XVII, surge a noção de um modelo de sexo e vê que os conceitos de público/privado, entre outros, foram elaborados pelo capitalismo, intencionando ordenar, classificar o mundo à sua maneira. Também entendemos que o saber articula-se em práticas discursivas, sendo independente da ciência, encontrado em outros discursos, percebido como:

*"(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada e para determinada área social econômica, geográfica ou lingüística as condições de existência."*<sup>8</sup>

Dai percebermos a representação de mulher como um ser apático, dependente, frágil, um corolário de intenções políticas, construído com vista a um projeto de ordenação do mundo, a partir de uma visão patriarcalista, sexista<sup>9</sup>, dicotomizadora. Por entender o discurso como FOUCAULT (1993), que o percebe como uma prática, como processo de articulações discursivas, buscamos as regularidades dos discursos em torno da representação de mulher "chefe de família", percebendo diferentes trajetórias<sup>10</sup> de vida como um processo feito de táticas, astúcias que dão continuidade e descontinuidade ao modelo vigente de mulher e do lugar que lhe fora designado culturalmente, vivenciado e encontrado nas próprias relações sociais.

<sup>8</sup> FOUCAULT: História da Sexualidade I (A Vontade de Saber). 11ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1993. p.

<sup>9</sup> O termo sexismo provém dos estudos sobre a mulher, utilizado para caracterizar qualquer "idéia, linguagem, crença, teoria ou opinião que sustente a superioridade de um sexo sobre o outro." Ver Langer apud Kude (1994 p. 129)

<sup>10</sup> Entendemos trajetória como "(...) movimento e dinâmica de territórios culturais, de configurações culturais. No deslocamento dos múltiplos sujeitos, em múltiplos espaços e múltiplas temporalidades." Como uma maneira de perceber como as pessoas significam e dão sentido, aos vários signos que as atravessam e como estes significados as produzem enquanto sujeitos ativos a criativos. Albuquerque Jr., Durval Muniz de. 1993. (p.92-3).

A intenção de refletir sobre as vidas das mulheres trabalhadoras -chefes de família e suas rupturas com os modelos de representação construídos socialmente, nos leva a repensar os limites das teorias patriarcalistas, dicotomizadoras, essencialistas, que elaboraram idéias universais de mulher frágil, passiva, emocional, além de ser o seu trabalho tido como complemento ao trabalho do homem, o provedor da família. Estas idéias podem ser observadas nos discursos, entendidos como articulação de poder e de saber, uma pluralidade de elementos distintos que podem entrar em estratégias diferentes.

Para isto, interessamo-nos por entender como os discursos dos informantes são articulados, percebendo-os em relação às sutilezas das táticas de rupturas dos modelos socialmente construídos, pois compreendemos que:

*"Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força, podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas. Nos discursos não há nada de oculto, já dizem o que querem, seu sentido é dado para quem ele diz, aonde ele diz está aí em todo lugar, numa rede discursiva."<sup>11</sup>*

Diferentes discursos tendem a divulgar modelos de mulher que são desenhados a partir de dois referentes: o da mãe, santa e casta, que articula as características da pura e cândida mulher frágil e meiga; e o da pecadora como um ser hostil, profana e desviante. Contudo, ainda continua sendo pouco discutida a considerável participação da mulher no trabalho da agricultura, da criação de animais, das mulheres que driblam a fome e a falta de

---

<sup>11</sup> FOUCAULT Op. Cit. 1993. p. 97.

chuva nos períodos de seca, por serem elas que permanecem com os filhos menores no pedaço de terra seu ou alugado, quando os homens partem em busca de trabalho.

Algumas singularidades de mulheres chefes de família do Estreito não se enquadram nestes estereótipos construídos historicamente. Nos deslocamentos de papéis tradicionais, as relações de gênero modificam-se. A subordinação feminina não é uma condição permanente e estática, é uma posição ocupada pelas mulheres em situações concretas, percebidas como processos, possibilitadores de reelaborações.

Percebemos que, quando a mulher assume a posição de pai e mãe, ou seja, é a única responsável pela educação e manutenção dos filhos, ela reproduz o modelo patriarcal autoritário comumente associado ao homem, o provedor. Mas quando o homem permanece em casa, mesmo que não mantendo a família, seja por motivo de doença ou por falta de serviço, sendo a mulher a provedora, a autoridade continua sendo reproduzida pelo homem e até respeitada e ou legitimada pela mulher.

Entendemos também que o poder está vinculado à imagem masculina, devido à mentalidade patriarcalista, e que a sociedade ocidental moderna construiu lugares para os sujeitos, determinando os espaços privado para o feminino e o público para o masculino, exercitando uma política identitária que tem por finalidade a homogeneização das vontades, esquecendo as diferenças. Até que ponto a representação de mulher, enquanto ser dócil, dependente e frágil, condiz com a realidade de mulher chefe de família do Estreito? Em que medida a categoria mulher chefe de família tem a ver com maior poder feminino no lar ou é apenas a reprodução do modelo patriarcal?

Esta dissertação que ora passa a ser conhecida por olhares outros, singulares, por isso significativos para uma interpretação intelectual, representa o fruto de uma caminhada desejosa por perceber e evidenciar trajetórias de vidas que compartilham representações sobre o papel da mulher. A partir de histórias de vida e da observação das práticas de sujeitos ativos e criativos, partícipes de experiências imbuídas de conflitos e reencontros, percebemos o quanto as relações sociais são dinâmicas, o quanto são vivas e latejantes, lembrando Clarisse Lispector, devendo pois buscá-las em suas continuidades e descaminhos.

Entendemos também que o saber cria teias, pessoas que vivem no mesmo período histórico, mesmo distantes, podem vir a produzir os mesmos códigos, pois entendemos que um pesquisador, um escritor percebe as coisas e as registra a partir de uma soma de saberes que vai sendo acumulado ao longo da sua história enquanto sujeito social que vive, cria e recria diariamente, sendo percebidas reflexões vistas noutros lugares, noutros momentos que misturadas redesenham outras.

### **1.1. A PESQUISA**

A pesquisa de campo foi realizada durante três meses (de setembro a dezembro de 1997). Fazendo uso de gravador, fitas, diário de campo, observou-se o dia a dia de algumas famílias do Estreito, seus costumes, suas práticas que dizem muito sobre suas representações construídas acerca de diversas coisas e muitas vezes as contradizem.

Trabalhamos com trinta seis informantes (onze homens e vinte e cinco mulheres). Através da observação, conversas informais e histórias de vida conhecemos um pouco das pessoas com quem mantivemos contato.

Houve diferentes etapas para a efetivação da pesquisa. O primeiro contato com a comunidade deu-se quando da elaboração do trabalho para ingressar no Mestrado, em 1996; um ano após, retornamos para sistematização do projeto de pesquisa, percebendo que a metodologia qualitativa seria o caminho para a realização deste trabalho. Seguiu-se do momento da pesquisa propriamente dita. Dos 36 informantes, 20 são "viúvos", 14 são casados e 2 solteiros.

Temos em vista que a história de vida nos possibilita ter acesso às falas e às práticas engendradas pelos discursos e que, através das experiências dos próprios sujeitos, podemos rever conceitos historicamente produzidos e universalizados em torno de uma representação de mulher. Tentamos perceber as experiências, as definições vividas por elas individualmente e enquanto grupo; entender também como interpretam suas trajetórias, táticas e suposições, dilemas e alegrias, pois:

*"(...) histórias de vida e relatos orais fazem convites irrecusáveis para rever interpretações, desenvolver novas hipóteses e encaminhar novas perspectivas de forma a redefinir os grandes conceitos explicativos e seus pressupostos."*<sup>12</sup>

Durante a realização da pesquisa empírica, que se deu mediante as estratégias apontadas, fez-se o registro dessa experiência num diário de campo, onde se tratou das

---

<sup>12</sup> DEBERT, Guita G. Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e História Oral. In: CARDOSO Ruth C. L. (Org.). A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.156.

angústias e alegrias, dos imprevistos e motivações, um comentário cotidiano do percurso da viagem realizada. No Estreito, a família de Seu Bené torna-se uma referência para quem vive lá e para quem chega sem conhecer o lugar. Seu Bené tem grande importância para a comunidade, porque através dele vem se conseguindo a organização dos moradores na Associação. Antes da aproximação com seu Bené, houve dificuldades nos contatos com a comunidade, já que se tratava de uma estranha que chegava em cada casa procurando saber da vida de cada um.

Eis o nosso desafio, procurar saber disto, como é a vida das mulheres chefes de família, da realidade recortada para a pesquisa e sua relação com as representações socialmente construídas sobre o feminino por parte de mulheres e homens destas comunidades. Assim, estas mulheres ultrapassam esse desenho representacional modelado que ainda é evidenciado nas falas, nos gestos, nos tratamentos de homens e de mulheres.

No início da pesquisa, o receio das pessoas limitava os contatos, pois algumas não se sentiam à vontade para se abrirem, para falarem de suas vidas a uma estranha. Um dos receios das pessoas em nos receber era a dúvida sobre o propósito da pesquisa, se era matéria jornalística para sair na televisão. Caso fosse, não aceitaríamos, pois não queríamos representar imagem de “flagelados” da seca do Nordeste, de miséria, de sujeira, transmitidas pela TV, nos últimos tempos, retratando a seca. Quando íamos fotografar, Dona Carmem e suas irmãs iam se arrumar, pentear os cabelos, vestir roupas limpas, expressando seu cuidado com a aparência dizendo que “(...) não quero aparecer nas fotos como mendiga”.

Após conversar com Seu Bené durante horas, ao tomar conhecimento do propósito

da pesquisa, ele fala com os moradores da comunidade, durante a reunião da Associação que acontece aos sábados à noite, sobre a finalidade do trabalho e da pesquisadora. Isto passa a ser o passaporte para que a pesquisadora fosse vista com outros olhos por parte das pessoas da localidade, com exceção de Dona Lena, uma das irmãs de Dona Carmem que se nega a falar de sua vida para estranhos, ou, como ela disse, *"Só me confesso a Deus e a mais ninguém, ninguém pode mandar na minha vontade"*. Das três irmãs, Dona Lena foi a única que não aceitou conversar sobre sua vida, o silêncio seria uma maneira de guardar sua privacidade, uma preocupação muito presente em meio aos receios das pessoas.

No início da pesquisa, as conversas eram tidas como confissões, por parte de alguns informantes, mas isto foi mudando, com o tempo algumas mulheres e até homens sentiram-se confiantes em falar de suas vidas, passando a termos uma relação de confiança, já que aqui e ali perguntavam um pouco da minha vida. Ao saberem que tinha companheiro e que era mãe, isto foi um dos motivos para que as mulheres falassem da sua vida particular, da sua sexualidade, de seus sonhos e dificuldades como mães, companheiras, de maneira mais tranqüila. O que antes era confissão, passa a ser confidência, um momento das mulheres chorarem suas mágoas, falarem de si, de coisas que comumente não podem ser ditas, nem reveladas a outrem. Há casos de "viúvas" que tem namorado e ninguém da comunidade sabe, principalmente a família, uma coisa que é vivida com muita discrição e segredo, por isto trabalhamos com nomes fictícios dos informantes.

Contudo, guiamo-nos pela perspectiva metodológica de perceber as vicissitudes das relações sociais, entendendo que as práticas não são uniformes, mas plurais, assim consegue-se ampliar os horizontes e perceber que, muitas vezes, trajetórias de vidas que se



misturam contradizem as representações socialmente construídas e reproduzidas pelas pessoas acerca de um ser mulher que fora universalizado e até validado como verdade. Pensamos que as pessoas podem vir a reforçar os modelos, não porque são meros receptores de informações, ou que estas regras que são construídas socialmente estejam separadas dos indivíduos, mas que estes as interpretam de diferentes maneiras por distintos interesses. Entendendo que os sujeitos sociais são dinâmicos, ativos e criativos, acreditamos que eles podem burlar estas regras que são passadas como verdades e vivenciadas na família, na escola, e na Igreja, que, através das táticas e astúcias, os sujeitos sociais que conhecemos no Estreito reelaboram estas representações.

As trinta e seis histórias de vidas realizadas na pesquisa de campo suscitaram uma diversidade de assuntos que poderiam ser enfocados, mas como não seria interessante nos dispersarmos, após a organização do material de pesquisa, percebeu-se que os informantes falam de suas vidas e das representações que têm sobre homens e mulheres, como também percebemos nas falas resistências contradições a modelos que são vividos singularmente. Assim, organizou-se em quatro capítulos que, juntos, buscam montar esta colcha de retalhos que se pretende realizar.

Em “Contando História”, situamos a localidade e alguns aspectos que corroboram com o recorte realizado para o presente trabalho (a ocorrência de secas, a falta de água encanada, transporte, população, migrações). Este cenário representa o pano de fundo das tramas desenvolvidas neste pedaço de mundo, e a sua construção foi possível devido às várias histórias que se misturam e são fazedoras do “lugar”. Além de ser uma maneira para que outras pessoas saibam da existência do Estreito, como um espaço que, longe de ser

apenas o lugar da “harmonia e solidariedade”, apresentado pelo discurso hegemônico que definem comunidades similares como rurais, é um lugar onde se desenrolam relações de luta, solidariedade e redefinições cotidianas.

O “Eito do Homem e o Terreiro da Mulher” aborda a divisão sexual do trabalho vivida cotidianamente por homens e mulheres na roça, em casa ou em outros lugares e os deslocamentos destes papéis.

“Levando a Família num Caçuaá” vislumbra o papel da família, da escola e da Igreja como espaços onde se desencadeia a transmissão dos valores para definição dos papéis de homens e de mulheres, atendendo às regras de conduta normatizadas pela sociedade patriarcal.

“Mando e Desmando” busca entender o saber como relação de poder vivida entre os femininos e os masculinos, dentro e fora de casa, sendo os conceitos de chefe de família, trabalhadora rural, enunciações discursivas que denotam o deslocamento das mulheres ocupando “lugares” de homens. Depois vêm as Considerações Finais e a Bibliografia. Seguindo o Compasso do Caminho começamos o percurso das reflexões que ora se iniciam.

## **CAPÍTULO PRIMEIRO**

### **CONTANDO HISTÓRIA**

*“O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este mundo memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.”*

*(Michel de Certeau)*

## *CAPÍTULO PRIMEIRO*

### *CONTANDO HISTÓRIA*

#### **1.1. Um Outro Lado de Campina Grande**

Durante a semana, pegar um daqueles ônibus, na hora certa, depende de acertarmos os ponteiros do relógio a cada uma hora e meia e torcer para que o ônibus não quebre. Mas quando chega, é bom, pois em menos de vinte ou trinta minutos pode chegar à área sudoeste de Campina Grande: Isto, quando estamos no Cruzeiro, na saída das Malvinas. No verão, a estrada de barro desenhada por pedregulhos delimita onde termina a estrada asfaltada da estrada de barro. Daí em diante, é poeira no rosto, alguns se protegem com panos, outros nem ligam mais. Ao entrar no ônibus, encontramos pessoas de meia idade e idosos transportando sua feiras em sacos de náilon ou de pano com café, bolacha, pão, ao lado de botijões com água. Eis a viagem até ao Lucas, Estreito, Salgadinho e Catolé de Boa Vista.

Um certo dia, pegamos o ônibus do Estreito e fomos até o Lucas. De frente para a

estrada de barro havia casas, numa série, um grupo escolar, uma mercearia e mulheres nas calçadas ou sentadas no chão das salas de suas casas. Fazia calor, estando, por isso, as portas abertas. Aproximamo-nos de uma destas casas, pedimos um copo de água e conversamos com a senhora, que nos recebeu muito bem. No chão da casa havia um amontoado de feijão seco, ainda na palha, quadros de santo na parede, uma cama e tamboretas.

No dia seguinte, pela manhã, pegamos o mesmo ônibus. Desta vez, seguimos a estrada e, logo adiante do Lucas, chegamos ao Estreito, pois são duas comunidades bem próximas. Descemos em frente à Igreja Católica (ao lado o Posto Telefônico e o Grupo Escolar), destacando-se à beira da estrada de barro, que mais parece um corredor. Na lembrança de seu Carlos, com 81 anos de idade, o nome Estreito surgiu porque o caminho que dava acesso à localidade, era um corredor apertado, todo arrodado por avelós, planta que parece uns dedos compridos, de cor verde, que contém líquido leitoso dentro. Esta localidade, situada entre o Lucas e o Logradouro, segundo seu Carlos, era, inicialmente, chamada de Vargem Alegre, devido ao avelós que desenhava a passarela estreita; depois, as pessoas mudaram o nome para Estreito, inspiradas pelo corredor.

No Estreito, hoje, a maior parte dos moradores é dona de terrenos, onde se produz para subsistência das famílias. Há mulheres que trabalham alugado de segunda a sexta feira, em fazendas circunvizinhas, para ganhar R\$ 18,00 por semana, o equivalente a R\$ 3,00 por dia, valor inferior ao que é pago ao homem que, em geral, ganha R\$ 4,00 por dia. As mulheres compram café, pão, açúcar e rapadura, e da roça, em torno da casa, conseguem feijão, fava, milho, mandioca e batata doce. Algumas trabalham em terra alugada, pagando

dois sacos de milho num quadro de terra, equivalente a um hectare.

Conforme relatado por Seu Carlos, há quarenta anos, havia, no Estreito, apenas trinta residências. Não existia energia elétrica e nem se cogitava esta possibilidade, assim como se haveria escola, igreja, neste pedaço de mundo perdido no meio do mato. Só havia um Grupo Escolar, há seis anos, que servia unicamente para guardar forragem de animal. Foi então que um dos moradores juntou-se a outras pessoas, procurando assim, mudar este quadro. Através de amigos chegaram até ao Prefeito de Campina Grande, Evaldo Cruz, pediram que o grupo escolar fosse utilizado para a educação dos filhos dos agricultores da comunidade. Houve rebuliço com o pessoal que não queria que o grupo abrisse, já que o espaço estava sendo utilizado por particulares como depósito para guardar forragem de animal. Hoje, a escola está funcionando com 210 alunos, além do projeto de educação de adultos da Pastoral, que funciona na Igreja.

Segundo as lembranças de Seu Carlos, antigamente todos tinham criação, pois de tudo podia criar: galinha chinês, pato, guiné, cabra, bode etc. Criava-se em quantidade e a agricultura era toda no roçado. Era época em que não havia cercamentos de arame. Com o tempo apareceu a cerca feita de varão de avelós, de madeira bem grossa para botar o varão. Só depois de 1932 é que apareceu arame. Cercavam a terra de avelós com arame. Mas, hoje em dia, ninguém pode criar bichos sossegado, pois há muitos roubos.

Nem sempre houve ônibus de hora em hora para o Estreito como atualmente ocorre. Pessoas que moravam nos arredores do Estreito e que tinham condição de comprar um caminhão, ganhavam a vida pegando passageiros que precisavam ir para Campina Grande

todos os dias. Por meio da organização de alguns moradores, conseguiu-se que a área sudoeste de Campina Grande recebesse o primeiro ônibus, mas só até o Lucas, continuando a população do Estreito a dispor apenas dos caminhões. O que havia era um ônibus pela manhã às seis horas, e outro, à tarde, às três horas, que ia até Catolé de Boa Vista e voltava. Precisava-se de um ônibus de hora em hora até por conta dos alunos que iam estudar e precisavam chegar nos horários que saíssem da escola. Até hoje, o ônibus faz o circular de hora em hora, mas pelo menos vem até o Estreito e um sítio denominado de Logradouro.

Para a definição da divisão político-administrativa do município<sup>13</sup> o Estreito não se enquadra na definição de bairro, sendo visto como localidade, mesmo que fique a apenas 15 km do centro da cidade. Lá, percebe-se que as relações de amizade e de vizinhança do Estreito assemelham-se à descrição que CERTEAU (1997) faz do que é bairro, um espaço onde se manifesta um engajamento social, uma arte de conviver com parceiros, vizinhos, comerciantes que estão ligados entre si pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade, da conveniência. Para CERTEAU (1997), *“(O) bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é uma configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida quotidiana publica.”*<sup>14</sup>

O Estreito pode ser entendido como espaço, *“(...) um lugar praticado, pelas ações*

---

<sup>13</sup> Art. 23. O território do município divide-se em distritos, com nomenclatura própria, sendo as suas aglomerações urbanas classificadas como cidade e vilas. Inciso I. A aglomeração urbana do distrito sede denomina-se cidade de Campina Grande dividida em bairros de acordo com os seguintes requisitos: O bairro constitui-se de um espaço delimitado territorialmente, com características físicas homogêneas e de constituição histórica comum, mantendo-se nesta Lei Orgânica os limites e as nomenclaturas dos bairros da cidade, definidos na Lei n 1. 542, de 06 de maio de 1987. In: A Divisão Político-Administrativa do Município

<sup>14</sup> Michel de Certeau, 1997 p. 44

todos os dias. Por meio da organização de alguns moradores, conseguiu-se que a área sudoeste de Campina Grande recebesse o primeiro ônibus, mas só até o Lucas, continuando a população do Estreito a dispor apenas dos caminhões. O que havia era um ônibus pela manhã às seis horas, e outro, à tarde, às três horas, que ia até Catolé de Boa Vista e voltava. Precisava-se de um ônibus de hora em hora até por conta dos alunos que iam estudar e precisavam chegar nos horários que saíssem da escola. Até hoje, o ônibus faz o circular de hora em hora, mas pelo menos vem até o Estreito e um sítio denominado de Logradouro.

Para a definição da divisão político-administrativa do município<sup>13</sup> o Estreito não se enquadra na definição de bairro, sendo visto como localidade, mesmo que fique a apenas 15 km do centro da cidade. Lá, percebe-se que as relações de amizade e de vizinhança do Estreito assemelham-se à descrição que CERTEAU (1997) faz do que é bairro, um espaço onde se manifesta um engajamento social, uma arte de conviver com parceiros, vizinhos, comerciantes que estão ligados entre si pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade, da conveniência. Para CERTEAU (1997), *“O bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é uma configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública.”*<sup>14</sup>

O Estreito pode ser entendido como espaço, *“(...) um lugar praticado, pelas ações*

---

<sup>13</sup> Art. 23. O território do município divide-se em distritos, com nomenclatura própria, sendo as suas aglomerações urbanas classificadas como cidade e vilas. Inciso 1. A aglomeração urbana do distrito sede denomina-se cidade de Campina Grande dividida em bairros de acordo com os seguintes requisitos: O bairro constitui-se de um espaço delimitado territorialmente, com características físicas homogêneas e de constituição histórica comum, mantendo-se nesta Lei Orgânica os limites e as nomenclaturas dos bairros da cidade, definidos na Lei n. 1. 542, de 06 de maio de 1987. In: A Divisão Político-Administrativa do Município

<sup>14</sup> Michel de Certeau, 1997 p. 44



*dos sujeitos históricos (...)*<sup>15</sup>, onde as pessoas são reconhecidas como fazendo parte daquele espaço, devido a comportamentos da convivência codificados e decodificados para o reconhecimento de pertencer ao bairro. Ir à missa, vestir-se adequadamente para a ocasião, poder comprar fiado na venda e pagar no final do mês, o varrer o terreiro todos os dias antes que o sol es quente, o contar as novidades, as fofocas, as pessoas indo e vindo, fazendo história de vida neste dia-a-dia vivo e dinâmico da vizinhança.

Ao adentrarmos nesta localidade, querendo perceber as relações sociais da vizinhança, o bate-papo no fim da tarde, quando se chega do trabalho, as crianças vindo e indo para a escola, olhando para o fazer cotidiano de práticas individuais, das regras de convívio, entendemos, como CERTEAU (1997), que o Estreito é, antes de tudo, um lugar onde os diversos fazeres cotidianos redesenham um bairro. Percebemos que, mesmo sabendo que, ao escrever e descrever histórias de vidas que trafegam e constroem um “espaço”, não se consegue dizer tudo, porque as trajetórias, as táticas das práticas sociais, são dinâmicas, nos permitimos trazer para outros olhos uma fotografia de um lugar singular, mas que tem relação com outros lugares que são reconhecidos como bairros de Campina Grande.

Pelo caminho da pesquisa, a curiosidade de perceber o Estreito, salta-nos aos olhos com o bar-mercearia “Boa Esperança”, vendendo de bebidas a alimentos, que fica em frente à oficina de moto e de carros, em que os letreiros chamam a atenção de quem passa por ali: “*Serviço de pintura em geral: borracharia, solda elétrica (org. Naldo)*”. Naquele bar, observamos homens jovens e de meia idade, alguns desempregados, outros,

---

<sup>15</sup>Ibidem p 202

*tempo agora, estou ocupada*”, e foi fechando a janela, *“depois a senhora vem aqui em casa”*. Assim, ficou evidente que, onde estávamos, não era lugar para mulheres, mas de homem e, que se quiséssemos falar com ela, teríamos que ir até a sua casa, onde é seu lugar.

Bodega é lugar de homem que fica passando o tempo, já que não tem serviço, nem nada para fazer. Os homens ficam tomando cerveja, quando não é uma cachaça brejeira, paga por algum colega que chegou de São Paulo. No caso, um chegara para o enterro do irmão mais velho. Isto os ajuda a passar o tempo, esquecer a vida. Mulher de respeito não fica ali, não. Todos nos olhavam, ali, conversando com aqueles homens. O lugar de homem e o lugar de mulher são delimitados pela bodega e pela casa.

## **1.2. Poder Vindo das Águas**

Nos períodos de chuva, o dia para os agricultores começa bem cedo. As mulheres acordam por volta das quatro horas da manhã para cuidar da casa. Aprontam o almoço, vão buscar água nos tanques que, na maioria das vezes, ficam distantes. Depois seguem rumo ao roçado, onde passam a maior parte do dia. Durante o verão, quando só tem a poeira, secura por todo lado, ficam em casa comendo o bocado de feijão e farinha, produtos da roça que, mesmo escassa, ainda é o que faz escapar da fome.

Outro desafio nos períodos de seca é que os moradores do Estreito ficam à mercê dos tanques públicos, construídos em frente a algumas casas, administrados pela dona do

aposentados de chapéu na cabeça, que ficam a “jogar conversa fora”, ou ficam por ali, calados, olhando o vento, a vida andar. Assim, compreendemos que o bar-mercearia significa, para as mulheres, um lugar de passagem, indo apenas comprar o necessário para casa, enquanto que, para os homens, representa um lugar onde podem passar o tempo, tomar uma cerveja, uma cachaça, trocar idéias, colocar as novidades em dia e até jogar uma partida de sinuca. Em meio a estas idas e vindas, no Estreito, ainda há conquistas a serem alcançadas, como é o caso da falta de água, que atormenta a vida dos moradores.

Aproximamo-nos da mercearia, pois estávamos à procura dos homens do Estreito para entrevistá-los, pois, nas casas a que íamos, os maridos das mulheres nunca se encontravam, mesmo sendo tempo de seca e sabendo que muitos deles não tinham viajado. Quando começamos a conversar percebemos que eram os maridos e companheiros das mulheres que estavam em casa sozinhas, e que diziam que eles estavam “*na casa do pai ou por aí,*” mas nunca contavam que poderiam ser encontrados na mercearia, na bodega. Foi quando entendemos que o lugar para encontrar os homens não era em casa, mas nas bodegas tomando uma pinga. Assim como um dos entrevistados bem disse: “*aqui os homens deixam de pagar a conta de luz para beber cachaça*”.

Nesta tarde, terminamos ficando na bodega conversando com alguns homens, pois a pesquisa suscitava isto, já que não os encontrava em casa. Então teríamos que ficar por ali mesmo, aproveitando e observando como eles deixavam o tempo passar. Percebemos que a mulher, filha do dono, que morava ali na mercearia, veio fechar a janela, olhando-nos enviesadamente, como se não fôssemos muito sérias, por estarmos ali na mercearia rodeada de homens e conversando com eles. Tentamos uma apresentação e ela disse: “*não tenho*

terreno, como explicita Dona Marluce. *“quando o tanque é cheio pelos carros pipas, é um Deus nos acuda”*, devido à luta dos moradores para encher seus depósitos de casa para o consumo da semana. Os mais afortunados do lugar, os aposentados que trabalham em Campina como vigilantes, empregadas domésticas, prestadores de serviço da escola pública, ou ainda mulheres que recebem dinheiro dos maridos que trabalham em outras cidades como pedreiro, vigilante, garçom etc, podem comprar água, vendida por alguns comerciantes que têm carros-pipa particulares. Há também raros casos de famílias que conseguiram construir seu próprio tanque, pagando, por mês, para enchê-lo. Isto é privilégio de poucos, porque, como Dona Maria comenta *“Quando o caminhão deixa aqui a água, quando a mangueira sai do reservatório não tem mais um pingo d’água dentro, basta a gente ver isso”*.

Algumas casas abertas, abandonadas, que encontramos, no Estreito, significam que a dona da casa foi morar em Campina Grande, tendo, através de ocupações de terrenos, conquistado uma moradia mais perto da possibilidade de trabalhar como faxineira, lavadeira. Outros mantêm seus roçados, no Estreito, garantindo, assim, o milho e o feijão, quando a chuva permite, retornando, então, para cuidar da terra e da plantação. *“Como se tivesse plantado o umbigo no Estreito, relata Seu Carlos, (...) porque quando a pessoa ver um trovão nessa região e está fora daqui fica maluca para vim embora, para ver como está a situação”*. A falta de água e de emprego são os motivos das migrações, como conta Seu José que já levantou muito de madrugada, para roubar água no Lucas, no Capinsão e quando chegava em casa ia trabalhar no alugado.

### 1.3. De lá pra cá, Daqui pá lá

As condições de vida, no Estreito, deixam marcas que são vistas momentos depois, como, por exemplo, o caso de famílias em que o homem emigra em busca de trabalho nos centros urbanos. Vai sozinho, deixando sua família esperançosa pelo retorno. Esta prática tem se tornado cada vez mais presente. Em muitos casos, os maridos vão, na certeza de conseguirem emprego e poderem buscar os que ficaram; em outros, prometem mandar dinheiro todo mês, mas nem sempre isto ocorre, havendo casos em que os maridos não retornam mais, deixando suas famílias, cabendo a mulher assumir o papel de chefe de família. As migrações são estratégias de sobrevivência deste povo que luta de várias maneiras por dias melhores, ocorrendo, assim, *"(...) grande número de famílias (...) "abandonadas" que se encontram na região, cujos "chefes" foram para o "Sul" nos últimos anos e por lá ficaram"*<sup>16</sup>.

A história de Dona Marluce (Cf. Capítulo Segundo), que, há mais de cinco anos, assumiu a chefia da sua família devido à migração do marido para São Paulo: sem retorno, demonstra uma singular trajetória de vida de *"(...) viúva de marido vivo (...)"* conforme descrição dela e das outras pessoas. Assim, quando no referirmos a estas singularidades usaremos esta definição, de uma história de mulher sem marido que se destaca em relação a outras mulheres que ainda contam com seus maridos, em casa, para dividir as responsabilidades.

Com a falta de trabalho, os homens do Estreito procuram serviço em usinas de

---

<sup>16</sup> MARIN, Maria Cristina de Melo. Migração sem Urbanização. In: Raízes, n° 4-5, Mestrados em Economia e Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1984/5, pp. 197-203.

açúcar (Catende, Barreira, Maravilha) em Pernambuco, passando de dois a três meses nos períodos de colheita da cana de açúcar, retornando logo após a colheita. WOORTMANN (1990) entende esta migração como sendo do tipo circular (referida como viagem), em substituição às migrações definitivas (referidas como saída), como aquelas realizadas para o sul do país, predominantes, no Estreito, há cinco, seis anos atrás<sup>17</sup>, pois segundo seu Bené “(...) o Rio de Janeiro e São Paulo hoje são ilusões, não é mais como era na época de 70-72 (...).”

Hoje, as migrações são realizadas por homens e mulheres, entre 18 a 50 anos, para metrópoles como Recife, Fortaleza ou para cidades de médio porte como João Pessoa. Seu Bené, 42 anos de idade, casado há mais de vinte anos com Dona Mara, com quem tem quatro filhos, foi para o Rio de Janeiro mais de cinco vezes “tentar a vida”, deixando a família no Estreito, pois, segundo ele, sozinho poderia se virar em pensionatos com dormitórios coletivos, barateando os custos, economizando aluguel. Mostra que tudo que ele tem, agradece ao Sul, pois aqui, no Estreito, só consegue o feijão, o milho, uma macaxeira, o que dá para ir passando. Sempre voltava, pois a família o prendia aqui. Se não fosse isto não teria retornado, pois não queria fazer o que muitos homens fazem: vão e por lá ficam, arranjam outra mulher, deixando para trás a família.

Seu Bené diz que o que lhe fazia pensar e voltar para sua família era a sua responsabilidade como marido e pai. A educação que recebera dos pais foi a de ser um homem de bem e cumpridor de seus deveres (Cf. Capítulo Terceiro), do compromisso de guardião da família, o que é muito forte para ele, como homem de palavra e de

---

<sup>17</sup> A esse respeito consultar Marilda de Menezes. “Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba” (migração, família, e reprodução da força de trabalho). 1985. P. 79 – 104.

responsabilidade. Segundo Seu Bené, o problema maior de não ir embora para o Sul, novamente, é a falta de moradia, pois aluguel é muito caro e não compensa. Se não fosse isto, ele levaria toda a família embora, mesmo contra a vontade de dona Mara que se recusa a sair do Estreito e não se agradava das viagens que ele fazia para o Rio, já que: *“(...) a situação obrigava ele a sair para fora, eu ficava muito constrangida, mas suportava assim mesmo.”*

Hoje, Seu Bené viaja para lugares próximos, como Pernambuco, para a colheita de cana de açúcar, na época do verão. Ele acabara de chegar, pois, na semana anterior, havia feito uma viagem para aquele Estado, para cortar cana, na usina Maravilha, mas teve que retornar antes para acompanhar um colega ao hospital. Seu Bené relata que já passou muita fase ruim em Pernambuco, ficando no meio daquele monte de gente, para mais de quinhentos peões, dentro de um acampamento velho no escuro, fazendo a própria comida: *“com as nossas mãos mesmo”, fazendo o 40..o quarenta é o cuscuz que a gente faz dentro de uma cuscuzeira, lá a gente pega 4,5 cuscuz joga lá dentro, mistura com feijão e o que tiver. Isso aí é um quarenta, pra que? pra sobreviver e isso é até bom. É, a vida minha é essa, entendeu filha?”*

As famílias procuram de várias formas escapar das dificuldades enfrentadas pelo empobrecimento da terra, pela falta de água e de recursos. É comum que as filhas mais velhas trabalhem como domésticas em Campina Grande, cujo salário termina por ser uma fonte alternativa de renda família, assim como há casos de moças que foram para o Sul com as patroas aqui de Campina Grande, como o caso de Inês, com 28 anos, uma das filhas de Dona Carmem que, há mais de cinco anos, mora em São Paulo: na mesma casa da família que a levou como empregada doméstica. Ela ganha três salários mínimos e, por ser solteira

e não gastar com aluguel nem com alimentação, consegue juntar dinheiro, sonhando em um dia comprar sua casa em Campina Grande para, um dia, voltar. Há histórias de pessoas que já foram embora, voltaram e reconstruíram suas casas de taipa. Pessoas que, lá fora, aprenderam uma profissão e hoje trabalham em Campina Grande, vendem a casinha lá e reconstróem a que deixaram no Estreito. Estas famílias procuram de várias formas escapar das dificuldades enfrentadas pelo empobrecimento da terra e pela falta de água.

#### **1.4. Frentes de Emergência**

As frentes de trabalho implantadas pelo governo como alternativa para que o pequeno agricultor não tenha que abandonar sua casa e tentar a vida longe, pagam meio salário mínimo ao trabalhador. Nas frentes de trabalho há mais mulheres, porque os homens partem para outras atividades, como frisou Seu Carlos *"(...) meio salário por mês numa casa não dá para quase nada (...)"* As mulheres trabalhavam cavando terra, carregando carrinho de mão, muitas vezes amamentando. Há casos de mãe passar da hora de amamentar o filho; mediante estes problemas, criou-se a Associação e daí para cá vem se conseguindo muitas coisas.

A participação da mulher nas frentes de trabalho deu-se através da conquista, já que, no início, só era permitida a presença de homens. A partir de informações acerca da participação inicial apenas de homens nas frentes de trabalho, entendemos que o alistamento apenas de homens tem a ver com a representação de ser o homem o provedor, além de ser capaz de assumir o trabalho pesado exigido para a construção de barreiros, e coisa parecida.



As frentes de trabalho eram para limpar barreiros, ou até começar outros barreiros, mas, depois de se haver conseguido que a mulher pudesse também ser contratada pelas frentes de trabalho, observam-se: “(...) *as mulheres trabalhando cavando terra, carregando carrinho de mão, amamentando. Dono de barreiro lá que se dizia encarregado deixava que as mães passassem da hora da mãe vim amamentar.*” (Seu Bené). Este foi o caso de Dona Dalva, que trabalhou numa frente de trabalho carregando pedra, espalhando as pedras, o barro. O irmão dela era o encarregado da turma, ele a levou, com outras quatro mulheres, para fazer o barreiro. Como ela relatou: “(...) *eu ainda trabalhei tudo isto, quando chegava aqueles dias do pagamento, esse menino chorava, pedindo para eu ir para a rodoviária comprar a passagem para eu ir embora com ele para São Paulo: ele não podia entender que meio salário não dava (...)*”.

É interessante notar, através da história de Dona Dalva, que ela fazia serviços ditos pesados, por isso reconhecidos como sendo para homem. Dona Dalva demonstra ter disposição e capacidade para realizar este tipo de trabalho. Isto tem a ver com o costume dos corpos destas mulheres com o trabalho na agricultura pois, desde pequenas, acostumaram-se a trabalhar na enxada, mesmo não sendo reconhecidas como trabalhadoras.

## **CAPÍTULO SEGUNDO**

### **O “EITO” DO HOMEM, A ROÇA DA MULHER:**

*Trabalho e Ajuda, as duas faces da moeda.*

*“Poder-se-ia pensar que mulheres e crianças desempenham certas tarefas porque, de fato, estas são leves por sua própria natureza. Mas não é assim. Na verdade, qualifica-se trabalho em função de quem o realiza... Trabalho leve e pesado são... categorias que variam segundo o sexo do trabalhador (...).”*

*(Paulilo apud Suárez)*

é de responsabilidade do homem, advém do período vitoriano, época de valorização do espaço público, em contraposição ao trabalho doméstico e ao cuidado das crianças como o lugar da emoção, do amor.

A criação de bichos, o roçadinho em volta da casa, o fogão, as linhas e agulhas para o conserto de roupas, o choro das crianças, juntos formam o mundo do feminino, constituidores da imagem da mulher “rainha do lar”. Por outro lado, imagina-se o pai que chega suado da lida, com as mãos grossas de calos pelo trabalho árduo de cavar lerão, bater pedra, de arrancar tronco, trazendo o pagamento do seu trabalho para manter a casa. Eis a imagem construída sobre o dia de famílias que vivem do cultivo da roça, do suor da enxada. Mas as mulheres do Estreito estão também no “eito”, seja junto ao marido e filhos ou sozinhas, como Dona Leda. Há realidades de mulheres que trabalham no eito, ao lado dos maridos, atividades estas percebidas como “trabalhinho à toa” ou ajuda, e outras, sem marido, que são percebidas como “mulheres que trabalham feito homem<sup>21</sup>”.

Assim, a pesquisa de campo suscitou-nos estas categorias que servem para classificar o trabalho feminino, no “eito”, destacando um deslocamento destas mulheres dos lugares que foram naturalizados como próprios de mulheres, possibilitando a percepção da vida e a representação acerca das mulheres que “trabalham feito homem”, em relação às mulheres que “ajudam” os maridos. Também percebemos que nos momentos em que não há trabalho na agricultura, devido à seca, as mulheres, tanto aquelas que “ajudam” os maridos como as que não têm marido para ajudar, encontram outras maneiras de ganhar dinheiro para manter a família, não sendo a agricultura o único meio de trabalho desta comunidade.

## 2.1. “Trabalhinho à Toa”

O trabalho agrícola foi masculinizado pela mentalidade patriarcalista da sociedade ocidental. Quando a mulher o exerce junto ao homem- marido, sua participação passa a ser vista como “ajuda.” Assim, interessamo-nos por perceber a representação acerca do trabalho da mulher, em contraposição às práticas que transcendem o imaginário social sobre o feminino, possibilitando reelaborações ou reforços das idéias que são fixadas como verdades absolutas. A partir desta observação, verificamos dois tipos de imagens de mulher. Uma, é a existência de mulheres que são vistas como homens, por trabalharem sozinhas para sustentar a casa; outra, é a das mulheres que trabalham na agricultura, ao lado do marido, além de trabalharem em casa e em outras atividades, para somar no orçamento familiar.

Entende-se que essa compreensão perpassa a idéia de que o trabalho no campo para a mulher seja a extensão da casa, sendo visto como “ajuda”. A sociedade naturalizou esta distribuição de papéis, baseando seu discurso na idéia de que a mulher seja “frágil”, “dependente”, “emocional”, em contraposição ao homem, “forte”, “determinado” e “racional”. Esta divisão sexual do trabalho foi observada por meio da conversa que tivemos com Dona Antônia, 42 anos, casada, mãe de quatro filhos, quando ela disse: *“Só faço plantar, o marido é quem limpa, que toma conta, eu trabalho pouco, só ajudo”*

Ou, como se pode notar com a experiência de vida de Dona Carmem, de 66 anos, casada com seu João há 40 anos, com quatro filhas e um filho, todos já adultos. Duas filhas

de Dona Carmem moram no Rio de Janeiro há mais de 10 anos e trabalham em casa de família, conseguindo, assim, mandar algum dinheiro para a mãe que, por não ser aposentada, depende exclusivamente “da boa vontade” do marido, que não lhe compra roupa ou coisa parecida. As outras filhas moram em Campina Grande, em casa de amigos, e trabalham também como domésticas. O rapaz, que trabalha como vaqueiro, numa fazenda em Capim- Grande, vem em casa esporadicamente e não ajuda os pais, pois está preparando-se para casar.(Cf. Capítulo Segundo).

Na casa de Belinha, conversamos com seu pai, Seu João, pois ele estava só em casa. Sua esposa estava fora, na casa de vizinhos ou conhecidos. Seu João estava preparando o cigarro da tarde, pois havia, embaixo do tamborete, o fumo de rolo, uma faca peixeira em cima de uma tábua de madeira, já bem antiga. Seu João recebeu-nos bem, já que estávamos chegando com Belinha. Ele não demonstrou medo ou receio, como em outras casas em que chegamos sozinhas. Apresentamo-nos a seu João e sentamo-nos nas poltronas da sala. Daí, começamos a conversar. Repetimos mais de uma vez as perguntas para que seu João entendesse, ou passasse o nervosismo de ter que dar uma entrevista. Ele mostrava-se tímido, ao responder às perguntas, esfregava uma mão na outra, às vezes passava a impressão de estar temeroso, cuidando sempre de falar direito, sempre se policiando. Falava pouco, precisando que sempre lhe perguntássemos algo, para que ele continuasse a relatar sua história de vida.

No meio da conversa, seu João ofereceu-nos café, mandando que Belinha fosse fazer, mas não aceitamos. Aqui e ali, ele dizia que não tinha mais nada a dizer. Mas quando lhe perguntávamos alguma coisa, ele respondia rapidamente com pequenas frases. Seu João

demonstrou bastante interesse quando começamos a falar sobre seu trabalho na agricultura, que, segundo ele, é um lugar onde a mulher não tem capacidade para trabalhar só, sem a orientação do homem. Neste caso, o homem era ele, pois se deixasse esse trabalho nas mãos da mulher, não haveria lucro.

O lucro é resultante do trabalho ativo do homem, demonstrando sempre a imprescindível participação do homem na labuta da roça. Já os serviços de casa, a mulher fazia sem precisar do homem, por ser coisa de mulher, além de ter as filhas menores para ajudá-la em casa. Já estava perto das 16:00 h, Dona Carmem vai chegando em casa, despedimo-nos de Seu João, enquanto Dona Carmem, mulher extrovertida, alegre, leva-nos juntamente com Belinha, até ao ponto de ônibus. Devido à hora, marcamos a entrevista para o outro dia.

Voltamos, no outro dia, no ônibus das 15:00 h, para entrevistar Dona Carmem. Ela já estava por ali, no terreiro da frente da casa, entre os pés de palma, esperando-nos. Parecia até que ia vai fazer alguma coisa escondida. Estava à nossa espera para conversarmos a sós. Demo-nos muito bem. Ela não tinha vergonha de falar, o que, talvez, seja um dos méritos da sua experiência de vida, que a fez assim. Segundo ela, não havia mais nada a dizer, só que não era feliz no casamento, "só tenho tristeza e sofrimento".

Dona Carmem sente-se à vontade na frente do gravador. Estávamos sentadas numa pedra e Dona Carmem na cadeira que ela havia pegado para nós, em baixo de uma árvore onde o vento batia na gente. Daí, chegam Belinha e Geane, duas filhas de Dona Carmem. Dona Carmem sente-se mais à vontade ainda e continua falando e sempre preocupada em

falar baixo e vendo se o marido e ou o cunhado não apareciam, já que estavam na sala trocando conversa.

Dona Carmem comenta que suas filhas começaram bem cedo a trabalhar na roça. A partir dos 10-12 anos de idade seguiam rumo ao roçado para complementarem a renda familiar. Independentemente de haver irmãos na família, as meninas, desde logo, convivem com a realidade de associarem serviços domésticos aos serviços agrícolas, mesmo que ainda de maneira incipiente, mas isto passa a ser vivido por elas logo. No caso de que haja irmãos pequenos, se há um menino e uma menina que podem ficar cuidando da casa, esta tarefa sempre fica a cargo da menina. Podem ser observadas tais experiências nas trajetórias de vida das informantes que conhecemos e nos relataram histórias similares. Todas iam e pegavam duro na enxada

*“(...) não importava se era sábado, ou domingo. As mais velhas e mais novas iam para o roçado, ficando apenas uma em casa para tomar conta e fazer os trabalhos domésticos, faziam todo tipo de trabalho, serviço de homem mesmo (...)”*

A conversa com Seu João, antes de Dona Carmem chegar em casa, nos mostra um detalhe curioso, como o fazer cotidiano revela as táticas dos sujeitos sociais, que muitas vezes burlam os modelos que aqui e ali eles dizem viver e acreditarem serem certos. Com referência ao trabalho agrícola feminino, é demonstrada uma imagem contrária ao que acontece no dia a dia desta família. Para Seu João, o marido não deve deixar a mulher trabalhar alugado, porque é muito pesado, além de ser vergonhoso para um homem as pessoas verem que a mulher precise trabalhar alugado.

Segundo Seu João, isto demonstra que o homem-marido-pai não está conseguindo manter a família com o seu trabalho, além do trabalho alugado não ser adequado às mulheres pelos seguintes motivos: é pesado para que a mulher o realize, já que, no alugado, o trabalhador deve o horário previsto no acordo feito com o contratante, não sendo possível que descanse, como pode fazê-lo no terreiro de casa, ou no pedaço de terra da família: a mulher rende menos no trabalho do que o homem; o tempo dos serviços de casa, tirando a mulher de suas responsabilidades.

*“É o mesmo trabalho, mas faz vergonha não sabe, porque o trabalho no eito não é como o da gente, né? A senhora está trabalhando no seu ai, se quiser, se senta, se quiser, vai para casa, e no eito é hora certa para trabalhar demais, muito, né? Tem que trabalhar aquelas horas completas todinhas, não fazer feira nem nada. Trabalhar muito. Eu acho que não é certo porque a mulher não faz o tanto de serviço que o homem faz no roçado, não, porque é um serviço assim mais... trabalhar alugado, a mulher sai para trabalhar alugado é... não acho muita graça, não viu?”*

*(Seu João -70 anos).*

A mulher, trabalhando na roça, tem uma conotação específica nos discursos do homem-marido, que se refere ao trabalho como uma coisa própria do homem, principalmente quando diz respeito ao trabalho alugado. Encontramos nas falas deles, mesmo que apenas teoricamente, o lugar ocupado pela esposa. Trabalhar fora de casa, em troca de pagamento, é de responsabilidade do homem-pai, enquanto cabe à mulher a tarefa de cuidar da casa, da educação dos filhos, da criação de animais, de catar lenha, da agricultura no terreiro de casa. Estas atividades, que não são consideradas como trabalho, são associadas ao feminino de maneira natural.



Para HEREDIA (1984:30), trabalho é sinônimo de atividade remunerada. Por ser o roçado o lugar garantidor do consumo da família, essas atividades são consideradas como trabalho. Por oposição a elas, as atividades desempenhadas no âmbito que corresponde à casa, não são consideradas como tais. Diferente disto, o não trabalho é reconhecido como atividades desenvolvidas por mulheres e filhos, tidas como femininas que são: atividades domésticas, que cuidam da alimentação da família, da limpeza da casa, do cuidado com a roupa, da educação dos filhos; atividades que contribuem para o sustento da família, como cuidados com a horta e animais, obtenção de água e combustível para casa; atividades destinadas ao mercado; atividades comerciais relacionadas com a compra e venda de produtos e animais. A casa é percebida como lugar de consumo, por ser o locus de preparação dos alimentos e inclui o terreiro, onde fica a criação de animais como porco, galinha, bode etc.

Como  
de casa  
mo.

Conhecemos casos de mulheres que não se limitam à casa e ao terreiro, conforme imaginário social estimulado por uma lógica estruturante, de divisão sexual do trabalho. Ao contrário disto, há casos de mulheres do Estreito que estão no eito realizando atividades que foram denominadas como sendo de homens pela ótica sexista empreitada pelo projeto capitalista de separação dos espaços de homens e de mulheres. Pode-se perceber diferentes pontos de vista acerca desta questão, pois:

*"O invisível é desvendado no plano simbólico, na caracterização do trabalho "complementar", "de ajuda", "acessório". Ou no dizer de Beck et al. (1981), "um trabalhinho à toa". O mecanismo para descortiná-lo consiste na identificação dos espaços sexuados."*<sup>22</sup>

<sup>22</sup> CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lena. Do Feminismo ao Gênero. A Construção de um Objeto. In: OLIVEIRA COSTA, Albertina e BRUSCHINI, (Maria) Cristina (Ord.) Uma Questão de Gênero. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa

Mesmo pretendendo visualizar o trabalho da mulher, as autoras permanecem distinguindo e separando os espaços de produção e de reprodução e terminam por trabalhar as oposições casa versus roça, privado versus público, dentro versus fora, consumo versus produção, de modo a discernir onde estão as mulheres e o que fazem. Para RAGO (1985), o conceito de divisão sexual do trabalho foi constituído historicamente para a delimitação dos espaços destinados a homens e a mulheres como dois mundos opostos. Desta maneira, esta autora não apenas mostra as separações dos espaços de maneira sexista, como também a desnaturaliza.

As mulheres são destinadas as tarefas domésticas, sendo delas os papéis de mãe, esposa e educadora dos filhos. Para os homens, fica a tarefa de manter a família através do trabalho produtivo. A relação homem-mulher é formada pela ambivalência emoção e razão, fragilidade e força. Masculino e Feminino são conceitos definidos a partir de papéis socialmente construídos, por meio de qualidades diferentes dirigidas ao homem e à mulher. Na interpretação de Mary G. Castro e Lena Lavinas:

*"(...) a subordinação da mulher na pequena produção camponesa já é dada por sua posição subordinada na família, o que faz com que sua participação na lavoura só ocorra em momentos de necessidade. Por ter a roça prioridade sobre a casa, o trabalho feminino é considerado secundário em relação ao do homem. A divisão sexual do trabalho dar-se-ia, portanto, apenas entre trabalho doméstico e trabalho produtivo..."<sup>23</sup>*

Ou, ainda, conforme a seguinte percepção: *"A sociedade investe muito na naturalização do processo de fazer acreditar que a atribuição do espaço doméstico é da*

---

dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 228.

<sup>23</sup> Idem, ibidem.

*mulher devido à sua capacidade de ser mãe.*<sup>24</sup> Ao contrário da observação realizada pelas autoras sobre a naturalização que a sociedade faz acerca de ser a casa o lugar da mulher, observa-se, no Estreito, casos de mulheres cuja participação na agricultura ocorre em vários momentos e não apenas nos considerados necessários pelo homem de ter uma ajuda complementar em situações específicas. Também o trabalho agrícola feminino não está estritamente relacionado às suas características biológicas e funções reprodutivas, já que temos casos de mulheres que trabalham grávidas. Para não deixar de receber o pagamento do alugado, Dona Carmem ia trabalhar sozinha e grávida.

Torna-se contraditório o que Seu João fala em relação a algumas de suas práticas que não são reveladas por ele, numa demonstração de receio por alguém perceber que ele não desempenhou o papel de provedor requerido socialmente, na medida em que se observam relatos feitos por sua esposa, Dona Carmem, e pela filha, que mostram suas vidas relacionadas com o trabalho alugado na agricultura. Até mesmo grávida, Dona Carmem, tem uma história de trabalho freqüente na agricultura, sozinha ou com suas filhas, enquanto o marido não aparecia no "eito" por muitas vezes encontrar-se na bodega bebendo, esquecendo da responsabilidade que ele mesmo referiu ter como homem e chefe de família. A condição da maternidade não impediu Dona Carmem de trabalhar na roça, questionando-se, assim, a ótica biologizante da divisão sexual do trabalho. Em contraposição à representação de Seu João acerca da capacidade de trabalho das mulheres, Dona Carmem comenta:

---

<sup>24</sup>SAFFIOTI, Heleieth I. B. O Poder do Macho. São Paulo: Moderna, 1987, p. 9.

*“Oxente! Trabalhava! Eu não esqueço não, o homem já morreu, mas eu não esqueço, passou por mim, eu agoniada com um buchão trabalhando na enxada, ele disse: “Cadê seu João?” Eu disse: tá acolá! “Diga a ele que você não está podendo trabalhar, não!”, ele disse. Eu nem sei se eu disse para ele que também ele não entendia, e eu esbaforida com um buchão na enxada brava.”*

*(D. Carmem - 66 anos).*

O trabalhar no “eito”, no pesado, requer capacidade física, disposição, coisa de homem, cabendo à mulher ter filhos, lidar com a afetividade, com a sensibilidade, não podendo, assim, ocupar um lugar que não foi feito para ela. Assim, o trabalho pesado versus trabalho leve aparece como uma ambivalência delimitadora dos espaços a serem ocupados pelo masculino e pelo feminino. É interessante notar que, na roça de casa, a mulher realiza os mesmos serviços feitos no eito, mas o homem continua a perceber que este lugar é dele; portanto, quando ocupado pelo casal, é ele, o homem, quem trabalha, restando à mulher a condição de ajudante.

Mas, como nem sempre o que é dito condiz com o que é feito, em todas as famílias que conhecemos no Estreito, as mulheres, sejam elas casadas ou viúvas, vão para o eito, trabalhar, além de cuidarem de todas as tarefas consideradas “leves”. Nesta ida das mulheres-esposas ao “eito”, percebemos que o homem-marido refere-se à participação feminina como “ajuda” a ele, o trabalhador.

Podemos verificar esta representação em alguns relatos feitos por homens como Seu Carlos, 81 anos, quando diz que *“Ela veio trabalhar na agricultura depois que a gente casou. Eu é que sou da agricultura, não é? Ela me ajudou muito. Ela não trabalhava,*

não!”, ou como outro senhor diz que:

*“(...) ela me ajudava muito a trabalhar, criava bicho, eu passava uma semana fora de casa, ela era mais trabalhadeira do que eu, botava água, batia feijão, fazia todo o serviço, foi quem me ajudou a criar a família. E também nos de r algumas mulheres, como Dona Maria, 66 anos que diz: “Eu trabalhava! Do roçado, eu carregava água, eu ajudava em tudo.”*

Seu Manuel, 70 anos

*o ôk as mulheres  
percebem que é ajuda -*

“Ajudar<sup>25</sup>” quer dizer auxiliar alguém a fazer alguma coisa. Eis a posição da mulher- esposa. Não é apenas o homem que se refere ao trabalho feminino como ajuda, a mulher também enfatiza a representação social compartilhada em seu grupo de convívio, de ser o seu trabalho no eito um complemento, um auxílio ao trabalho do homem-marido. Mas percebeu-se contradição em alguns discursos de homens e de mulheres quando se referiam ao quanto a mulher trabalha, como relatou Belinha sobre sua mãe, Dona Carmen. *“A mulher trabalha mais do que o homem, limpando mato. Porque ela tinha mais coragem do que ele, porque ele empreitava o serviço e era ela quem tirava a tarefa.*

Perceber o trabalho alugado da mulher-esposa na agricultura como ajuda ao homem tem a ver com a divisão sexual do trabalho realizado há muito tempo pela sociedade ocidental-capitalista, difundida como verdade absoluta e reforçada por instituições como a família, a igreja, a escola etc. A acepção da divisão sexual do trabalho elaborada construiu a

<sup>25</sup> O Censo Agrícola entende como ajuda a atividade produtiva das mulheres que combinam o trabalho agrícola e o trabalho doméstico e, neste sentido, a instrução é: “Registrar, além do responsável pela exploração (proprietário, administrador, arrendatário, etc.), os membros da família que o ajudem permanentemente nos trabalhos agrícolas sem perceber remuneração alguma. SUÁREZ, Mireya. Mulheres e Desenvolvimento Agrícola no Brasil: Uma Perspectiva de Género. Brasília: IICA, 1992, p. :5.

idéia do trabalho leve e do trabalho pesado, localizando o lugar do feminino e do masculino. Atividades de âmbito doméstico, foram associadas ao feminino, enquanto as que requerem força física são de responsabilidade masculina. Podemos encontrar em diferentes discursos esta representação compartilhada nas relações sociais entre o feminino e o masculino:

*“Nos serviços de dentro de casa ele não falava nada. Agora, na roça ele brigava, enquanto eu estava plantando a lavourinha, enquanto eu estava, eu tinha o direito de limpar o mato. Agora, quando estava maduro e tudo, eu não tinha direito de ir não. Só era para tirar bage quando ele tirasse, era tudo coisa ruim para mim.”*

*(D. Carmem - 54 anos).*

*“Não, porque a gente trabalhava, é claro que deixa os filhos em casa, mas quando a gente chega em casa é tudo desmantelado, que eu não vou querer que um filho homem... Ele faz as coisas dele, bota água, mas para arrumar as coisas de casa é claro que é tudo desmantelado, eu só estou em casa no sábado para o domingo. Oxe, eu é direto, porque a semana todinha, sabe como é, é roupa para lavar, a casa toda desmantelada, quando é que uma menina dessa arruma a casa, mas é porque ela é meio preguiçosinha, né?”*

*(D. Leda - 40 anos)*

*“Serviço de casa quem tem que fazer são as mulheres mesmo não é? Porque homem não vai lavar prato, não vão passar roupa.”*

*(D. Lourdes - 58 anos)*

A oposição casa/roçado delimita a área do trabalho e do não trabalho, assinalando os lugares feminino e masculino relativos a essa divisão. Tratar da divisão sexual do trabalho a partir de uma perspectiva generalizante faz com que não se percebam as pessoas como sujeitos históricos e sociais, com trajetórias de vida singulares. LOBO (1991) parte da noção de que não há fatores naturais, inerentes ou lógicos que instituem a divisão sexual do trabalho, mas que existe uma construção social de práticas e relações de trabalho cuja

coerência reside na articulação, muitas vezes simbólica, de vários fatores e não apenas de um. Entendendo a divisão do trabalho sob este prisma, permite-nos ver distintas experiências e pontos de vista dentro de uma mesma comunidade em que todos os personagens envolvidos atuam na mesma arena histórica.

Ressalta-se a experiência de Dona Jacira, 65 anos, casada há 46 anos com Seu Manuel, 70 anos, que tiveram vinte e três filhos, dos quais criaram treze, e moram no Estreito há 55 anos. Durante 14 anos viveram em outros lugares como Galante (distrito de Campina Grande), por 4 anos, e, depois, em Vargem Braba (zona rural campinense), por 10 anos. Nos períodos de seca, seu Manuel pegava a família, botava os filhos pequenos num “caçua” e ia passar uns tempos em casa de parentes (compadre, irmãos) no Brejo. No inverno, voltavam para casa, pois, segundo eles, a terra, no Estreito, era muito boa e, quando o ano era “invernado”, todos lucravam. Quando não era na lavoura da família, viviam do trabalho alugado. Todos os filhos e filhas cresceram trabalhando: “quando eu ia para o roçado eram oito enxadas” (Cf. Capítulo Terceiro). Segundo Seu Manuel mesmo, quando o tempo era muito ruim, quando não lucravam nada, eles atravessavam as dificuldades um apoiando o outro. Dona Jacira ajudava muito trabalhando, criando bichos, enquanto ele passava uma semana fora de casa trabalhando em outros lugares e ela ficava e ela compara:

*“(...) era mais trabalhadeira do que eu, ela já desse jeito, ela botava água, ela batia feijão, fazia todo serviço, foi quem me ajudou a criar a família. Primeiramente Deus e quem ajudou a minha vida todinha foi ela. Tanto o homem como a mulher pode fazer o trabalho no roçado da mesma forma, depende de como aprendem e da disposição também deles, né? Que nem todo mundo é um só, né? Tudo trabalha, tudo dá certo.”*

*(Seu Manuel - 70 anos)*

*“Moía milho, botava água(...) quatro horas da madrugada quando ele ia trabalhar fora, no Brejo, eu me levantava, quando o dia amanhecia já estavam as coisas todas feitas e os meninos todos deitadinhos, me levantava de madrugada, cuidava na casa, ainda hoje me levanto, três horas da madrugada.”*

*(D. Jacira - 65 anos)*

Seu Manuel fala do empenho de Dona Jacira no cuidado da família, mesmo percebendo o trabalho dela como ajuda. Para seu Manuel, a esposa enfrentou os momentos mais difíceis, trabalhando duro, demonstrando ser até mais trabalhadeira do que ele, o homem da casa. Mesmo com dificuldade para andar com maior agilidade, devido aos pés serem virados para dentro, Dona Jacira deu conta de tudo, batia feijão, quebrava e moía milho, lavava roupa longe de casa, entre outras atividades.

Nestes discursos, encontramos a representação tácita sobre o trabalho de homens e o de mulheres como dois mundos distintos, separados e específicos. Os homens com quem conversamos mostraram que, na agricultura, eles são os titulares, os donos do lugar, restando aos demais (mulheres e filhos) atendê-los, respeitando suas diretrizes e comando. Ajudar tem a ver com o deslocar-se do seu lugar e invadir o espaço do outro, onde você poderá vir a ser ator coadjuvante do ator principal. Podemos saber mais sobre isto nas situações em que o homem venha a fazer alguma atividade de responsabilidade do feminino. Seu João comenta que nunca ajudou Dona Carmem nos serviços de casa, já que as filhas foram crescendo logo e faziam as obrigações delas. Já Seu Manuel diz que há momentos em



que o homem tem que fazer trabalho de dentro de casa, e quando ele estava ausente de casa, no Brejo, trabalhando nas usinas de açúcar ou em outras coisas, Dona Jacira ia para o roçado trabalhar, tomava conta das mesmas coisas no roçado. Segundo Dona Jacira, ela limpava mato também, no roçado, quando o marido estava muito apertado, mesmo quando os filhos já estavam grandes.

No caso de Seu Manuel, quando Dona Jacira encontrava-se doente ou estava de resguardo e as filhas eram pequenas, era ele quem cuidava da casa, cozinhava, matava galinha, fazia pirão e ela gostava muito da comida que ele fazia. Na aceção de Dona Jacira, o homem pode vir a cuidar da casa quando a mulher, a dona da casa, estiver impossibilitada para tanto, assim como, se for preciso, a mulher poderá ir trabalhar fora para aumentar o orçamento familiar. Isto tem a ver com a responsabilidade que os cônjuges devem ter juntos para o bem estar da família, podendo um vir a exercer o papel do outro, mas os espaços e obrigações de homens e de mulheres são bem delimitados, mesmo que um ou outro venha, esporadicamente, ocupar o lugar que não é seu. Assim, percebe-se que tanto os homens como as mulheres observados compartilham a representação socialmente construída acerca da divisão sexual do trabalho

Nos discursos, pode-se perceber a distinção feita pelo feminino e pelo masculino acerca de trabalho e do não trabalho, este reconhecido como serviço. Na diferenciação feita sobre o que seja trabalho feminino e trabalho masculino ocorre uma mudança no status social das mulheres nas respectivas situações, assim como da representação dos homens e também na representação das próprias mulheres, que reflete a situação subordinada desta na relação entre o feminino e o masculino no tocante ao trabalho.

Nos diferentes discursos, percebe-se que os serviços, atividades domésticas, não são coisas para homem fazer. Em alguns casos, ele até pode “ajudar” a mulher ou a irmã, mas nunca assumir tais responsabilidades, já que estas não são de homens. Do mesmo jeito acontece com o trabalho no “eito”, onde a mulher-esposa passa a ser ajudante do homem-marido, o responsável pelo trabalho. Há casos de irmãos e ou de maridos que “ajudam” em casa, fazendo os trabalhos domésticos, mesmo fora de casa, como carregar água, pegar lenha. Há casos raros em que alguns maridos fazem trabalhos de dentro de casa. Isto se dá apenas quando as mulheres estão doentes, mas, na maioria dos casos, são as irmãs, mães, filhas ou vizinhas que o fazem.

Dependendo de cada caso específico, a mulher pode ter uma influência maior ou menor nos planejamentos, ou seja, nos casos em que os maridos vivem em casa. São eles quem acertam o trabalho alugado, preço, serviço a ser feito, que recebem o pagamento; o homem é quem dá a palavra final. Diferentemente disto, as viúvas acertam, diretamente, com o proprietário o trabalho alugado; são responsáveis por todos os detalhes e são elas quem recebem o pagamento. Assim, percebem-se regularidades e diferenciações nas singulares vidas de mulheres casadas e viúvas, mesmo que trabalhem do mesmo jeito, mas quando os homens vivem em casa, são eles que negociam os serviços e administram o trabalho alugado. Vejamos como é representada a participação de mulheres que sustentam suas famílias devido à ausência dos maridos, para percebermos as discrepâncias entre as singularidades.

## 2.2. “Trabalhando Feito Homem”: *“Não perco para homem nenhum, coragem de trabalhar eu tenho”*

A representação do trabalho da mulher, no Estreito, está associada à idéia de um jeito feminino de ser, porém, quando as mulheres assumem sozinhas a manutenção da família, sem a presença do marido, no trabalho agrícola, são consideradas mulheres que “trabalham feito homem”. Assim, evidencia-se um deslocamento do feminino do lugar que a sociedade capitalista-ocidental delimitou a partir a divisão sexual do trabalho. As mulheres-esposas do Estreito sempre trabalharam dentro e fora de casa, mas não é comum considerar sua participação nos rendimentos da família como trabalho, já que isto é especificamente assunto de homens.

Há casos de mulheres, no Estreito, que, cada vez mais, assumem o papel de chefe de família, em virtude da forte migração dos homens para os centros urbanos, ou por morte do companheiro e até mesmo com a presença dos maridos em casa. Estas mulheres terminam por assumir um papel principal na manutenção da família. São sujeitos sociais e políticos que precisam ser vistos a partir de suas trajetórias de vida, visualizadas através das relações sociais. Conhecemos, no Estreito, cerca de 10 mulheres trabalhadoras rurais que sustentam suas famílias desde a partida de seus maridos; uma realidade que, como bem disse Dona Gracinda: *“Aqui é só o que tem é mulher sozinha, cuidando dos filhos, trabalhando de dia a dia no roçado pra viver”*

São histórias singulares que convergem, entre si, de migração dos maridos, um

verdadeiro “nomadismo forçado”, vidas de luta, saudade e esperança, dos que foram e dos que ficaram. A vida dos que permanecem no campo precisa ser contada, para se perceber como estas mulheres reagem para salvar a família da fome, da miséria que bate às suas portas. Criam seus filhos sozinhas, tendo como fonte de renda o trabalho na agricultura, isto *“quando a seca não castiga.”*

Segundo Dona Gracinda, estas mulheres não são donas das terras, são trabalhadoras alugadas, contratadas por tarefa ou diária, não têm vínculo trabalhista com o patrão; o contrato de trabalho é feito através de relações verbais, chamado por elas de “serviço alugado”; além de trabalharem na terra de parentes. No roçado, seja no alugado ou não, fazem todo tipo de atividade, desde limpar mato, arar a terra, cavar lerão, arrancar tronco, plantar e colher, durante o trabalho não havendo separação de serviço de homem ou de mulher.

Ao contrário da tradicional definição de mulher como um ser “frágil”, “passivo” e “dependente”, estas mulheres enfrentam corajosamente a realidade de estarem sozinhas com seus filhos. Não ficam à mercê da sorte, ou simplesmente do dinheiro do marido que, na maioria das vezes, não chega. Procuram escapar da fome buscando várias formas de trabalho para garantir a sobrevivência da família, sendo, muitas vezes, contratadas nas frentes de emergência, além de mandarem as filhas mais velhas para trabalhar na cidade como domésticas, cujo salário termina por ser uma fonte alternativa de renda familiar

Em meio a esta diversidade, há nesta comunidade mulheres que mantêm suas famílias com seu trabalho, e são vistas, pelos outros, como homens, por fazerem o trabalho

“pesado”, que é o homem quem faz, além de assumirem sozinhas a responsabilidade da manutenção dos filhos. Assim nos falou Dona Antônia, moradora no Estreito, ao se referir às mulheres que permaneceram com a família, enquanto os maridos foram tentar a vida nos centros urbanos: *“Ali, daquele lado, tem muita mulher que trabalha feito homem”*

Eis a representação da mulher “chefe de família” (Cf. Capítuloterceiro) que trabalha na roça, fazendo todas as tarefas que, comumente, são divididas entre homens e mulheres. A definição, pelos outros, de que “trabalham feito homem”, está relacionada ao poder do homem como a autoridade da família, que tem a ver com seu lugar na roça, mesmo sabendo que as mulheres sempre participaram do trabalho agrícola. Aqui se evidencia o significado dado ao trabalho masculino.

### 2.2.1. A História de Dona Marluce

Dona Marluce tem 42 anos e um filho. Casou há treze, conviveu com o marido durante oito anos, até que ele foi para São Paulo trabalhar e nunca mais voltou. Eles não mantêm mais contato, as notícias do marido são recebidas através de parentes dele que moram por perto. Marluce assumiu a responsabilidade da casa sozinha e, até então, vive sozinha com o filho na casa que fora construída por ela e pelo marido. Há contradições na história contada por Marluce, ora ela diz que ele não manda nada para ela, nem dinheiro, nem notícia, porque ele está doente de leucemia, de vesícula e depende exclusivamente das

irmãs com quem mora e que, enquanto ele for vivo, ela será esposa dele. Em outro momento ela deixa escapar que ele tem outra família, como se tivesse vergonha de revelar que foi deixada pelo marido e esquecida, o que não combina com a possível esperança que ela tenha dele voltar para casa para cuidar da família: *"(...) porque ele não manda nada, logo, ele não gosta de mim, lá ele tem uma mulher. Faz 5 anos que ele foi embora, vai completar 6, dele eu não dependo de nada, nem eu, nem meu filho"*.

Desde a partida do marido, Marluce permanece na casa construída desde que se casou, trabalha na agricultura para ela mesmo, nos dois quadros de terra cedidos pelo pai. Ali, ela lucra mandioca, feijão, jerimum, batata doce, macaxeira, milho, fava, sendo utilizadas só para comer. Sai de casa às quatro horas da manhã e só chega às quatro da tarde. No roçado, ela fez um ranchinho de papelão, de varas de pau enterradas no chão, cobertas de papelão, um fogão a lenha feito de tijolo manual onde ela cozinha e passa o dia porque é longe de casa. Já o filho, estuda de manhã, quando chega da escola vai para a casa da mãe de Marluce onde almoça e vai à tarde ajudá-la no roçado. Mesmo plantando na terra do pai, o lucro é dela. Marluce comenta o esforço que faz para dar conta do trabalho, é muito pesado cavar lerão, pois, segundo ela, cavar requer muita saúde. Ela tentou esconder que cava a terra, como se fosse vergonhoso para uma mulher ter que realizar este trabalho. Ao mesmo tempo que nega, diz que o fez por não poder esperar por ninguém. Mas diz também que cava lerão desde quando casou, pois ajudava o marido quando ele se encontrava em casa. Hoje ela cava sozinha um quadro ou mais de terra

*“Só não faço cavar terra, mas eu limpo, eu encano, eu arranco, eu parto, eu to plantando. Eu faço de tudo, aquela casa da comunidade eu fui lá ajeitar umas telhas, esqueci que tinha uma (telha) brasilita, aí, caiu, furei a cabeça, levou quatorze ponto e desmantelou a coluna, daqui pra qui tá tudo inchado. Eu trabalho, mas a farinha, eu não compro, é do meu roçado, feijão eu compro, porque a gente lucra pouco não é, você sabe, a farinha, alguma batata, macaxeira eu tenho do meu roçado, porque eu trabalho sozinha, eu saio 4 horas da manhã, só chego 4 da tarde, porque eu tenho meu filho, eu almoço lá no roçado.”*

*(D. MARLUCE - 42 anos)*

A participação da mulher que não tenha marido para assumir a administração do trabalho agrícola visibiliza o trabalho feminino realizado na roça, que comumente é dividido conforme o sexo. Estar sem um homem, seja marido, irmão ou pai no roçado para fazer o trabalho que foi naturalizado como sendo próprio de homem, mexe com a representação acerca da mulher. Cavar lerão significa estar só, ter que fazer trabalho de homem e de mulher. Assim, estas mulheres, que vivem esta singularidade, percebem-se diferentes das demais que, mesmo trabalhando na agricultura, não fazem por necessidade ou com a mesma intensidade, nas palavras de Dona Marluce:

*“Mas aqui tem uma pessoa que trabalha que nem eu, tem uma mulher ali que ela é casada, mas o marido é deficiente, tem uma perná aleijada, ela trabalha igual a mim, mas ela trabalha para [ajudar!] o marido, ele é aposentado, mas não dá nem para comer. Ela trabalha alugado. Tem uma mulher aqui que trabalha mais do que os outros, acredita? olhe o meu trabalho para essa mulher que tem marido, agora essa que tem marido com saúde, não, ela não trabalha por necessidade, não, trabalha só porque quer, mas esta mulher que eu estou dizendo a você, a gente trabalha igual. As outras que tem o marido tem mais condição, trabalha porque gosta de ajudar[!].”*

*(D. MARLUCE - 42 anos)*

É interessante notar que Marluce vai identificando quem são as mulheres que trabalham como ela e pelos motivos dela, de não ter marido em casa para assumir suas obrigações. No caso de sua vizinha, Dona Maria, de 38 anos, quatro filhos, cujo marido é portador de uma deficiência física que o impede de ficar em pé, além de já ter 83 anos, trabalha tanto quanto Marluce na agricultura, fazendo todo tipo de trabalho no roçado, cavando lerão, pegando no pesado. Mesmo assim, Marluce percebe que Dona Maria trabalha para ajudar o marido a sustentar a família, continuando ser dele a posição de provedor. É interessante notar a experiência de Dona Maria, ela também passa o dia no roçado, mas tem uma particularidade: bem cedo do dia, ela e o filho mais velho colocam seu Carlos no burro que têm e vão para o roçado. Ao chegar lá, seu Carlos, 83 anos, fica no ranchinho defronte ao roçado, dando as ordens para a esposa e os filhos: *“Se eu não estiver orientando, as coisas não saem certas, mas eles já estão aprendendo bem.”*

Segundo Dona Maria, ela se sente segura quando o marido vai, pois ele diz como tem que fazer, isto acontece há mais de dez anos, desde quando seu Carlos começou a ter indisposição para trabalhar na enxada. Seu Carlos continua à frente do trabalho na roça, dando as ordens. Mesmo que Dona Maria trabalhe tanto quanto Marluce, ela mesma se vê numa posição inferior ao marido no que diz respeito ao trabalho da roça, pois ela está sendo orientada pelo homem, o detentor daquele saber. (Cf. Capítulo Terceiro).



### 2.2.2. A História de Dona Leda

Outra experiência, em que se pode-se notar como se dá a trajetória de vida de uma mulher que “trabalha feito homem”, é a de Dona Leda, que tem 40 anos, quatro filhos, morena de cabelos lisos, de rosto simples e bonito, sem vaidade. Dona Leda tem traços de índia, conversa com naturalidade, sem exageros nem vergonha sobre sua vida. Sentada no tamborete da sala humilde, cruza as pernas, num gesto de delicadeza e educação, fala pausadamente, mostrando-se curiosa sobre o objetivo daquela entrevista. Quando falaram de mulheres que trabalham feito homem, esperava-se encontrar uma mulher de bigode, severa e com comportamento ríspido, mas não é isto que acontece. Dona Leda tem um jeito decidido, de quem resolve sua vida sem esperar por ninguém.

Há sete anos que o marido se foi. Desde então ela se resguardou e não conheceu homem nenhum, uma promessa que fez a si mesma de manter sua integridade para não ser falada pelos outros e nem dar desgosto ao pai, devoto de Padre Cícero. Lembra de quando casou e diz que o marido era bom para ela, que nunca deixou faltar nada em casa. Mas depois de dez anos de casada, tudo mudou. Com a separação, ela assumiu o sustento da casa, tendo que trabalhar sozinha no roçado para garantir o feijão, o milho para a família. Desde então enfrenta a vida sem medo, com muita coragem e disposição. Construiu a casa de taipa junto com três irmãs que moram vizinhas, as quais, assim como Dona Leda, são as mantenedoras da família, “têm a mesma sina”. No terreno cedido pelo pai, as quatro irmãs, juntas, construíram suas moradas, e todas as quatro trabalham alugado e arrendado. Do trabalho alugado só ganha R\$ 4,00 reais ao dia e do arrendado, quando lucra, paga 3 sacos de milho; se pegar 3 quadros, paga 6 sacos, mas, no ano que não lucra, não paga.

Dona Leda vai para a roça de carroça, por ser muito longe de sua casa, umas duas horas. Acorda por volta das quatro horas da manhã, bota panelas, pratos, colheres, farinha e café no transporte e segue rumo ao roçado, voltando ao final da tarde. Mesmo mostrando o quão é sofrido o trabalho na roça, ao mesmo tempo percebe seu lado positivo, já que no ano que lucra bem, trabalha de três a quatro meses e tem o que comer pelo resto do ano, demonstrando sempre o quanto é bom trabalhar na roça. D. Leda e suas irmãs vendem uma parte do feijão que lucram e guardam o milho para fazer fubá que, segundo ela, parece com o fubá juba, uma farinha de milho industrializada vendida na feira e mercearias, além de fazer o xerém. Elas vão para Catolé de Boa Vista, numa casa que pagam para usar os instrumentos para transformarem o milho nestes produtos, que são guardados para todo o ano.

Diferente de Marluce, que se lamenta da vida, do trabalho na agricultura, da esperança do marido voltar para casa e continuar sua esposa, mesmo sem ele vir, D. Leda comenta de como a vida melhorou depois que veio morar em sua própria casa, construída por ela mesma e de poder manter os filhos com o seu trabalho. Ela não se queixa de doença ou de como sofre para sustentar a família, nem tem vergonha de dizer que trabalha duro na enxada, cavando lerão entre outras atividades denominadas como pesadas. Mesmo sabendo que o trabalho que faz na roça é pesado, sente-se bem ao lucrar e ter disposição para fazê-lo.

*"Bem, o serviço da roça a gente se esforça muito, né? Que a gente vai para roçado de manhãzinha, o roçado da gente mesmo são no Ararão, daqui até lá nós gasta 2 horas de viagem, ai porque o serviço é muito longe, a gente sai daqui de 5 horas, começa a trabalhar de 7 horas. Não, eu me achando só eu não corro de qualquer coisa difícil, não perco para homem nenhum. Coragem de trabalhar eu tenho, graças a Deus, eu tenho saúde, vou fazer 40 anos, graças a Deus eu não sinto uma dor na unha trabalho o dia todinho, oxe, eu com 6 meses de gravidez, eu fazia uma casa do tamanho dessa, cavava barro, barro duro, cavava barro, fazia barro e topei sozinha e reboquei uma casa desse tamanho com 6 meses de gravidez dessa menina."*

*(D.LEDA - 40 anos)*

Diante da necessidade de manter a casa, a mulher "chefe de família" vai resolver tal situação fazendo o "trabalho alugado", coisa que ela sempre fez, só que agora sem o marido ao lado. Assim, esta mulher que está "sozinha", é vista como homem pelas outras mulheres. Tal definição que tem a ver com os valores culturais destas comunidades, onde o trabalho do homem é sempre mais valorizado em relação ao trabalho da mulher, cabendo à mulher a posição de "ajuda". De certa forma, a mulher que mantém a sua família com o que ganha na agricultura, ou em outras atividades que são tidas como de homem, por exemplo, o trabalho nas frentes de emergências, ou o "serviço pesado" na agricultura, continua sendo percebida como dependente, ou ainda, que não trabalha; não havendo mudança no seu significado para a cultura local, agora as mulheres "trabalham", mas "feito homem". A incidência do trabalho destas mulheres tem certas implicações, pois a:

*"formalização do emprego feminino tem levado à perda do papel masculino de provedor da família, minando o poder patriarcal e determinando mudanças significativas na organização das famílias rurais, redefinindo, também papéis sexuais"<sup>26</sup>.*

<sup>26</sup> CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lena. Op. cit. p. 229

Mesmo que haja situações que rompam com esses diletantismos de valorização dos papéis sociais delimitados entre os sexos, o imaginário social tende a classificar as rupturas a partir destes antigos valores, como é o caso destas mulheres que “trabalham feito homem”. Ao exercerem uma atividade definida como masculina, são identificadas de maneira diferenciada das outras mulheres que apenas ajudam aos maridos. Esta ótica sexista da divisão do trabalho vem sendo socialmente difundida pela sociedade:

Mas nem só da enxada vivem mulheres e homens do Estreito. Contrariando a imagem que comumente se tem sobre comunidades que vivem do trabalho na agricultura. No Estreito há outras formas de trabalho que merecem atenção, já que mulheres que “trabalham feito homem”, em outros momentos, realizam outras atividades fora de casa que são consideradas tanto de homem quanto de mulher.

### 2.3. “(...) Quem nasce pra cela, não dá pra cangalha(...)”

*“Não só da enxada vivem mulheres e homens do Estreito.”*

“Quem nasce pra cela, não dá pra cangalha: nasceu para a agricultura, vai morrer na agricultura.” Esta menção tem a ver com a mentalidade de que não há possibilidade de pessoas, que nasceram trabalhando na agricultura, fazerem outro tipo de serviço. No Estreito, observa-se que não só da enxada vivem as pessoas que lá moram, que nos períodos de seca, buscam outras atividades para conseguir o sustento da casa, sendo

comum, então, muitas mulheres fazem outras atividades diferentes da agrícola. Também, os homens, vão trabalhar em outras cidades, exercendo outras atividades, como de pedreiro, faxineiro, servente, peão de obras, etc. De acordo com os informantes, poder contar com algum rendimento certo, seja de um salário mínimo ou bem menos do que isto, é imprescindível para obtenção de crédito nas vendas para a compra de alimentos.

Na falta de trabalho que lhes garanta pagamento certo, as mulheres do Estreito, viúvas ou separadas de seus maridos, procuram outras formas de ganhar seu sustento, além do trabalho na agricultura, relacionadas com serviços domésticos ou de comércio. Vendem amendoim nos campos de futebol, produto conseguido na lavoura; vendem “din-din”, roletes de cana, vendem ovos e galinha de capoeira na Feira Central de Campina Grande, entre outros produtos, além de garantirem um dinheiro certo com lavagem de roupa e faxinas. Também tem sido de praxe as filhas, a partir dos 13 anos de idade, tornarem-se empregadas domésticas em casas de família em Campina Grande, que garante dinheiro certo nos finais de semana ou quinzenalmente.

Nos casos em que as filhas trabalham como domésticas, os pais vão, aos sábados, buscar o pagamento delas nas casas onde trabalham, alternando uma semana, em que ficam com o pagamento e na outra, ficando com a da filha para que ela compre suas roupas e objetos pessoais. Mas este acordo, muitas vezes, é falho, já que, nos períodos longos de seca e de falta de trabalho, a família se apossa do salário total das filhas, já que estas moram nas casas onde trabalham, não gastando, assim, com transporte nem com alimentação, indo à casa dos pais, esporadicamente.

É o caso das filhas de Dona Carmem. Todas começaram, cedo, a trabalhar em casa de família. Desde os 12 anos, já ganhavam dinheiro como empregadas domésticas, e este muitas vezes ficava sendo o único recurso para a sobrevivência da família, nos períodos de seca prolongada. Belinha tem 29 anos; desde os doze trabalha em casa de família, pois já sabia como cuidar de uma casa. Aprendera com sua mãe, cuidando dos irmãos menores, além do trabalho na agricultura que realizava. O pai, seu João, diz que as filhas iam trabalhar em casa de família, porque tinham precisão, que ele não gostava muito da idéia, mas era o jeito, já que não havia alternativa. A esse respeito a seguinte informante nos relata que:

*"Alguém veio me buscar, foi através da minha irmã mais velha que tinha arranjado emprego. Ai quando fui ficando mais adulta, que aprendi a trabalhar assim, ai eu mesmo ia, mas no inicio foi... as patroas vinham me buscar, sempre trabalhei nisso, nunca arrumei um emprego melhor... Somente o dinheiro, um dinheirinho era da minha mãe. O dinheiro é tão pouco que não dá pra comprar as coisas da gente, só dá mesmo pra comprar o necessário...Eu vinha de quinze e quinze dias, às vezes vinha uma vez no mês, duas vezes no mês, passei cinco anos só numa casa em Campina Grande no bairro da Prata. "*

*(Belinha - 29 anos)*

As irmãs mais velhas iam conseguindo trabalho para as demais que estavam em casa, pois era melhor ir trabalhar em casa de família do que ficar passando necessidade em casa, além de poder ganhar seu dinheiro. A irmã mais velha de Belinha há sete anos trabalha numa casa de família no Rio de Janeiro. Sempre que a situação não está muita boa no Estreito, a mãe pede ajuda à filha e ela lhe manda o que pode, já que, segundo Belinha, ela é solteira e pode ajudar mais a família.

*“Ela manda só pelo correio, aí vem um comprovantezinho pelo correio, quando a gente foi precisando ela manda assim. O que ela puder mandar ela manda. Não é casada não, ela trabalha numa casa, faz sete anos. Ela ficou de vir, ela liga para minha irmã lá em Campina Grande, foi para ela vir em janeiro, vê se compra uma casa, vê se compra uma casinha, ela disse que não se acostuma mais aqui no sítio não. Ela quer comprar ou em Campina Grande ou em qualquer bairro...”*

*(Belinha-29 anos)*

Trabalhar como doméstica representa um quebra galho que supre as necessidades imediatas da família do Estreito. Torna-se uma constante, nesta comunidade, meninas começarem, bem cedo, a ajudar em casa, através do trabalho e crescer aprendendo a varrer casa, lavar louça, cuidar de criança, lavar roupa. A prática cotidiana, na casa dos pais, como acordar bem cedo, varrer o terreiro, botar água em casa e, ainda, ter que ir para o roçado trabalhar com o pai ou a mãe, constrói indivíduos “espertos” (eis a denominação das patroas, quando referem-se às pequenas mulheres que sabem cuidar de uma casa como se fosse gente grande). Para LOBO (1991:147), o trabalho de empregada doméstica representa o prolongamento das tarefas de casa, percebidas como sendo de mulher, associadas a um jeito feminino de ser e de fazer.

O trabalho em casa de família é percebido, pelas meninas, como não sendo tão ruim, por haver facilidades que, em casa, não há, como água encanada, lavanderia em casa, podendo lavar roupa sem precisar ficar no sol, andando léguas atrás de um barreiro, além de não estar convivendo constantemente com a falta de trabalho, de dinheiro, de comida em casa. Assim, essas pequenas mulheres descobrem que podem ganhar dinheiro, fazendo o que sempre fizeram em casa. Só quando atingem maioridade, é que percebem que trabalhar em casa de família não é tão bom assim, pois nem todas as patroas assinam a carteira.

As mulheres que ficam assumem a manutenção da família, além do trabalho na agricultura, procuram alguma atividade, em Campina Grande, já que não podem se afastar para muito longe, por causa dos filhos e da casa. Nos dias em que as mulheres precisam ir para a cidade trabalhar, as crianças, quando pequenas, ficam sob os cuidados de irmãs ou de avós que moram perto. É interessante notar que, sempre, são mulheres que se encarregam do cuidado das crianças, sejam irmãs, tias, avós, vizinhas. A lavagem de roupa e faxinas, em casa de família, são alternativas para as mulheres ganharem dinheiro sem ter que se ausentar de casa por muito tempo. É comum as mulheres que “trabalham feito homem” serem lavadeiras de roupa, faxineiras, durante alguns dias na semana, para garantir uns trocados, no final de semana, para comprar café, açúcar, bolacha, além do feijão e do milho garantidos pela roça, ou, ainda, quando não há trabalho alugado. Assim, estas mulheres conseguem lugares certos em casa de família em Campina Grande, onde passam o dia lavando e passando roupa, ganhando, a cada lavagem, entre dez e vinte reais. É o caso de Dona Leda que “garante”, na semana, vinte reais, trabalhando como lavadeira e faxineira, ou conforme ela relata:

*“(...)Eu fazia serviço na casa dos vizinhos, eu ia às vezes, eu ia tirar um feixe de lenha, chegava em casa 10 horas da noite com um feixe de lenha desse tamanho na cabeça para ganhar um kg de fubá para esses meninos comer de noite...Só não sofri mais porque ela tomava conta dos meus meninos quando eu ia trabalhar. Quem criou os meus meninos foi ela, a minha irmã. Depois arrumei uma lavagem de roupa, aí comecei a trabalhar, ela tomava conta dos meninos e eu ia lavar roupa. Final de ano mesmo eu já estou contratada para trabalhar muito na rua, fazer faxina, faço tudo. Passo pano em casa, para arear alumínio, a faxina completa de uma casa. Eu faço tudo, eu trabalho na roça, trabalho em Campina Grande, lavo roupa e faço faxina, nessa casa.”*

*(D.LEDA -40 anos)*



De acordo com diferentes discursos, percebe-se que a representação sobre trabalho está relacionada à atividade remunerada, garantidora de pagamento fixo, como de empregada doméstica, ou ainda, o realizado na agricultura, o trabalho alugado, que pode sustentar a família de feijão, milho durante um ano. Na época de seca, a partir de setembro, os homens procuram trabalho de pedreiro, faxineiro, trabalhos braçais, em outras cidades, enquanto as mulheres buscam, em Campina Grande, trabalhar como faxineira, lavadeira etc. É comum, nos períodos de seca, homens passarem longos meses em outras cidades como Recife, João Pessoa, entre outras, trabalhando na plantação e nas usinas de cana de açúcar, ou mesmo serem recrutados como pedreiros para obras de prefeituras, ou de particulares, já que são pessoas que se empenham por garantir o serviço, dedicando-se por um preço abaixo do mercado.

Há uma diferenciação entre trabalho e não trabalho. Trabalho é aquela atividade realizada em troca de ganho, em dinheiro, quer seja mensal ou não, mas que pode se contar com ele, pois este permite o crédito ao trabalhador de comprar fiado na mercearia da comunidade. Diferente disto, há os serviços esporádicos, os chamados bicos, que não garantem um ganho certo, mensalmente ou semanalmente, mas que depende da venda constante de mercadorias que são negociadas. É o caso da venda de "din-din", roupa, amendoim, etc. Ter um rendimento certo é a aspiração de todos que conhecemos:

*"O que eu vivo é com o que eu vendo no campo, isso quando tenho sorte de vender todos os "din-dins". Porque ele mesmo o mais velho tá com 11 anos... Porque nem ele mesmo eu botava, mas agora eu comprei uma caixinha pequenininha, porque eu fico sentada num campo e ele fica lá arrudiando o campo, eu mando ele arrudiar para ver se pega mais um trocadim, né? Mas infelizmente tem domingo que se eu apuro 10 reais eu apuro muito... Tem às vezes que sai 5, 3 depende do jogo, depende da turma... Se o jogo for aqui, eu tô aqui, se for fora, eu tô andando(...)"*

*(D. Rosa, 40 anos).*

Segundo BRUSCHINI, (1991) dados estatísticos levam em conta que, entre os produtores familiares e assalariados rurais, concentra-se a maior parte da população pobre. Supõe-se que as mulheres do campo encontram-se entre aquelas para as quais o emprego remunerado representou mais uma estratégia de sobrevivência do grupo doméstico do que uma opção pela realização pessoal. Entendemos que dados estatísticos não alcançam as pluralidades de vidas, que, misturadas num universo aparentemente reconhecido, diversidades são homogeneizadas, tendo em vista que análises como estas que envolvem a região Nordeste universalizam todas as mulheres, ocultando as relações específicas desenvolvidas em contextos singulares<sup>27</sup>.

Perceber a participação da mulher pobre no mercado de trabalho apenas como estratégia de sobrevivência, em comparação com casos de mulheres de classe média que trabalham fora de casa por aspiração pessoal, por gostarem do que fazem, demonstra limitação analítica, com base em generalizações, negligenciando as subjetividades que não são fixas, e universais, mas fluidas e historicamente situadas.

Mesmo sendo o Estreito um caso específico, não nos permite dizer que todas as mulheres desta comunidade atendam às características apontadas nas afirmações acima mencionadas, já que temos casos e casos de relações sociais constituídas por sujeitos dinâmicos e participes dos acontecimentos. O trabalho remunerado, para algumas mulheres, pode representar a liberdade individual, um instrumento de auto-afirmação; para outras,

---

<sup>27</sup> Os trabalhos de Dias, Lopes e Schuh (apud ZYLBERSTAJN et alii) indicam que na família que vive do trabalho agrícola, a mulher continua se dedicando fundamentalmente ao trabalho doméstico, sendo ofertantes marginais para a atividade de mercado. Na verdade, na família que vive da agricultura, nenhum membro, exceto o chefe- em geral homem- tem impactos significativos sobre a renda familiar. ZYLBERSTAJN, Hélio, PAGOTTO, Carmen Silvia e PASTORE, José. A Mulher e o Menor na força de Trabalho. São Paulo: Nobel. (Brasília: Ministério do Trabalho, 1985, p.27.

pode ser percebido apenas como estratégia de sobrevivência, necessidade gerada pela lógica do capitalismo, ou pode ainda, significar as duas coisas.

Contudo, observam-se diferentes posicionamentos de mulheres, do Estreito, acerca do trabalho fora de casa, tanto o realizado no alugado, no comércio, ou nos trabalhos em casas de família. Algumas relatam que trabalham não apenas pela necessidade econômica, mas pela satisfação de se sentir capacitada para ganhar dinheiro e comprar o que quiser, descobrindo certa autonomia, liberdade, além de não ficar apenas dentro de casa, esperando que os outros lhe dêem o que precisam. Há discrepâncias quanto a diferentes singularidades de mulheres e como percebem seu trabalho.

É o caso de Marluce, que demonstra trabalhar no eito e na lavagem de roupa, por necessidade, por isso sempre faz questão de dizer que está doente, que não pode mais trabalhar, mas, por não ter o marido em casa, resta a ela enfrentar a vida difícil que tem. Já Leda refere-se ao seu trabalho com satisfação, mostrando que tem coragem, saúde e disposição, seja trabalhando no alugado ou nas faxinas e lavagens de roupa, que faz, duas vezes por semana, em casa de família em Campina Grande, percebendo com isto que pode, tanto quanto o homem, sustentar a família pelo seu trabalho, além de não precisar ficar pedindo autorização para comprar isto ou aquilo ao marido, o que acontece com outras mulheres.

Assim, a pesquisa empírica suscitou refletir acerca da representação compartilhada pelos sujeitos sociais e históricos fazedores e partícipes de suas experiências de vida, como nos levou a perceber a fragmentação desta representação vivenciada e articulada.

diferentemente, nas múltiplas relações sociais. O trabalho percebido como “ajuda”, e o de “mulheres que trabalham feito homem”, são aspectos da relação entre gênero e trabalho, que são representados com regularidades e diferenciações no Estreito, mundo constituído por sujeitos sociais criadores e criaturas de suas histórias. Entendemos que as representações que as pessoas fazem do mundo e delas próprias, não são naturais, mas são fruto de um projeto de ordenação do mundo, que tem, como veículo de transmissão, instituições como a educação fomentada pela família, escola e religião.

## **CAPÍTULO TERCEIRO**

**“(...) LEVANDO A FAMÍLIA NUM CAÇUÁ (...)”:**

***A Família como espaço de definição de papéis sociais.***

*“ A família intimista, fechada para si, reduzida ao pai, mãe e alguns filhos que vivem sós, sem criados, agregados e parentes na casa, eis o modelo de modernidade no limiar do século XIX. A mulher, “rainha do lar”, mãe por instinto, sendo ela o canal da relação entre eles e o pai, que só se fará presente para exercer a autoridade. Essa família, é bom que se diga, continua patriarcal: a mulher ‘reina’ no lar dentro do privado da casa, delibera sobre as questões imediatas dos filhos, mas é o pai quem comanda em última instância.”*

*(Almeida apud Xavier, p. 26)*

## CAPÍTULO TERCEIRO

### 3.0. “(...) LEVANDO A FAMÍLIA NUM CAÇUÁ (...)”: A Família como espaço de definição de papéis sociais.

Seu Manoel chegara de viagem do Juazeiro, como é de costume, trazendo lembranças de mais uma oportunidade que teve de poder ir a mais uma romaria, que todos os anos faz questão de cumprir. Para a Igreja da comunidade, trouxe um relógio de parede com a imagem de São Francisco de Assis. Para casa, trouxe duas fitas de música religiosa, água benta e muitas novidades da viagem, das paradas que fez pelo caminho para descansar junto com tantos outros fiéis, que vão todos os anos renovar os votos com o santo devoto. Eu e Seu Manoel descemos do ônibus do Estreito, às duas e meia daquela tarde de sol quente. Foi assim que vimos, pela primeira vez, aquele homem franzino, de voz mansa e calma, de 70 anos de idade, que não demonstra indisposição depois de uma semana fora de casa. Naquela mesma tarde depois de ter ido falar com outro morador, como até a casa de Seu Manoel que, segundo informações, é uma pessoa muito importante para falar da história da comunidade, além de ser pai de três mulheres que *“trabalham feito homem”*.

Ao chegarmos à casa de Seu Manoel, ele estava deitado no sofá. Havia acabado de

almoçar e estava a escutar uma das fitas que trouxera de viagem. Na sala, as paredes repletas de quadros de santos e de Nossa Senhora; uma TV e um toca fitas enfeitava uma mesa de madeira. Ao seu redor, sentados pelo chão, estavam filhas, netos e Dona Jacira, sua esposa, sentada noutra poltrona. A imagem fotográfica da sala, a posição de respeito estava demonstrada naquela situação em que todos estavam por ali a cuidar do dono da casa, e ficar a par das novidades através do viajante que acabara de chegar.

Ao chegarmos, Seu Manoel manda que abaixem o volume do toca-fitas, o pescoço cheio de rosário e crucifixos destoa da camisa aberta pelo calor que estava fazendo, ele abotoa a camisa e levanta para receber aquela estrangeira que havia visto há pouco tempo descendo do ônibus. Seu Manoel age como um patriarca, todos em seus devidos lugares e posições, ele decide se deve ou não receber a pesquisadora. Fazendo perguntas sobre o motivo do trabalho, resolve contribuir dando o passaporte para entrarmos na privacidade de sua família, facilitando até o contato com a casa de suas filhas, que moram ao derredor.

Naquela tarde, Seu Manoel e eu conversamos sobre sua vida, trazendo de volta um passado registrado em sua mente, selecionando recortes que o interessavam, a partir do olhar presente. O assunto que prevaleceu na conversa foi sobre a importância da família como uma dádiva de Deus aos homens, sempre que possível aquele calmo homem referia-se à responsabilidade como pai de família, como religioso que era e marido fiel. A família aparece em seu discurso como sendo uma missão deixada aos homens de bem por Deus. Ser pai de família atento aos seus deveres de homem, ordeiro, tem a ver com a educação que recebera pelo pai, exemplo de homem trabalhador, honesto e temente a Deus<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Segundo a Pastoral da Família "é, pois, dever dos pais criar um ambiente de família animado pelo amor, pela piedade para com Deus e para com os homens, que favoreça a educação íntegra pessoal e social dos filhos. A Pastoral conceitua

Seu Manoel conta com orgulho do pai de família que foi e continua a ser, desde quando saiu da casa dos pais para casar, assumiu sua missão de homem de bem, que acredita em Deus como ser onipotente, que o agraciou com uma esposa igualmente educada e responsável em sua obrigação como mãe e esposa. Aí ele lembra que enquanto ia para o roçado trabalhar, depois, juntamente com os filhos quando foram crescendo, Dona Jacira, ficava e tomava conta da casa, pois conforme ele frisou “(...) *ela era a Dona da casa, não podia ir, ajudava de outro jeito, ela tomava conta da família e ele tomava conta do roçado.* (...)”.

Há quarenta anos Seu Manoel chegara ao Estreito, quando por ali só havia umas dez casas. Desde então fixou-se no lugar, com sua família, criando raízes e tendo muitas histórias para lembrar, como dos momentos de grande seca em que precisava sair errante pelo mundo afora com a família, e dos momentos de fartura em que lucrava bem, ou ainda quando ele tinha que ir trabalhar noutros lugares e Dona Jacira ficava com os filhos em casa. Em seu discurso, a família parece como com um aspecto fundamental.

*“Aonde eu ia eu levava toda minha família dentro de um caçua, né, para contar o resultado. Nesse tempo eu só tinha um burro, era difícil, a gente carregava em caçua, quando o tempo era ruim a gente botava em cima a família, ia para casa de parentes que moravam no Brejo. Parecia um bocado de cigano e era mesmo, não era? Para baixo e para cima. Mas eu não deixava eles não(...).”*

*(Seu Manoel - 70 anos)*

---

família como uma comunidade de vida e de amor. É escola de vida com outros homens e precisa exercer influência na sociedade inteira. Por ser na família que o homem começa a compreender que é um ser social e elabora estratégias para um viver cristão e humano com outras pessoas.” In: Casamento e Família no Mundo de Hoje - Textos Seletos do Magistério Eclesial, 2ª edição- Setor Família - CNBB Petrópolis, Vozes, 1993 (Coleção Subsídios de Pastoral Familiar) p. 46.



As representações sobre o trabalho feminino, baseadas numa ótica sexista de divisão sexual do trabalho, tem a ver com o processo de formação de subjetividades serializadas, com vistas a comportamentos normatizados que tem como transmissor destes valores a educação tanto familiar, acadêmica, como religiosa, estas instituições atendem ao projeto de organização social<sup>29</sup>. Assim, perceber como se propagou o modelo de família como locus de formação destas subjetividades, coloca-se como aspecto importante para entender as representações sobre o(s) lugar(es) da(s) mulher(es) do Estreito, relacionando isto às praticas cotidianas que algumas vezes correspondem com as representações e outras vezes as contradizem. Para isto, caminhamos na direção das trajetórias culturais, deslocando, assim, o olhar fixo das estruturas e modelagens genéricas das coisas:

*“Não se parte do código cultural já estabelecido para ver apenas como é imposto aos indivíduos, como este a ele se ajusta, se integra e o assimila, mas procura-se entender como este código é produzido no movimento concreto dos indivíduos, na sucessão de suas práticas, na enunciação de seus discursos; como estes indivíduos produzem e desmancham constantemente a tecitura deste código, num diálogo permanente indivíduo - sociedade, em que estes próprios indivíduos se constituem.”<sup>30</sup>*

Dona Jacira compartilha da mesma representação do marido sobre a família, referindo-se a ela como algo sagrado, que tanto o homem como a mulher, devem honrar acima de tudo, pois é como se fosse uma mandamento divino. Mesmo falando da

---

<sup>29</sup> A esse respeito consultar Félix Guattari e Suely Rolnik *Micropolítica Cartografias do Desejo* (4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1996 p. 40) “Tudo que é produzido pela subjetivação capitalista, tudo o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam, não é apenas uma questão de idéia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou de identificações com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo.” (Guattari, 1996:27).

<sup>30</sup> ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. *Vidas Por um Fio, Vidas Entrelaçadas Rasgando o Pano da Cultura e Descobrimdo o Rendilhado das Trajetórias Culturais*. In: *História & Perspectivas*, Uberlândia. (6): 87- 95. Jan/Jun. 1993. P. 38.

especificidade dos papéis sociais destinados à mulher—esposa-mãe e ao homem-marido-pai, estes papéis podem ser alterados conforme a necessidade da família<sup>31</sup>, em que a mulher poderá vir a trabalhar fora e o homem realizar responsabilidades de mulher dentro de casa. Mas tudo em prol do bem estar da família, exigido pela necessidade e por algum tempo, até que a situação melhore, conforme a observação de Dona Jacira: *“Deus deu a vontade livre, agora se a pessoa bem fizer, paciência, se ele mal fizer, paciência. Deus não deu a vontade livre? Agora, a gente tem que fazer a vontade de Deus.”*

O conceito de família para este casal está relacionado à representação de união e harmonia, sem brigas nem mágoas, todos exercendo bem seus papéis conforme a divisão sexual do trabalho reforçada pela Igreja e educação que tiveram dos pais. Ser unido tem a ver com a posição subordinada da mulher na condição de esposa e rainha do lar, propagada pelo discurso cristão de ser o homem imagem e semelhança de Deus, assim como a mulher de bem deve corresponder com a imagem da virgem e assexuada Maria, mãe de Cristo. Os filhos são o fruto do amor entre homem e a mulher que juraram cumprir com seus papéis para a constituição e manutenção da família.<sup>32</sup>

Para GOLDANI (1993), a idéia de família patriarcal<sup>33</sup> era associada a um sistema

---

<sup>31</sup> A definição de família para o IBGE, tanto nos censos como PNAID, equivale ao de unidade doméstica residencial e não à concepção sociológica mais comum, que é o de família como um grupo de pessoas que mantêm vínculos de parentesco resultantes de consangüinidade ou adoção. Considera-se família todas as pessoas residentes no domicílio, podendo ser do tipo Nuclear quando no domicílio residisse somente um chefe com filhos solteiros ou casal com ou sem filhos; Estendida: quando no domicílio residisse além de uma família Nuclear ou Estendida, pessoa não parente; composta, quando além de uma família nuclear ou estendida, houvesse pessoa não parente. BGE, Censo Demográfico I, 1991.

<sup>32</sup> O papel da família é definido pela igreja católica como a sendo a primeira escola de virtudes sociais de que precisam todas as sociedades, lugar onde os filhos fazem a primeira experiência de uma sociedade humana sadia. “A família constitui, mais ainda do que um simples núcleo jurídico, social e econômico, uma comunidade de amor e de solidariedade que é apta de modo único a ensinar e a transmitir valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e o bem estar dos próprios membros e da sociedade.” In: Casamento e Família no mundo de hoje Textos Seletos do Magistério Eclesial; coordenação. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Setor Família. Petrópolis: Vozes, 1993. (Coleção subsídios de pastoral familiar)

<sup>33</sup> Sobre o modelo de família patriarcal rural do início do século, consultar FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala.

hierárquico e de valores, destacando-se a autoridade paterna e do homem sobre a mulher, a monogamia, a indissolubilidade das uniões e a legitimidade da prole. Na interpretação de Durham (1983), analisar o modelo culturalmente definido de família remetemos a dois aspectos: a estrutura formal do modelo (definidor da constituição do grupo familiar) e a organização das relações sociais possibilitada a uma função de divisão sexual do trabalho.

Comumente, a sociedade ocidental percebe a existência de instituições como a família como sendo natural, assim como a divisão sexual do trabalho, lógica que organiza internamente os papéis dos membros da família pelo sexo. Ou seja, o modelo de família foi transmitido como referência para a sociedade em geral, buscando uniformizar as relações sociais, os casamentos, a educação dos filhos, os espaços de homens e de mulheres dentro e fora de casa. Mas como as pessoas são fazedoras de suas histórias e não meros receptáculos de informações, muitas vezes reproduzem os modelos, seguindo-os e outras os reelaboram, pois entendemos que: *“Regras culturais certamente modelam o comportamento, mas nunca o determinam de modo absoluto. Uma coisa é a regra, outra é a sua aplicação dos casos específicos que nunca se enquadram completamente no modelo.”*<sup>34</sup>

Por diferentes perspectivas analisou-se sobre o papel da família na sociedade brasileira. Conforme informação de WOORTMANN (1984), nos anos 70 produziu-se muito sobre o tema família trabalhadora, percebendo-a como grupo doméstico, como unidade de reprodução social, ou, ainda, como organizadora de recursos de força de trabalho. Segundo o autor, a família do trabalhador, “criada” pelo capital, reproduz a força

---

Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984. Ver, também, Sobrados & Mocambos/Rio de Janeiro: Olympio, 1951. 3v.

<sup>34</sup> DURHAM, Eunice R. Família e Reprodução humana. In: Perspectivas Antropológicas da Mulher 3. 6. Consultar DURHAM, Eunice R. Família e Reprodução Humana. In: Perspectivas, Zahar. R. J. 1983. (p.31).

de trabalho para o mesmo capital. Esta é uma, entre outras perspectivas analíticas sobre a questão. Percebemos a sua importância nas reflexões acadêmicas, mas aqui, procuramos olhar para as histórias de vida das pessoas com quem mantivemos contato no Estreito, percebendo as representações que as mulheres “viúvas” fazem de si, e que outras pessoas fazem delas, e como reforçam os modelos de família, de mulher, de mãe, ou os transcendem, sem mesmo darem conta.

As pessoas que conhecemos, no Estreito, compartilham da idéia da família do tipo tradicional composta pelo marido, esposa e filhos onde todos devem atuar conforme os papéis específicos de cada um. Segundo Dona Jacira “(...) *o homem que é homem trabalha para dentro de casa e a mulher também, toma conta de sua casa que Deus que deu.*” Esta percepção de família como estrutura constituída baseada em papéis específicos de homem e de mulher, delimitados e vividos como sendo naturais, foi forjada social e culturalmente através da noção de divisão de espaços, de lugares determinados a homens e a mulheres a partir de uma ótica sexista:

*“Por caminhos sofisticados e sinuosos fora forjada uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona de casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorreu nos princípios centrais do país (...)”<sup>35</sup>.*

Segundo NEDER (1994), muitas percepções construídas historicamente que se debruçam para o tema a família brasileira, levam em consideração um modelo escolhido de

---

<sup>35</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. História 2ª edição, 1984. (p 21)

família, servindo este, como referência para as múltiplas relações sociais familiares, devendo, pois, atenderem às exigências e normas do tipo ideal de família. Há uma representação da solidariedade entre os membros da família pobre diferente da lógica do individualismo das famílias de classe média. Quando se trata de classes populares, a discussão sobre a organização familiar corresponde a uma relação de causa e efeito entre pobreza e família irregular. O tema família tem recebido tratamento religioso, católico, com fortes conotações europeizadas, calcadas na idéia de família padrão, higienizada e patriarcal, com presença marcante do moralismo e do controle sexual típicos desta matriz ideológica.

DURHAM (1983) mostra que a bibliografia sobre a mulher enfatiza a questão do capitalismo ter separado o espaço público-produtivo, do espaço privado, locus de reprodução que encarcerou a mulher em casa, subordinando-a. Mas a autora observa que não só isto aconteceu, como também a inserção da mulher nas duas esferas, de maneira diferenciada. Pode-se perceber casos de mulheres que não atendem a esta regra cultural, trabalhando em casa e fora de casa. Como se pode notar na interpretação de DURHAM (1983) ao mencionar que a família, como outras instituições, altera-se historicamente em diversos sentidos.<sup>36</sup>

O modelo vitoriano da mulher casta, de mãe esforçada e dedicada, cujo sucesso está no êxito dos filhos e do marido, convive com realidades de mulheres que não se limitam ao trabalho doméstico, mas que associam identidade de mulher-mãe-dona de casa à identidade de mulher-trabalhadora. As mulheres “provedoras” trabalham a roça num pedaço de terra de seus pais, elas podem plantar à vontade para seu próprio consumo, não precisando pagar

---

<sup>36</sup> No Brasil, em 1989, 3,3 milhões de crianças, menores de 14 anos, viviam só com a mãe, aumentando, em 72%, na última década. (dados obtidos pela UNICEF 1993).

nada. Em alguns casos, quando têm algum problema de saúde, o pai providencia pessoas para fazer alguns serviços, como os de arrancar tronco na terra, cavar lerão, serviços considerados pesados. (Cf. CapítuloPrimeiro).

Para DURHAM (1983), a fragmentação e rupturas do modelo de família muitas vezes não significam sua contestação, nem o surgimento de outros modelos. A autora mostra que a noção de família transmitida por nossa sociedade é estruturada pela manifestação dos princípios da aliança e do parentesco e é organizada internamente pela divisão sexual do trabalho. Família, para nossa sociedade, refere-se ao do tipo conjugal ou nuclear.

DURHAM discorda da idéia de que as famílias matrifocais sejam um modelo alternativo de família, percebendo-as como resultado da impossibilidade de organização nos termos do modelo operante no ideal de família da nossa sociedade (unidade constituída pelo marido, esposa e filhos). Parte-se do pressuposto de que o modelo familiar inclui o modelo de divisão sexual do trabalho que atribui à mulher o papel de reprodutora e educadora dos filhos, cabendo a ela o espaço da casa e de tudo que envolve a afetividade. *"O conceito de família, embora se refira a grupos sociais concretos, remete prioritariamente ao modelo cultural e à sua representação."*<sup>37</sup>

Assim, devem-se perceber as várias famílias como um processo e não como uma estrutura fixa no tempo. Na concepção de Albuquerque (1993) os indivíduos não se sujeitam aos códigos culturais, como meros telespectadores, são os fazedores, aqueles que

---

<sup>37</sup> DURHAM, Eunice R. Família e Reprodução Humana. In: Perspectivas Antropológicas da Mulher 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, p. 31.

os produzem e reproduzem. Assim, entendemos que ao mesmo tempo que há pessoas que compartilham da idéia de família do tipo tradicional-nuclear, há trajetórias individuais que contradizem o modelo normativo de família e de divisão sexual do trabalho.

Nesta percepção pode-se notar como sujeitos sociais agem com a noção de casamento instaurada historicamente como referencial para as famílias se guiarem, que tem uma significação para a organização familiar esperada pela sociedade e instituída. Aí está imbuída toda uma gama de valores sociais, da representação que se construiu sobre a família e os papéis de homens- maridos- pais e de mulheres-mães-donas de casa.

### **3.1. “Até que a Morte nos Separe”:\_A importância do casamento e os papéis a serem desempenhados dentro da família**

A pesquisa nos mostrou história de mulheres de 30 a 72 anos que se casaram na idade de 13 a 18 anos, com seus primeiros namorados, algumas vezes indicados pelos pais como sendo “bons rapazes, trabalhadores, direitos.” Ao se casarem ainda meninas- moças, assumem suas casas e suas atividades como algo natural, já que haviam aprendido na casa dos pais que ser Dona de casa deve ser o ideal de vida para toda e qualquer menina. Agora, morando em suas casas com suas panelas, seu fogão, em seus “lares doce lares” assumem a nova identidade a de mulheres casadas e mães. Vivendo esta quase (des)conhecida identidade, deparam-se com o sexo e a procriação, associando a sexualidade à tarefa de reprodução, um dos aspectos da nova vida.

As mulheres desta geração com quem mantivemos contato salientaram que, ao se casarem não sabiam nada sobre sexo, apenas que o casamento era para a mulher cuidar da casa, do seu marido e de seus filhos. Quando meninas eram ingênuas, nem suas mães lhes falavam nada a esse respeito, ou conforme a fala de Dona Carmem: *“Eu, para mim que o pessoal se casava para ficar tomando conta da casa, fazer o comer, sei lá (...)”*

Casamento tem, como referência, um ritual religioso e civil legalmente formalizado, considerando casamento a união realizada na Igreja, quando unidos pelos laços do matrimônio, abençoados pelo padre, representante divino. Com os vestidos de noiva ainda guardados, usando alianças, as viúvas guardam as lembranças de serem casadas conforme os ditames sociais e cristãos.

O casamento representava o futuro destas mulheres quando meninas que, de forma “naturalizada”, ao ficarem adolescentes, deveriam conhecer um rapaz de bem, trabalhador para tirá-las da casa dos pais para assumirem suas vidas de adultas. Nos discursos, o casamento significa um ritual de passagem de menina-moça para menina-mulher donas de casa e mães. A união idealizada aparece sob a forma de uma vida entre homem, mulher e filhos, todos numa convivência harmoniosa, sem conflitos, o homem-pai, o provedor da família garantindo o sustento da casa e a mulher tomando conta dos afazeres domésticos, tudo bem delimitado, ou conforme a fala seguinte:

*“Eu imaginava coisa boa, mas não é do jeito que a gente pensa, não. Um esposo, a gente se abraçando, conversando igualmente, mas me peguei com uma coisa ruim, graças a Deus, que eu não estou vendo, saio todo dia de manhã, de tarde para não ficar vendo, volto só à noite porque é escuro tem que estar ali dentro de casa.*

*(D. Maria – 66 anos).*



Após alguns anos de casada, Dona Maria revela a decepção vivida no casamento, a falta de carinho, de cumplicidade, entre ela e o marido. Assim, a representação de casamento antes construída dilui-se como num passe de mágica. Imaginação e realidade aparecem como duas coisas diferentes, polarizadas. *“Eu imaginava coisa boa, mas não é do jeito que a gente pensa, não, esposo bonzinho, a gente se abraçando, conversando igualmente...”*. A vida cotidiana de amargura, decepção e violência demonstrada pela informante evidencia-se na relação entre o hoje, vida real e o antes, momento dos sonhos.

Diferente de Dona Maria, Dona Jacira refere-se ao seu casamento como uma realização pessoal, uma vida de responsabilidade e compensações, demonstrando a satisfação de ter casado com um homem de bem, respeitador e cumpridor de seus deveres de pai-esposo e dono de casa, não tendo do que se queixar.

Mesmo que Dona Carmem tenha reelaborado a idéia de casamento, percebendo-o como não tão bom quanto o que imaginava quando menina, por não viver a vida mais tranqüila, com um marido compreensivo, Dona Carmem não foi embora, como relata ter tido muita vontade, *“(...) de se meter mundo afora até se possível se juntar com outro rapaz (...)”* mas isto não aconteceu porque quando ela veio ter coragem para fazer isto, já não era tão jovem e tinha suas filhas, não podendo deixá-las sozinhas nas mãos do pai.

Hoje, Dona Maria continua a assumir seu papel de mãe, de dona de casa, porque ela diz ser sua sina, mais forte do que sua vontade de mudar, não podendo enfrentar de frente esta situação. Mas passa a maior parte do tempo fora de casa, seja catando lenha ou na casa de familiares, de vizinhos. Ela passa o tempo e o tempo passa por ela longe do marido, que a faz lembrar dos momentos de angústias vividos. Como ela mesma comentou:

*“(...) hoje sou mais aberta para o mundo, não tenho medo de falar da minha vida para você, o que antigamente não teria coragem de fazer, se ele vier me chamar de nega do diabo eu chamo ele de branco do cão, e aí ficamos acertados (...)”.*

*(D. Maria- 66 anos)*

### **3.2. “Melhor só do que Mal Acompanhada”**

As “viúvas” também idealizaram o casamento? Ao falarem a este respeito, elas transportam-se para o tempo em que os maridos viviam em casa, lembrando dos momentos bons da relação, quando tinham com quem dividir as responsabilidades da casa, da educação dos filhos, além de ter o homem como o provedor, mesmo que, em muitos casos, na prática fossem elas, as mulheres. Paralelamente às boas recordações, vêm à tona os momentos angustiados, as traições, os maus tratos por parte dos maridos, já que em alguns casos, muitas vezes, era como trabalho delas que era garantida a manutenção da casa, a saber.

Dona Sônia, 42 anos, viúva, quatro filhos homens, nasceu e criou-se no Estreito e, desde os seis anos de idade, trabalha na agricultura com a mãe. Ao doze anos começou a namorar, aos treze anos fugiu com o namorado e casou-se no civil, *“voltando para a casa do pai ainda virgem”*, só saindo de lá dois anos depois, quando o marido retornou para buscá-la, depois de haver trabalhado para iniciar a vida de casado. A família de Dona Sônia só permitiria que ela saísse de casa se casasse na Igreja, pois, ao contrário, não aceitaria que a filha vivesse em pecado. O marido não aceitou a condição, terminando por *“morar juntos”*, apenas casados no civil.

Ao lembrar do tempo em que o marido era vivo, Dona Sônia relata a felicidade que vivia, que o marido era muito bom para ela, que tinha muito amor pelos filhos, que era um pai exemplar. Dona Sônia, assim como as demais informantes que compreendem a idade de 35 aos 72 anos, com quem mantivemos contato, refere-se a infância como a época da inocência, em que as meninas não falavam sobre sexo, nem sabiam que no casamento iriam ter esta experiência, salientando que elas eram diferentes das moças de hoje “que sabem de tudo, são informadas de tudo”. Já ao que diz respeito às obrigações de Dona de casa, não foi surpresa e nem tiveram dificuldade, pois aprenderam desde cedo na casa dos pais, vendo as mães fazerem e sendo ensinadas por elas como cuidar de uma casa, e de crianças, criando os irmãos menores, enquanto os pais iam para o roçado.

Na concepção de Dona Sônia, assim como das demais mulheres que conhecemos, a Dona de casa e mãe deve assumir a responsabilidade de tomar conta da casa, da educação dos filhos, do cuidado com o marido, para que ele chegue do trabalho e encontre tudo direito, além de ter o carinho para dar ao esposo, importante, para que a família continue unida que a mulher compreenda o marido e trate-o bem. O grande sonho de Dona Sônia, como ela relata, era casar na Igreja :

*“(...) Porque na religião católica as pessoa que não são casadas na Igreja, não tem direito de receber a comunhão, não podem ser padrinhos de criança, nem de casamento. Era meu maior desgosto na vida. Passamos quatorze anos só casados no civil. Meu sonho era sair daquele pecado.”*

Desde que o marido foi embora, Dona Sônia encontra-se sozinha, não pretende mais casar-se. Assim como outras “viúvas de marido vivo”, ela diz que a mulher deve preservar

sua moral acima de tudo. Ter moral significa criar os filhos com o suor do seu trabalho e não colocar outro homem dentro de casa, para não ficar na boca do povo. Ou seja, ter moral significa viver só sem o marido em casa e poder ir e vir para qualquer lugar na comunidade de cabeça erguida e não ser mal falada por ninguém. A preocupação por salientar a moral e os bons costumes de mulher íntegra tem a ver com a noção de comportamento ordenado e designado como padrão para toda e qualquer mulher-“viúva” de bem que queira ser apoiada pelo pai e respeitada de pela comunidade. Na acepção de FOUCAULT, moral é um conceito socialmente construído que diz respeito a:

*“Um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. Essas regras são bem formuladas numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. A moral[!] grifo nosso não é apenas uma em si, mas ela é vivida de diferentes maneiras, de acordo com o lugar de quem a vive em relação a outros.”<sup>38</sup>*

À luz da interpretação de FOUCAULT, entendendo que a moral é vivida de diferentes maneiras, tendo em vista o lugar e a relação de quem se fala com outras pessoas, percebemos que Dona Sônia procura demonstrar a sua situação de “viúva,” resguardando sua imagem de mulher casta, não podendo, por isso, namorar, sair para festas, devido Ao controle do pai e À promessa que fez a ele de que não o desapontaria. Isto não quer dizer que Dona Sônia não tenha vontade de viver sua sexualidade, coisa que ela diz indiretamente, sem mesmo se dar conta, ao comentar da falta de carinho, da solidão que sente a noite em seu quarto, mas que “(...) durante o dia não tem tempo para pensar nestas coisas, pois ocupa todo o tempo trabalhando(...)”.

---

<sup>38</sup> FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. (Vol. 2) (o uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Edições Graal, 7ª edição, 1994, p. 26.

Segundo algumas “viúvas”, o sexo tem a ver com casamento, relacionado à reprodução, visto como algo a ser vivido apenas com um único homem. Este tratamento dado ao sexo está diretamente ligado à noção de conduta moral que a mulher deve assumir, assim como à idéia do papel social como mulher-esposa e mãe que foi definido socialmente. O sexo é percebido como missão para procriação, como um assunto de âmbito particular do casal, dentro da sua privacidade, do quarto<sup>39</sup>. Dona Sônia cresceu numa cultura em que a família, a escola e a Igreja não davam espaço para se falar do sexo como prazer, desejo. Na memória destas mulheres, as moças de família cresciam vendo e ouvindo sobre a importância do casamento, como ritual de passagem para uma nova vida, a de Dona de casa e mãe, mas isto não incluía conversas sobre sexo.

Observa-se que entre estas mulheres o sexo está relacionado ao casamento e casamento faz parte da privacidade, visto como segredo de mulher casada, que a falta de carinho e a solidão por estar sozinha sem marido, deve ser controlada, pois *“ter outro homem, que não seja o marido, é correr o risco de sofrer, ter mais filhos e ficar na boca do povo”*. É comum as viúvas e/ou as separadas morarem perto dos pais e serem “ajudadas” por eles, através das suas aposentadorias.

Em troca da “ajuda”, os pais exigem que as filhas mantenham sua integridade e não arranjem outro homem. Eis o caso de D. Marluce, que se orgulha de poder dormir na sua casa de portas abertas a noite inteira e homem nenhum entrar, assim como ninguém falar mal dela. *“Vou até para forró com meus primos, tomo minhas caipirinhas, vou para o campo ver o jogo, mas nunca fiz vergonha a meu pai.”* Assim, entre estas mulheres a

---

<sup>39</sup> Consultar FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade (Vol. 1) (a vontade de saber) Rio de Janeiro: Edições Graal, 11ª edição, 1993.

sexualidade aparece como um segredo, um motivo de vergonha para ser comentado, já que não foram acostumadas a falar abertamente sobre o assunto, tratando-o como uma questão própria do casamento, da privacidade do casal. Sem marido em casa, a mulher torna-se assexuada, devendo pois comportar-se “dignamente”, não falando sobre isto, nem arranjando outro homem. Mas esta reverência por parte destas singularidades de mulheres, o pudor sobre sua sexualidade tem a ver com a representação dada ao tema pela sociedade criadora deste dispositivo. Para FOUCAULT:

*“Não deve perceber a sexualidade como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a por em xeque (...) mas como um nome que se pode dá a um dispositivo histórico: (...) mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação aos discursos, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder”<sup>40</sup>.*

Conforme diferentes discursos das mulheres que conhecemos no Estreito, o sexo não aparece como expressão de prazer e, em nenhuma das conversas que tivemos, as informantes mencionaram a palavra sexo. Mas isto não quer dizer que não se falou sobre isto. A discrição, o pudor demonstrado nas entrevistas revelam, de outra forma, seus pontos de vista e suas concepções sobre sexo, porque, como nos mostra Foucault:

*“Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz: é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e a outros”<sup>41</sup>.*

---

<sup>40</sup> Idem, p. 100.

<sup>41</sup> Idem ibidem, p. 30.

Para Foucault, não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. Mulheres viúvas e/ou separadas que desde então estavam sem companheiros, nem namorados, a partir das perguntas falavam da solidão que sentiam durante a noite, momento de descanso, em que se encontram sozinhas no quarto, nestes momentos sentem a falta de carinho do marido. Mas que no outro dia amanheciam firmes e fortes, deixando para trás a solidão que as invadem durante a noite, ocupam o dia e a mente trabalhando, indo à Igreja, às reuniões do Clube de Mães, onde fazem cursos de alfabetização. Mesmo convivendo com a solidão, devido à ausência dos maridos, algumas “viúvas” não cogitam a possibilidade de casar-se novamente, como nos relata Dona Maria do Carmo:

*“Porque eu acho que casamento só é um mesmo, eu tenho para mim que casamento é só um mesmo, se deu certo é aquele, também se não deu, acabou. Agora, acontece da pessoa querer um dia querer de casar, eu mesmo já disse que não caso mais não...”*

Mesmo saudosistas do tempo em que os maridos viviam em casa, as informantes revelam o sossego conquistado sem seus respectivos companheiros em casa. *“Quando o marido da gente tá em casa, a pessoa fica presa dentro de casa, não tem direito a sair (...)”* Não casar novamente tem a ver com a privacidade e certa autonomia conquistadas com a separação. Sentem falta do homem-provedor, do sexo, da cumplicidade, mas preferem a vida atual de independência. Descobrem que *“é melhor só do que mal acompanhada”*.

Há uma reelaboração do sentido dado anteriormente ao casamento. Ao invés de ficarem presas ao ideal de união entre esposa e marido, percebem o outro lado da moeda. Com a ausência do homem, as mulheres percebem a relação de poder vivida durante a convivência, em que ela se deixava subordinar ao comando do marido. Diferente da imagem de vítima, da mulher sofrida devido ao poder natural do homem, encontramos mulheres que vivem momentos de angústias e alegrias, já que percebem o que querem para suas vidas. Mesmo tendo momentos de fragilidade, percebem que viver sem homem dentro de casa dando ordens é interessante pois percebem-se como atrizes que atuam, agem e reagem frente a seus papéis que foram historicamente delimitados e reforçados durante algum tempo por elas mesmas.

Ao invés de vítimas e algozes, frágeis e fortes, aparecem mulheres provedoras que mesmo assumindo, ou sendo vistas deslocadas da identidade de mulheres mães-donas-de casa, descobrem e expressam nesta nova vida seus desejos e novos ideais. Desta forma, vemos as nuances e descobertas nas trajetórias de vida das mulheres provedoras, percebemos nas histórias de vida, descontinuidades e reelaborações das representações de casamento nas específicas trajetórias conhecidas.

Encontrar-se "*sossegada*" é uma expressão encontrada nos diversos discursos das viúvas. Há cinco anos D. Marluce está sozinha com seu filho, o marido foi para São Paulo e por lá ficou, não manda notícias, nem dinheiro algum para as despesas da casa. Esta realidade de ter que se arrumar sozinha para criar o filho, trabalhando na agricultura, nos hectares cedidos pelo pai, tem seu lado positivo, o de estar sossegada sem homem em casa, podendo ir e vir para forró, para as campos de futebol, dormir e acordar a qualquer hora.



*“(...) Ele foi embora, meu marido, para mim, eu estou mais sossegada do que com ele, digo a todo mundo, digo ao pai dele..., digo às irmãs dele. Olha, eu vivo é melhor, embora que eu vivo sofrendo, trabalhando e me lascando todinha no meio do mundo para arranjar o pão para esse menino..., mas estou mais sossegada, durmo a hora que quero, vou para onde quero, vou para casa de minhas cunhadas, chego no outro dia, é como se chegasse agora (...). Vou para forró, danço que só a moléstia, tomo caipirinha...”*

*(D. Marluce - 42 anos)*

Dona Maria do Carmo, 41 anos, “viúva de marido vivo”, vive há mais de três anos sozinha com seus seis filhos na casa em que sempre morou depois de casada. Sua história, assim como de outras mulheres que não têm os maridos em casa, assemelha-se na luta cotidiana para o sustento da casa. Dona Maria do Carmo começa a falar sobre sua vida sentadas na mesa da cozinha começamos a conversar.

No início da entrevista, Dona Maria do Carmo demonstra insegurança de falar da sua vida sentimental, mas, com o tempo, ela foi ficando à vontade para dizer que tem um namorado há mais de um ano. Esta parte da conversa foi animando Dona Maria do Carmo que, até então, falava da sua vida chorando, comentando as angústias do dia a dia do tempo de casada em que não era feliz, pois como ela mesma disse não havia amor. Segundo ela, tanto ela como o marido casaram-se para saírem da casa dos pais e terem suas vidas próprias, mas quando foi aparecendo os filhos, o marido não aceitava e mandava ela tomar chá para abortar. Ao mesmo tempo, dizia que preferia viver com a indiferença do marido do que voltar para casa dos pais, por isso que ela agüentou tantos anos.

Ao falar do namorado, Dona Maria do Carmo sorri de vergonha e de alegria, parece uma menina vivendo uma paixão pela primeira vez, mas com a experiência de uma mulher descasada que viveu com o marido 19 anos. Ao falar sobre o namorado ela muda, parece sair dos problemas, do sofrimento que viveu durante seu casamento, da dureza do dia a dia de ter que se virar com dez reais por semana do lucro da venda dos ovos de capoeira. Mas ela ressalta que *“(...) mesmo com todo este sofrimento, hoje ela é mais feliz do que quando era casada”*. Se não fosse a dificuldade financeira, ela estaria muito mais feliz do que quando casada, com um marido *“seco, indiferente, não tinha amor, nem carinho por ela”*.

Ninguém, no Estreito, sabe deste namoro de Dona Maria do Carmo, ela se encontra com ele nas sextas feiras quando vai vender ovos em Campina Grande: Ela fala deste dia como um dia especial, em que se arruma e vai ao encontro do amado, sorri ao falar sobre isto e fala baixo, sempre olhando em direção à sala para ver se a menina pequena, que está assistindo à televisão, não escuta:

*“Estou muito bem, Jussara, do coração, nunca fui tão feliz, por isso não quero casar mais não, ele já me pediu em casamento, disse que enfrenta comigo situação, porque ele não quer viver assim, como se fosse escondido, que não deixa de ser, mas eu não quero não, prefiro assim, a gente sai, vai para um barzinho toma uma cerveja conversa muito, namora e pronto, quero aproveitar isto, porque é bom demais, eu não sabia o quanto era bom ser feliz, e ter uma pessoa que ama a gente.”*

Para Foucault, o capitalismo não calou, nem escondeu o sexo, ao contrário disto, estimulou-se a falar de sexo, sendo controlado por mecanismos de vigilância como a medicina, a Igreja, a escola, a família. Pode-se perceber que as mulheres “viúvas” falam da

sua sexualidade através do silêncio e por outros enunciados, como da menção que fizeram da solidão com a qual convivem em seus quartos durante as noites quando vão deitar-se, ou ainda de como preenchem o tempo trabalhando dentro e fora de casa, fazendo-as esquecer da carência por estarem sozinhas sem os maridos. Foucault (1993), observa que deve-se considerar em quem fala sobre sexo, os lugares e os diferentes prismas de que se fala, e as instituições que estimulam a fazê-lo que:

*“Todos esses elementos negativos - proibições, recusas, censuras, negações - que a hipótese repressiva agrupa num grande mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso”<sup>42</sup>*

As mulheres do Estreito falam sobre sexualidade em reuniões que têm no Clube de Mães, quando, há palestras sobre a sexualidade feminina, ocasião em que conversam sobre seu corpo, conhecendo-o e sabendo como lidar com ele. Conversam sobre assuntos relacionados à reprodução, ao cuidado da saúde do corpo, à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (com informações sobre o uso de preservativos) e ao conhecimento sobre o controle da natalidade. A ação sobre o corpo, a educação do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer representam estratégias de produção de um feminino que não pode ser percebido apenas como negativo, mas descobri, aí, sua positividade, através de uma arte de fazer singular. São maneiras de educar a mulher sobre sua vida sexual, seu corpo, além de ser uma maneira de dizer como se pode viver a sua sexualidade de forma saudável. Ali, as mulheres recebem saberes divulgados por

---

<sup>42</sup> FOUCAULT Op. Cit. p. 17.

especialistas como médicas, enfermeiras, professoras, que detêm o poder de saber e de falar sobre isto.

A domesticação do corpo diz respeito ao desempenho deste nas funções que lhe foram atribuídas socialmente, de acordo com regras de condutas esperadas pela sociedade normatizadora e reguladora. O descuido para o corpo por parte de algumas mulheres, principalmente por das “viúvas”, é um dispositivo de controle da sexualidade. O corpo das mulheres está relacionado à procriação, sendo considerada não como opção, mas como consequência da condição de ser mulher. KUDE (1994) acredita que as políticas governamentais e a pesquisa psicológica refletem o mito da maternidade. Este papel da maternidade feminina em tempo integral foi criado socialmente, na Europa, no final do século XIX, com vista a trazer a mulher de volta ao lar, uma finalidade reforçada por políticos e religiosos.

A sala de aula é outro espaço em que se fala sobre a sexualidade em geral, não da feminina especificamente, onde se pode tirar dúvidas referentes a este assunto. Uma coisa interessante é a particularização de se falar sobre sexo entre mulheres. O Clube de Mães é o espaço onde as mulheres, casadas “viúvas”, separadas, podem ir e sentirem-se à vontade para trocar experiências e aprender mais sobre como serem melhores mulheres, mães, donas de casa e até esposas.

Esta maneira de adentrar o mundo privado de cada mulher que frequenta estes lugares de discussão sobre assuntos que lhes foram escondidos quando meninas, mostra como elas devem proceder junto aos seus filhos, falando para eles, principalmente para as

meninas sobre menstruação, namoro, casamento, sexo, já que hoje a televisão é um meio de saber sobre sexo que diariamente traz para dentro de casa o saber que deve ser esclarecido aos adolescentes. Por isso, as mulheres, com idade entre 40 e 70 anos que conhecemos, falam da diferença do seu tempo de meninas, em que não sabiam nada sobre sexo, para o de hoje, em que toda e qualquer menina já sabe sobre isto.

Assim, percebemos que o Clube de Mães, a escola, o Grupo de Jovens são os espaços onde se criou o espaço para se falar de sexo. Mesmo sendo cumpridores de um projeto de educação sexual, orientadores de condutas de como devem as mulheres se comportar, são também espaços possibilitadores do compartilhar o saber a esse respeito, aumentando os espaços e mecanismos de se falar sobre algo que, ainda, por parte destas mulheres-mães merece tanta discrição e cuidado, dispositivos construídos historicamente para regularem as condutas, demarcadores de espaços e de papéis de homens e de mulheres na sociedade.

### **3.3.“(...) Como Deus Criou Batata (...)”**

A vida em família diz respeito aos compromissos, deveres e direitos entre os cônjuges para com a organização familiar, em que cada um, de acordo com papéis específicos, deve cumprir com sua parcela para a criação da prole. A mulher foi educada no sentido de ser dela o papel do cuidado dos filhos, partindo da premissa da sua vida girar em torno da privacidade da casa, enquanto ao homem atribuiu-se a imagem da autoridade (Cf. Capítulo Terceiro) pois, por passar a maior parte do tempo fora de casa, os filhos lhe tem

meninas sobre menstruação, namoro, casamento, sexo, já que hoje a televisão é um meio de saber sobre sexo que diariamente traz para dentro de casa o saber que deve ser esclarecido aos adolescentes. Por isso, as mulheres, com idade entre 40 e 70 anos que conhecemos, falam da diferença do seu tempo de meninas, em que não sabiam nada sobre sexo, para o de hoje, em que toda e qualquer menina já sabe sobre isto.

Assim, percebemos que o Clube de Mães, a escola, o Grupo de Jovens são os espaços onde se criou o espaço para se falar de sexo. Mesmo sendo cumpridores de um projeto de educação sexual, orientadores de condutas de como devem as mulheres se comportar, são também espaços possibilitadores do compartilhar o saber a esse respeito, aumentando os espaços e mecanismos de se falar sobre algo que, ainda, por parte destas mulheres-mães merece tanta discrição e cuidado, dispositivos construídos historicamente para regular as condutas, demarcadores de espaços e de papéis de homens e de mulheres na sociedade.

### **3.3.“(...) Como Deus Criou Batata (...)”**

A vida em família diz respeito aos compromissos, deveres e direitos entre os cônjuges para com a organização familiar, em que cada um, de acordo com papéis específicos, deve cumprir com sua parcela para a criação da prole. A mulher foi educada no sentido de ser dela o papel do cuidado dos filhos, partindo da premissa da sua vida girar em torno da privacidade da casa, enquanto ao homem atribuiu-se a imagem da autoridade (Cf. Capítulo Terceiro) pois, por passar a maior parte do tempo fora de casa, os filhos lhe tem

mais respeito e medo. Por meio desta separação de espaços e papéis sociais específicos de homens e de mulheres, acredita-se na imagem da mulher-mãe-educadora e do homem-pai, a autoridade da família, aquele de quem só basta um olhar repreensivo para que a ordem seja cumprida por parte dos filhos.

Percebe-se que esta demarcação de papéis em alguns casos são reordenados, de acordo com específicas relações entre os cônjuges, ou conforme observação feita por COSTA (1979), sobre o início do século, aqui no Brasil os valores da família colonial foram sendo substituídos por um modelo familiar moderno, em que os cuidados dos filhos pelos pais passam a ser a associação do compromisso cristão, enquanto pai de família e chefe, com o amor paterno e maternal prescrito pela norma médica, elementos indispensáveis para criação de indivíduos normais, saudáveis e equilibrados.

Assim, COSTA (1979) mostra que o amor entre pais e filhos torna-se a energia moral responsável pela coesão familiar, substituindo progressivamente a ética religiosa pelos imperativos de sobrevivência material. Contudo, não concordamos com a idéia de uma possível substituição do saber cristão pelo saber científico, mas, conforme percebido por GUATTARI (1996), acreditamos na associação destes saberes como projeto de manutenção da família como espaço privilegiado de construção de subjetividades serializadas ou seja, homogêneas.

O tema educação aparece nos depoimentos dos informantes como um requisito indispensável à vida futura dos filhos, sendo, portanto, uma responsabilidade dos pais, mais precisamente, das mães, que compartilham da compreensão da educação que dão em casa,

ensinando os filhos a rezar, a respeitar os pais como autoridade máxima na relação familiar. Educar, disciplinar, enquadrar os filhos, desde logo, de acordo com as regras respeitadas pelos pais, passa a ser uma das obrigações dos pais de família. Segundo Seu Manuel “*tem três formas de um pai criar um filho, é com pirão, oração e cinturão...*”.

Nesta fala, percebemos o reconhecimento da obrigação dos pais de educar os filhos, alimentando-os, disciplinando-os, temendo a Deus, padronizando seus comportamentos de acordo com os preceitos religiosos da humildade, do amor ao próximo, do ser trabalhador, honesto e temente a um ser onipotente e superior, como também do respeito ao pai, autoridade maior da família, devendo, pois, submeterem-se às suas orientações.

Educar bem a família representa o bom desempenho dos pais. Criar indivíduos disciplinados e ordeiros é a garantia de um futuro mais tranqüilo e de felicidade para os pais, como disse Dona Jacira: “*Na hora da comida, minha fia, a gente encha aquela mesa, enchia a mesa de comida, mas quando acabava a comida, vamos para rezar.*” Educar os filhos tem a ver com o esclarecimento dos pais sobre a responsabilidade, não assumi-la, significa ignorância e o não cumprimento do seu papel.

Ou, como foi observado por Dona Sônia, que lembra do marido com admiração, porque ele preocupava-se com a educação tanto religiosa, como escolar. Mesmo que os pais do seu ex-marido não lhe tivessem colocado na escola, nem no Catecismo, ele não criou os filhos do jeito que foi criado, ao contrário de outras famílias, que ela conhece, que são apenas as mães que cuidam da educação dos filhos.



As mulheres casadas, “viúvas”, preocupam-se com o estudo dos filhos, como uma alternativa para que consigam uma vida melhor do que a que elas tiveram. Estudar significa para a mulher um bom emprego, independência. O futuro dos filhos está associado ao estudo, podendo através deste, conseguir um emprego melhor, com salário fixo, diferente do que acontece com o trabalho na agricultura. Segundo Dona Penha, o estudo dá tudo quanto é bom para a vida de uma pessoa, mesmo que ela não tenha tido a oportunidade de estudar. Para ela através dele, sua filha poderá conseguir bom emprego e não ser dependente de ninguém, inclusive do marido.

O casamento não é mais a única alternativa para estas mulheres. As mães que vivem dependendo da incerteza da agricultura, dos “bicos” feitos, em períodos de seca, acreditam no estudo como um meio de conquista da independência feminina, podendo a mulher vir a ser dona do seu próprio nariz. Casar não significa a única alternativa de futuro para uma mulher:

*“Já que eu não tive a condição de ser formada, assim, se fosse casada, bem casada, queria tomar conta de minha casa, mas por enquanto não foi possível isto acontecer. Tem gente que tem sorte, às vezes não tem estudo, arruma logo um emprego, aí vai estudando, aí chega no emprego mais elevado, conheço pessoas assim, começou do nada e hoje em dia é sucesso, pessoas assim de exemplo, mas a gente mesmo não teve nunca sorte não, nessa área de emprego.”*

*(Belinha – 29 anos)*

Ser formada, ter condições de arranjar um emprego vem no primeiro plano. “*Não tendo um emprego melhor, é importante também ser Dona de casa.*” Aqui, evidencia-se a

preferência de Belinha em ser empregada, coisa possível devido à falta de estudo e, isto não acontecendo, fazer um bom casamento torna-se a única alternativa. Quando se refere a emprego, refere-se ao trabalho como comerciária, secretária, por garantirem salário fixo e carteira assinada, diferentemente dos trabalhos na agricultura e de empregada doméstica. O estudo, segundo Verônica (22 anos), traz esperanças para sua filha: “(...) *para ela ser uma pessoa entendida das coisas. (...) Eu quero que ela tenha oportunidade mais do que eu. Quero que ela vá para muito canto, tenha área de lazer, eu num tive essa chance.*”

Nos diferentes discursos acerca da educação encontra-se uma tríade que se complementa respectivamente: a educação doméstica, a religiosa e a escolar. A preocupação da educação dos filhos está relacionada a esses diferentes e complementares aspectos, que visam a preparação das pessoas, de acordo com as normas disciplinares da cultura ocidental. Na família, as pessoas começam desde cedo a conviverem com a divisão sexual do trabalho (o que devem a menina e o menino fazer) e tendo por modelo a relação de saber e poder vivida pelos pais no dia a dia no seio da família, os filhos aprendem o que vêem e o que ouvem como referência para suas vidas.

Quando da ausência do pai, a mãe age conforme seu saber sexista. Por exemplo, ser da mulher a tarefa do cuidado dos afazeres domésticos e do homem a tarefa de provedor é percebido como um sentido natural da vida, aprendido ao longo dos anos, passando de geração a geração. Não saber de onde veio este ensinamento não importa<sup>43</sup>, o que interessa é que estão dando continuidade ao saber transmitido como verdadeiro e universal, tendo em vista que: “*A relação com a linguagem, da forma-sujeito característica das nossas formações sociais, é constituída da ilusão de que o sujeito é a fonte do que diz quando, na verdade, ele*

---

<sup>43</sup> O importante é não saber de onde veio, pois é isto que o “naturaliza”.

*retoma sentidos preexistentes e inscritos em formações discursivas determinadas.*”<sup>44</sup>. Dona Sônia diz que não sabe de onde veio este ensinamento, só sabe que foi criada assim: *“é como diz a história, é de pai para filho. Era sempre o que dizia, que o homem tá no mundo trabalhando e a mulher tá em casa tomando conta da família...”*.

A divisão sexual do trabalho, conforme apreendida pelas famílias que conhecemos no Estreito, assim como a delimitação dos papéis e espaço feminino e masculino são adquiridos através das relações construídas nas diversas trajetórias de vida de mulheres e de homens. Naturalizadas estas experiências, tratadas como certas e universais. Nas falas dos informantes, os papéis feminino e masculino são identificados e justificados como sendo apreendidos historicamente, de geração para geração, não importando muito de onde vieram. Eles existem e são vividos e conhecidos como certos. Quando observamos algumas práticas, percebemos experiências deslocadas das representações, dos discursos, como Marluce, quando almeja o futuro do filho: *“tem esse menino aí, cuidado dele, é eu que dou de vestir, é eu que dou de comer, é eu que dou de calçar, eu faço todo esforço, eu trabalho na agricultura, mas quero ver ele ser gente um dia.”*

Na prática, observamos que há uma redistribuição dos papéis familiares e sociais entre os filhos, quando numa família, em que o homem está ausente, a mãe prepara o filho desde pequeno para assumir a responsabilidade que seria do pai. Eis o caso de Rosário, que tem dois filhos, uma menina e um menino. Ela reclama da preguiça e da falta de interesse de trabalhar do filho de 10 anos, comparando-o com o marido que tinha interesse e era trabalhador, que *“(...) para ganhar dinheiro era muito bom fazia de tudo, qualquer serviço*

---

<sup>44</sup> ORLANDI, Emi Pulcinelli. Discurso e Leitura. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 1993 (coleção Passando a Limpo), p. 77.

*ele aceitava fazer (...)*". Ela cita seu próprio exemplo que, desde pequena, inventava de comprar um pacote de solda (bolacha doce, escura, feita com rapadura e trigo), trabalhava em roçado, colocava água para casa, levantava-se bem cedo no escuro ainda, ia com o irmão para o mato tirar agave para abri-lo e deixá-lo ao sol. Depois ia para a escola e, quando chegava, ia puxar agave para ganhar dinheiro para ajudar em casa e comprar roupa. Lembra que comprou até o terceiro ano do livro do Nordeste através do seu trabalho.

A mãe diz que o filho não demonstra interesse nenhum em ganhar dinheiro. Para não "viver com o cipó na mão atrás do filho", que só quer jogar bola, ela providenciou uma caixa para que a acompanhe aos sábados, domingos e feriados ao campo de futebol para vender "din-din", cada um com sua caixa de isopor. A mãe fica atenta porque, sempre que pode, o menino deixa a caixa em qualquer lugar para ir jogar bola. A mãe deixa bem claro que o filho "*(...) não puxou para mim, não puxou, não, viu?! Mas não dou liberdade para ele brincar solto pelo mundo com esses meninos velhos, não, como tem muitos por aqui.*"

Em relação à filha de 10 anos, a mãe não cobra o interesse de trabalhar fora, assim como faz com o filho de 11 anos. Notou-se a diferenciação no tratamento dado ao menino e à menina. Observou-se que, devido o menino ser o mais velho, cabe a ele também a responsabilidade da ordem da casa quando a mãe não se encontra: "*Quando ele chega, come na casa de mãe, e quando eu chego, aí eu vou fazer a janta e dar um banho na menina... quando ele quer, ele faz alguma coisa aí e nós janta (...)*". A mãe parece referir-se a um homem adulto, delegando ao filho valores de dono de casa, de homem de responsabilidade, eternizando os valores patriarcais de como devem ser o homem e a mulher, desde cedo, ainda crianças, a aprender "seus" papéis.

Assim, observa-se que o papel de chefe de família designado ao homem-pai, quando este encontra-se ausente, é transferido ao filho homem da casa. Quando há mulheres, a filha mais velha incorpora a tarefa de mantenedora da casa e, assumidos estes papéis, torna-se muito provável que permaneçam sempre com esta responsabilidade, não transferindo para outros irmãos que venham tornar-se adultos.

No dia a dia, a divisão sexual do trabalho, de acordo com o que foi aprendido, é refeita com as práticas destas mulheres, mas não são percebidas assim. Preocupando-se com o futuro dos filhos, as famílias exercem seu papel de educadoras, transmitindo as regras de conduta de homens e de mulheres esperadas pela sociedade. Ao se casarem, os homens devem representar o modelo de uma pessoa honesta e trabalhadora, enquanto das meninas espera-se que sejam boas donas de casa, boas mães, esposas. Assim, mesmo casando-se aos 13-14 anos, assumir a responsabilidade de donas de casa não é problema, já que foram educadas para isto.

A educação religiosa, sem dúvida, encontra-se presente na preocupação dos pais. Ensinar os filhos a rezar, ir à Igreja, são requisitos indispensáveis à formação de pessoas ordeiras e respeitadoras das hierarquias, humildes e benevolentes. A escola é a fonte de saber que garantirá no futuro um emprego, com isto, uma vida melhor. A triade se complementa na finalidade dos pais darem uma boa criação aos filhos. Não devendo, pois criar os “(...) filhos como Deus criou batata (...)”, de todo jeito, pagãos e ignorantes. Assim, começa, na família, a trajetória disciplinada das individualidades pois, através da educação, são regidos os comportamentos:

*"Sublinha-se o caráter altamente repressivo da estrutura familiar, reprodutora das normas de disciplinamento e controle social (e sexual) ditadas pela Igreja. Os historiadores têm se debruçado sobre os Manuais de Confissões que ditavam a conduta dos padres-confessores, a partir do detalhamento dos múltiplos controles desenvolvidos pela reforma religiosa católica no período da Inquisição. Decerto, grande parte das práticas pedagógicas autoritárias, inculcadas historicamente desde muito tempo, ainda perambulam pela formação social brasileira(...)"<sup>45</sup>*

Perceber as famílias como processo e não como estrutura fixa no tempo, eis um toque menos fixo de olhar para a multiplicidade de relações familiares, diluindo assim a noção de um modelo de família brasileira, o da família patriarcal reforçada pelo Estado e pela Igreja. Este referencial familiar associado a um sistema hierárquico e de valores, destacando-se a autoridade paterna e do homem sobre a mulher, a monogamia, a indissolubilidade das uniões e a legitimidade da prole.

---

<sup>45</sup> NEDER, Gizele. Ajustando o Foco das Lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: Kaloustian, Silvio Manoug (organizador). Família Brasileira, a base de tudo. São Paulo/Brasília: Cortez/UNICEF, 1994, p.26-46.

## *CAPÍTULO QUARTO*

### *MANDO E DESMANDO*

*A Representação de um ser Mulher como Dispositivo de Saber e Poder Masculino e seu  
Deslocamento.*

*“Ser mulher é tomar conta da casa, cuidar dos filhos e ter um  
marido, são as obrigações.”*

*(D. LÚCIA)*

## *CAPÍTULO QUARTO*

### *MANDO E DESMANDO*

#### *4.1. A MULHER É HOMEM? NÃO SENHOR: A idéia de um ser mulher, sua universalização e seus descompassos.*

As "viúvas" do Estreito, com as quais mantivemos contato, agem como se acreditassem na existência de uma essência feminina, definidora de um ser mulher único e universal constituído de caracteres próprios diferentes do masculino. Esta representação do feminino, evidenciada pelos informantes, denota a condição subordinada de mulheres deste universo recortado, resultante do estereótipo construído ao longo dos anos e difundidos por um projeto sexista da sociedade ocidental. Assim, tanto o masculino como o feminino compartilham com a mesma imagem de um ser mulher que, muitas vezes, contradiz a prática destes sujeitos sociais, devido ao legado histórico apreendido através da transmissão de valores, feito por instituições tais como a família, a Igreja, e a escola, que procuram enquadrar as individualidades à idéia coletiva e classificatória do que seja ser mulher.

Casada, mãe de uma menina de dois anos de idade, Dona Lúcia espera que a filha tenha um futuro diferente do dela, acreditando que, através do estudo, possa conseguir a



independência, privilégio dos homens. Mesmo compartilhando da idéia de que ser mulher é ser dona de casa, mãe e esposa, cabendo-lhe o lugar da casa, Dona Lúcia espera que a filha tenha uma sorte diferente da dela, possa ser mais livre e se desvencilhar deste modelo dominante de mulher. Isto não quer dizer que ela deva deixar de ser mulher, mas que seja de outra maneira, não do jeito aprendido e “vivido” por Dona Lúcia. Vemos, então, que o próprio discurso é contraditório, pois ao mesmo tempo, Dona Lúcia diz que: *“ser mulher é ser boa dona de casa, mãe e esposa.”*

Dona Lúcia refere-se ao modelo que sua mãe lhe mostrara como verdade, porém, em sua prática cotidiana, burla esta representação que ela mesma define como certa, espera que sua filha tenha uma vida diferente, que estude e não se limite ao papel de dona de casa. A casa por arrumar, a roupa por lavar, e sua preocupação por ter chegado visita em casa às três horas da tarde e visto o seu descuido como dona de casa, tudo isto é justificado pelo cuidado que tem com a filha pequena. As coisas em casa faz quando tem tempo, e quando o marido está em casa, ele a ajuda, tomando conta da filha, varrendo a casa, ou coisa parecida.

Esta representação discursiva tem expressividade a partir de referentes, como a divisão sexual do trabalho justificada pelo imaginário social, apontadores do lugar e tipo de trabalho que cabe ao feminino, relacionando a isto, um diagnóstico sexista que considera o feminino menos capaz em relação ao masculino.

Para Dona Terezinha, ser mulher é uma carga muito pesada, pois tem que enfrentar tudo que a vida lhe mostrar, sejam coisas fáceis ou difíceis para resolver. Desde menina a

mãe já lhe dizia que ser mulher era uma tarefa pesada. Hoje, aos 41 anos de idade, reconhece, pois sua vida a leva a pensar desta maneira, ter que assumir a responsabilidade de esposa, dona de casa, mãe, requer muita disposição. Enquanto Dona Terezinha diz que ser mulher é tarefa difícil, Dona queria ter nascido homem, pois ser mulher é sofrer, é ser presa, reprimida, discriminada por ser mais frágil do que o homem, além de não poder ter uma vida livre para ser feliz e viver à vontade.

De acordo com diferentes discursos, ser mulher está diretamente relacionado com a maternidade e tarefas domésticas, além do serviço a ser prestado ao homem-marido, de ter que compreendê-lo e muitas vezes não ser compreendida, cabendo a ela fazer o possível para não aumentar a ira do homem, nos momentos de divergências entre os dois, restando-lhe falar mais baixo do que ele, e aceitar suas reprovações. Em alguns momentos, alguns discursos de mulheres e homens do Estreito remetem-se à mulher-esposa com a ideia de delimitação de papéis que se dá pela justificativa da diferença de sexos.

Segundo Dona Sônia, é da responsabilidade da mulher tomar conta da casa, educar os filhos e tratar bem o marido, o marido devendo chegar em casa e encontrar tudo arrumado, tudo pronto. Além disto, a mulher deve sempre carinho com o marido dentro de casa, não devendo tratá-lo "a pontapés", como muitas o fazem. Já Dona Dora mostra que a separação do casal, hoje em dia, é culpa das mulheres, por não saberem tratar bem o marido: "*A mulher deve saber entender o marido, não é só respeitar o marido de ser fiel, mas é saber tratá-lo bem*". Mas como entendemos que nada está definitivamente dito e explicado, guiamo-nos pelas práticas que reconstroem cotidianamente as conceituações que são feitas sobre o mundo. Aqui entendemos que:

*“A presença e a circulação de uma representação (ensinada como código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por divulgadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização.”<sup>46</sup>*

Dona Jacira, 65 anos, não concorda com a educação de hoje dos casais, em que marido e esposa vivem brigando e a mulher respondendo. Para ela, o homem pode mandar na mulher e a mulher deve reconhecer isto como certo, não podendo falar mais alto que o homem:

*“Eu acho muito feio. Tem que ser assim, que ele esteja errado fale baixo, se ele falar alto ela se cale. Assim vive, se todos dois falarem alto, ai pronto, começa uma briguinha e assim, se ela for fraca, vai chorar, foi assim que eu fui criada, assim nunca briguei mais ele, graças a Deus.”*

*Dona Jacira (65 anos)*

Na sua acepção, se não for assim, cada um fazendo o seu papel de marido e de esposa, não há união no mundo. O casal tem que ser unido, os cônjuges combinarem um com o outro e “tomar pé” das suas responsabilidades. Assim, vão viver até o dia que Deus quiser. Este entendimento de Dona Jacira, de que a mulher deve calar no momento em que o homem estiver falando, cabendo a ela evitar brigas, tem a ver com a concepção de reverência que se deve ter para com o chefe da casa, a autoridade maior, constituindo-se aí uma relação de poder vivida e consentida por Dona Jacira e outras mulheres.

---

<sup>46</sup> CERTEAU, Michel de, *A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*; tradução de Efraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.p.40.

#### 4.1.2. “(...) Tem Mulher que Só quer Ser Homem (...)”

“Tem pouca diferença do homem”, eis a interpretação feita acerca das mulheres sem marido, que são vistas como menos femininas e mais masculinizadas, já que ocupam o lugar que a sociedade designou como sendo de homens. Desta forma, é evidenciado um deslocamento da mulher de seu lugar historicamente delimitado pela divisão sexual do trabalho, baseado numa mentalidade patriarcal.

Percebe-se haver uma incongruência entre o modelo normativo de mulher e a prática cotidiana de singulares histórias de vida das “viúvas”. Inspirados pelo pensar classificatório, tanto homens como mulheres, quando se referem às mulheres sem marido, as identificam com o seu trabalho fora de casa. Sendo assim, estas passam a ser vistas de maneira diferente das mulheres com maridos. O trabalhar como homens, ou como mulheres trabalhadoras rurais, são identidades que sinalizam seu deslocamento dos espaços ditos femininos e por terem ocupado o lugar dito masculino, já que a noção de chefe de família é masculina.

Na interpretação dos informantes homens, estas mulheres que “trabalham feito homem”, ou como menos femininas, têm a vontade de tornar homens, mas não são. Assim, é atribuída a estas mulheres uma outra identidade, sendo construída a partir disto uma representação acerca destas especificidades, de mulheres que ocupam o lugar de homens, mas que nem por isso conseguem ser homens. Também deixam de ser vistas como mulheres de acordo com a imagem universal que discutimos inicialmente. Ronaldo 46 anos, casado, diz que há pouca diferença da mulher “viúva” para o homem, porque ela assumiu a identidade de pai e mãe de família, faz os dois papéis. Na roça ela trabalha com o

cultivador, faz o que ele, como homem, faz : *“Mas acho que ela não é tão forte assim, mais um pouquinho de conserto ela chega lá. As obrigações são muitas, porque eu vejo mulher que deseja ser homem.”*

É interessante notar que, mesmo percebendo pouca diferença entre as “viúvas” e os homens, e admirar a determinação delas no trabalho e na criação dos filhos, Ronaldo entende que estas mulheres, por exercerem este papel que não é de mulher, por não terem homem em casa para assumir seu lugar de chefe de família, desejam ser homens. Esta identificação se dá porque estas mulheres ocupam um lugar que a sociedade delimitou como sendo masculino, mesmo que sempre as mulheres do Estreito trabalhem na roça fazendo serviços ditos “pesados” ou “leves”. As “viúvas” são singulares, em relação às mulheres que “ajudam” os maridos, sendo vistas como mulheres que têm coragem por assumirem o papel de homens. Esta compreensão sinaliza que:

*“ (...) as relações de força e oposições que os sujeitos ocupam na interlocução, já se encontram definidas por determinações institucionais e históricas, que constroem essa hierarquia. Já é dado, pois, que alguns, por diferentes razões históricas, podem exercer o poder, no jogo das relações sociais.”<sup>47</sup>*

Ter “coragem” é uma característica associada ao homem, um ser destemido, desbravador, por isso, é justificada a sua responsabilidade de ter que “ganhar o mundo” à procura de meios necessários para a manutenção da família; enquanto a mulher e as crianças ficam em casa, na domesticidade, lugar seguro que não requer coragem, requisito básico da pessoa pública.

---

<sup>47</sup> LAGAZZI, Suzy. O Desafio de dizer Não. Campinas: Pontes, 1988, p.96.

Ao identificarem as mulheres sem marido como sendo masculinizadas, ou desejosas de tornarem-se homens, prontas para enfrentarem sozinhas o trabalho pesado, cuidarem da casa, da criação dos filhos, das responsabilidades de mulheres e de homens, sem a presença destes em casa, estas mulheres assumem uma postura diante do mundo e delas mesmas de seres corajosos e destemidos. Assim, ter coragem aparece como um adjetivo masculino, aspecto influenciador na identificação de mulheres quase homens, já que precisam um pouco de conserto para sua total transformação. Isto pode ser observado a seguir:

*“Ele foi embora e eu fiquei trabalhando, continuei minha vida trabalhando, não tinha medo, por que ter medo? Tenho coragem [grifo nosso!] de enfrentar a vida e de trabalhar. Eu saber que tem um serviço para amanhã, eu vou pensar se amanhã eu vou fazer isso? Não, eu não tenho medo para nada na vida, assim de topar o pesado, como já topei muito e por isso não. Eu me achando só eu não perco para qualquer coisa difícil, não. Coragem [grifo nosso!] de trabalhar eu tenho, graças a Deus, eu tenho saúde, vou fazer 40 anos, graças a Deus, eu não sinto uma dor na unha, trabalho o dia todinho, oxe. Eu com seis meses de gravidez, eu fazia uma casa do tamanho dessa, cavava barro, barro duro, cavava barro, fazia barro e topei sozinha e reboquei uma casa desse tamanho, com seis meses de gravidez dessa menina.”*

*(D. Leda - 40 ANOS)*

Durante as conversas com diferentes informantes, observamos a relação que faziam entre o hoje e o ontem, percebendo a vida presente comparada ao passado. O passado é reconstituído a partir do olhar de agora, recortando as fotografias que possam interessá-los na percepção do que está sendo vivido.

As “viúvas” lembram do passado, época em que os maridos viviam em casa como tempos piores do que hoje, já que, naquele momento, elas trabalhavam do mesmo jeito que

hoje e tinham que agüentar as desventuras dos homens que muitas vezes não eram responsáveis, deixando a cargo das mulheres todas as tarefas. Estar junto ao marido significaria ter mais filhos, ter que trabalhar do mesmo jeito para a manutenção da casa e, muitas vezes, até dos homens, além de ter que suportar violências e traições deles. Marluce comenta que não sente falta do marido, porque não tem boas lembranças do tempo em que ele vivia em casa, pois ele batia nela e queria ser superior, queria ser temido, mas ela não aceitava esta situação, pois ela sempre trabalhou dentro e fora de casa (na agricultura), chegando o dia em que ela o deixou ir embora para São Paulo. O ontem é associado ao sofrimento, a dias piores do que o atual.

*“Isso daí é certo, porque ele era perdido. Ele estava dentro de casa, era perdido, era só para dizer que tinha um homem dentro de casa. Era, e era pior ainda porque eu me aperreava mais ainda. Sofria mais ainda em dobro quando estava com ele e todo ano um filho. ôxe! Eu já passei tempo na casa dos outros, saía escondido dele, assim ia à noite, de meio dia. Deus é que sabe, com meus meninos no braço.”*

*(D. Zefa- 48 anos)*

Para Romanelli (1997), a posição dos membros na vida familiar está relacionada às trajetórias destes individualmente e a maneira como estas trajetórias articulam-se entre si, gerando situações novas. À medida que os filhos deixam de ser apenas consumidores e se tornam geradores de renda, alteram-se os fundamentos de suas posições na estrutura doméstica, redefinindo-se as relações de autoridade e poder, o que, muitas vezes, interfere igualmente nos vínculos afetivos. A noção de lugar é interessante, pois o discurso não produz estranhamento quando o homem ocupa o lugar de chefe. O lugar discursivo é igual à posição da mulher. De acordo com Romanelli,

*"(...) A crescente inclusão feminina do domínio público, das atividades profissionais, foi revestida de significado simbólico positivo, conferindo-se à trabalhadora e produtora de rendimentos um novo lugar nas representações sobre as mulheres. O acréscimo de novos atributos à condição feminina contribuiu para a introdução de formas alternativas de relações entre homens e mulheres, dentro e fora da família."<sup>48</sup>*

Na acepção de Romanelli a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, como meio de aquisição de rendimentos, redimensiona a representação sobre o feminino, ganhando um lugar de mais respeito em sua relação com o masculino. É interessante tal observação, porém, merecendo ressalvas, na medida em que não percebemos isto nos diferentes casos de mulheres no Estreito que trabalham e sustentam a casa, mesmo com a presença dos maridos em casa.

O conceito "mulher trabalhadora rural" é deslocado da mulher, por isso é explicitada a característica mulher trabalhadora rural, já que pressupõe que a mulher esteja ocupando um lugar de homem. Do mesmo jeito, o conceito "chefe de família" remete à noção da mulher exercer o papel do homem. Aqui evidencia-se uma estratégia<sup>49</sup> de ordenação dos comportamentos e de delimitação de lugares de homens e de mulheres, refeitos e reelaborados cotidianamente. Como Certeau observa:

*"A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos, os campos em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc.)."<sup>50</sup>*

<sup>48</sup>. ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e Poder na Família. In: A Família Contemporânea em Debate São Paulo: EDUC/Cortez, 1995. P. 82.

<sup>49</sup> Consultar CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer, (tradução de Efraim Ferreira Alves). Petrópolis, R. J: vozes, 1994.

<sup>50</sup> Idem, p.99.



#### 4.2. Chefe de Família: “Ser ou não ser...”

A noção de chefe de família está associada a relação de poder legitimada pela idade e sexo, em que o mais velho ocupa o lugar da autoridade, assim como é atribuído ao homem-pai o papel de chefe, podendo em sua ausência a mulher ocupar este lugar e ser reconhecida como tal. Segundo LAGAZZI (1988):

*“A hierarquização é a formalização das relações de forças entre as pessoas, através da atribuição de lugares socialmente definidos, como nas relações de trabalho, ou nas relações entre pais e filhos, por exemplo.”<sup>51</sup>*

Há casos de “viúvas” que vivem singulares histórias e são percebidas pelos outros de maneira diferente em relação às mulheres-esposas. Neste caso específico, percebemos que a ausência dos maridos possibilita a estas mulheres serem vistas como trabalhadoras, como chefes de família, além delas próprias entenderem que trabalham por “necessidade”, motivo distinto das demais mulheres, já que não têm os maridos para assumir esta tarefa; enquanto as mulheres-esposas fazem o trabalho na agricultura por quererem “ajudar” os maridos. Nem todas as mulheres que mantêm suas casas com seu trabalho se consideram a si mesmas como chefes de família, nem os outros a percebem como tal. É o caso de famílias que têm o homem-pai-marido em casa, inválidos, doentes, ou desempregados. No entanto, continua sendo atribuída a ele a posição de provedor ou responsável pela família. Chefes de família são as mulheres que vivem sozinhas com os filhos.

---

<sup>51</sup> LAGAZZI, Op. Cit. 1988.

Para as mulheres, sozinhas ou que não podem contar com o trabalho do marido, mesmo em casa, a situação de ambas, em relação ao trabalho, é a mesma. Diz D. Marluce: *“Olhe, trabalho você tira o meu, não é? Essa mulher que tem marido, olhe, o meu trabalho para essa mulher que tem marido, agora essa que tem marido com saúde não, mas esta mulher que eu estou dizendo a você, a gente trabalha igual.”* Do homem é cobrado o compromisso de trabalhar e ganhar o sustento da família, tendo menos responsabilidades dentro de casa do que a mulher. Segundo o código local, as obrigações do homem-pai são: ter de pensar, primeiramente, nos filhos e na esposa; o dinheiro que arranjar, tratar de pagar as contas; não deixar faltar o alimento e abastecer o lar do necessário à manutenção da família.

Segundo Seu Ronaldo, é vergonhoso para o homem as pessoas saberem que sua família está passando necessidade, devendo, pois, não deixar que isto aconteça, que a mulher não tenha que deixar a casa e o cuidado das crianças, para trabalhar fora. Isto demonstraria que o homem não está conseguindo dar conta da sua responsabilidade. Como foi mencionado, em algumas entrevistas, *“a obrigação de um homem”*, segundo Roberto, (31 anos), casado, é de *“não faltar nada em casa. O que faltava para uma criança, faz tudo na vida para não faltar para uma criança, da mulher, do pai de família e da mãe de família, ele pode sofrer que só, mas nada para o filho pode faltar.”*

Ser chefe de família é uma identidade atribuída às mulheres que assumiram um lugar que historicamente foi atribuído ao homem, na sua falta. Algumas “viúvas” procuram mostrar que hoje não sentem mais falta de marido, como se fossem assexuadas. Inibem suas emoções, suas saudades, tendo à noite, em seus quartos, lugar apropriado para desaguar os

sentimentos de fragilidade que não devem mais ser demonstrados, já que devem impor imagem de mulher forte e valente. No outro dia, acordam dispostas a recomeçar, a enfrentar a vida de mulheres “chefes de família”. Ser chefe de família tem a ver com o deslocamento destas mulheres da imagem de feminilidade esperada pela sociedade.<sup>52</sup>

*“No plano das representações, a legitimidade da autoridade do chefe de família era considerada natural, do mesmo modo como eram - e em parte ainda continuam a ser assim qualificados pela ideologia sexista - as qualidades e os atributos tidos como femininos e masculinos. Essa concepção da naturalidade da autoridade masculina era amparada e sustentada por representações de diferentes religiões, bem como pelo aparato jurídico.”<sup>53</sup>*

Ao assumirem a responsabilidade de homens por estarem sozinhas, sem os maridos ao seu lado, algumas destas mulheres que são reconhecidas como mulheres que desejam ser homens choram, e não têm medo nem vergonha de demonstrarem isto, ao contrário de outras, como Dona Leda, que procuram mostrar sua condição de mulher forte e destemida.

Na família, o masculino ocupa o lugar de comando da prole, cabendo a este o sustento da casa, a proteção de esposa e filhos. Eis a imagem elaborada acerca da organização da família e a posição que cada sujeito deve ocupar nas múltiplas relações. Belinha diz que o chefe da sua casa é seu pai, Dona Sônia entende que o chefe da casa é quem deve tomar conta de tudo, o responsável pelos filhos, pela mulher, por tudo dentro da

---

<sup>52</sup> Considera-se como chefe de domicílio a pessoa, homem ou mulher, responsável pelo domicílio. (Censo IBGE, 1991). Conforme a PNAD de 1985, 25,7% dos domicílios brasileiros eram chefiados por pessoas sem cônjuges; dentre eles, 70,2% (5.771.002) eram chefiados por mulheres e 29,8% (2.452.661), por homens. Isto significa que em 1985, 18,0% dos domicílios eram chefiados por mulheres sem cônjuge. Entre 1978 e 1984, as famílias chefiadas por homens experimentaram um crescimento de 21,4%, enquanto o número daquelas chefiadas por mulheres cresceu para 46,9%. O aumento mais acelerado das famílias chefiadas por mulheres é um fenômeno que, embora mais intenso nas zonas urbanas, apresenta-se de forma generalizada em todo país onde a pobreza é acentuada. (Scott apud Mireya; 1992:23) 1

<sup>53</sup> A oposição roçado/casa exprime essa divisão do trabalho por sexo, sendo que o lugar

<sup>53</sup> ROMANELLI, Op. Cit. 1995, p. 82

casa, quem traz tudo para dentro de casa: *"a feira, o amor, o carinho, traz tudo, porque esse aí é tudo, né. Acho que o amor é importante na vida de um casal"*.

Ser chefe de família é relacionado ao masculino, atendendo a uma hierarquia em que o homem vem em primeiro lugar, seguindo da mulher-esposa e os filhos, como ressaltou Seu Zé: *"É capaz de ser eu que sou o dono da casa, né? Segundo vem ela, que tanto faz o homem como a mulher, e família sabe, a família já é família não pode, a família não pode se...."*. Cabe ao chefe a responsabilidade de trabalhar para sustentar a casa, "quem traz a feira, o amor, o carinho". Da forma como é exposto pelos informantes, tudo quanto a família precisa para viver bem, depende de o homem-pai-marido trazer da rua para dentro de casa, já que cabe ao masculino o mundo público, depende dele buscar lá fora os requisitos indispensáveis ao bem estar da família

*"(...) O status das mulheres do campo está vinculado à capacidade que tenham de gerar uma renda, seja para fins pessoais ou domésticos. Por conseguinte, os programas e projetos de desenvolvimento agrícola precisam garantir às mulheres o acesso ao trabalho remunerado, em nível comunitário, bem como ampliar a capacidade das unidades de produção, para empregarem as mulheres de uma maneira mais produtiva."*<sup>54</sup>

A observação acima mencionada é generalizante e determinista, pois no caso do Estreito, em que o trabalho agrícola é predominante, na medida em que Mireya considera que o status da mulher aumenta quando ela consegue gerar uma renda. No Estreito, como já frisamos anteriormente, mesmo que seja a mulher quem sustenta a casa com seu trabalho, quem resolve problemas domésticos, devido a doenças, invalidez do marido, quando o

---

<sup>54</sup> SUÁREZ, Mireya. Mulheres e Desenvolvimento Agrícola no Brasil: Uma Perspectiva de Gênero. Brasília: IICA, 1992:93)

marido encontra-se em casa, continua sendo ele o homem o chefe da família, como é o caso Seu Carlos (Cf. Capítulo Segundo). Em muitos casos, a representação compartilhada pelos sujeitos sociais do Estreito, acerca do lugar do masculino na relação de poder nas famílias, não condiz com as práticas cotidianas observadas, mas os discursos expressam as idéias que foram reforçadas há tempos pela educação, pela religião. O tradicional convive com o novo, ou melhor, com a reelaboração constante das trajetórias de vidas das relações sociais destas pessoas.

Nos casos em que os homens não vivem em casa, tendo a mulher como a única responsável pela família, há um deslocamento do termo chefe de família, passando a mulher a ser reconhecida desta forma por censos e até por elas mesmas quando requisitadas por órgãos como a Companhia de Eletricidade da Borborema (CELB), e a Fundação Nacional de Saúde (SUCAM). No momento do acerto do trabalho alugado, são elas que tratam diretamente com o contratante, ou seja, esta identificação se expande, elas são tratadas de maneira diferenciada não apenas por vizinhos, mas por instituições, e até por elas mesmas que entendem, assim como Dona Zefa: *“que o chefe é a gente mesmo, porque é quem luta para arrumar um trocado, para arrumar um dinheirinho, para comprar as coisas para os filhos, né”*.

Há uma distinção entre chefe da família e chefe da casa. Muitos homens não atendem ao seu papel de acordo ao modelo ideal. Assim, a chefia como categoria formal deve ser diferenciada da autoridade real. Nem sempre é o pai, o chefe da família, que dá as ordens em casa, mesmo que seja atribuído a ele este status pela mulher-esposa, filhos e pela sociedade em geral. Mas a distinção entre casa e família, assim como chefia e dominância

pode ser observado em diferentes situações. Muitas vezes, a própria mulher contribui para assegurar ao homem o cumprimento dos papéis “masculinos”. Segundo AGUIAR (1984), o conceito de chefe de domicílio ajusta-se à análise da pequena produção mercantil, desenvolvida no contexto doméstico, sob o comando do dono da casa, ou à economia de plantation, onde a casa é entregue aos trabalhadores do sexo masculino, como representantes da mão-de-obra familiar, compreendida a residência.

Na economia capitalista, o conceito denota que existem papéis bastante diferenciados, no contexto doméstico, quando o homem trabalha fora de casa e a mulher incumbe-se dos afazeres domésticos, da socialização dos filhos e do apoio afetivo à família. Em qualquer dos casos, o conceito de chefe de domicílio esconde tanto a autoridade exercida pelas mulheres em casa, quanto as atividades por elas desempenhadas orientadas para o mercado. Quando ambos os cônjuges trabalham fora de casa, sendo responsáveis, em conjunto, pelas decisões dos assuntos domésticos, a situação tem sido ignorada pelos censos.

As informantes revelam que, mesmo estando sozinhas, sem os maridos para dividir as responsabilidades da casa, dos problemas corriqueiros próprios para serem resolvidos com a participação dos homens, vivem melhor do que quando os maridos estavam em casa. O hoje é desenhado como sofrido por terem que se virarem de todo jeito para sustentarem a família, mas, em contrapartida, há o lado positivo desta situação. Elas percebem o agora em relação à vida que tinham antes, o hoje vive-se no “sossego” e sem marido para dá satisfação de tudo quanto for fazer. Significa estar livre das amarras do casamento, das imposições do marido, dono de tudo: da casa, dos filhos, da mulher, do destino de todos: o

chefe inconfesso e ardiloso que muitas vezes não fazia a sua parte para corresponder a este status designado a ele por ser homem.

As “viúvas” demonstram em seus discursos o descobrir-se depois da partida dos companheiros. Hoje, sabem que podem educar os filhos, trabalhar, manter a casa, mas também vão a forró, ao jogo de futebol, sem empecilhos, sem ter que depender da vontade do marido, como diz Marluce: “(...) vou para casa das irmãs, uma em São José, outra nas Malvinas, outra na Palmeira e outra aí no Rocha, chego no outro dia, é como se chegasse agora. Vou para o forró, danço que só a moléstia, tomo minhas caipirinha... Pronto.”

#### 4.3. “Direito de Trabalhar, sem Direito de Vender”

No Estreito, há casos em que a mulher não tem autoridade para vender produtos plantados no terreiro, nem bichos da criação cuidados por ela. No caso observado por HEREDIA (1984), são precisamente os membros do grupo doméstico que participam dos diferentes momentos que compõem o processo produtivo (produção, comercialização e consumo) na agricultura familiar; não obstante, sua participação varia nos diferentes momentos de tal processo, variações estas que se manifestam ainda dentro das fases constitutivas de cada um desses momentos, conforme sexo e idade. Cabendo ao pai o dever de prover a família de alimentos conseguidos pelo trabalho agrícola, outros bens como utensílios domésticos, roupa de cama, mesa e banho são providenciados pela mulher mãe. Isto é possibilitado através da venda de criação ou de produtos.

Dona Carmem mostra a diferença do filho para as filhas: “*se não fosse minhas filhas não sei o que seria de mim*”. São as filhas que a vestem, lhe dão perfumes, roupas íntimas, sapato e algum pouco dinheiro para quando ela precisar de alguma coisa, já que o dinheiro da aposentadoria do marido é usado apenas por ele para a compra de alimentos para casa, para a conta de luz, para o fumo. É seu João, seu marido, quem vai para a feira todo sábado, sendo isto um motivo de orgulho, ao dizer que nunca perdeu um sábado de feira, mesmo que seja para comprar apenas café e açúcar. Como não paga transporte, por ser idoso, torna-se mais fácil ir todas as semanas. Seu João, fala com orgulho que, desde que chegou ao Estreito, há 45 anos atrás, nunca perdeu um sábado de feira em Campina Grande:

No caso do Estreito, nem todas as mulheres casadas têm autoridade para vender animais da sua criação de acordo com as necessidades que são comumente percebidas pela dona de casa, já que é ela quem vive e administra a domesticidade. Dona Carmem relata que ela nunca teve o direito de vender nenhum produto do roçado ao redor da casa, cuidado, por ela e pelas filhas, quando estas moravam em casa. Desde quando casou, mesmo grávida, Dona Carmem trabalha na enxada, seja no roçado de casa, seja no trabalho alugado, estava lá ao lado do marido ou muitas vezes sozinha, já que Seu João ia beber nas bodegas com amigos (Cf. Capítulo Segundo).

Cuidando do roçado de casa, do trabalho alugado e do trabalho em casa, Dona Carmem não podia nunca dispor de nenhum produto da lavoura do terreiro para comprar coisas para dentro de casa, ou objetos de usos pessoal para os filhos ou para ela. Seu João detinha o domínio do resultado do trabalho conjunto da família, era ele quem decidia



quando e como vender os produtos e como usar o dinheiro em casa. Na roça, era ela quem limpava, plantava, mas quando os produtos estavam maduros, ela não podia tirar para vender. Só tirava vagem quando seu João mandasse, quem administrava a lavoura era ele. *“Olhe”, diz ela, “para eu vender um litro de feijão, uma coisinha, eu vendia escondido, mas não tinha o direito de vender, não.”*

O poder de mando do homem é exercido em diferentes situações, como por exemplo nas decisões que envolvam a família e o “eito,” lugar delegado como sendo masculino, onde ele manda. Percebem-se alguns descompassos entre a representação de lugares específicos a cada sexo como é o caso do “eito”, como sendo do homem e o terreiro da mulher, pois observa-se que, em alguns casos, o marido não permite que a mulher venda um animal, ou produto da agricultura cultivados no terreiro de casa cuidados por ela mesma. Nestes casos, observa-se que o homem burla o modelo historicamente construído e tido por ele mesmo como certo, o de que o terreiro e a criação de animais cabe à mulher fazer, pois é o lugar dela, enquanto no eito é ele quem manda. Pode-se perceber isto na experiência de vida de Dona Carmem, de 64 anos, casada há 40 com Seu João com quem tem quatro filhas e um filho. As moças, desde cedo, trabalhavam no alugado com a mãe e o pai. Esta situação de mando do homem é justificada por Dona Carmem mesmo quando ela fala que é porque o homem tem poder e a mulher é abaixo dele, já que todo homem é mais forte fisicamente e para a mulher enfrentá-lo só com a cabeça, porque no braço é impossível.

Observa-se que muitas mulheres burlam a ordem dos maridos, mesmo entendendo, assim como Dona Carmem, que as mulheres não têm força para se impor ao marido porque

eles são mais fortes. Algumas, quando precisam de dinheiro, seja para comprar roupas para os filhos, ou objetos para dentro de casa, vendem às escondidas bichos ou produtos da plantação do terreiro. Esta regra, de que a mulher não pode dispor dos produtos do terreiro colocada pelos maridos, nem sempre é atendida, as mulheres encontram maneiras sutis de burlada, como, por exemplo, atingir a falta de algum animal do terreiro ao ataque de raposas, de acordo com Dona Carmem.

Desta forma, as normas de conduta estabelecidas socialmente e enunciadas nos discursos acerca dos papéis do feminino e do masculino, são ultrajadas na prática cotidiana tanto pelos homens, que invadem o espaço que socialmente é definido como feminino, como pelas mulheres que reagem a esta invasão. Muitas mulheres desobedecem às ordens dos maridos- chefes de família ditador de regras e limites de um e de outro. Nestes momentos, há uma quebra na cumplicidade por parte das esposas no tocante à permissão do comando do homem- marido. Ao vender os produtos, às escondidas, fazem valer os direitos de serem também as donas do resultado de seus trabalhos de criação e cultivo.

#### **4.4. Um Santo Protetor**

Uma coisa interessante entre as "viúvas" é que elas moram perto de seus parentes, principalmente da casa dos pais, construindo suas casas em terrenos cedidos por eles ou comprados de terceiro. Morar perto dos pais representa para estas mulheres segurança e apoio. O pai aparece, nos discursos destas mulheres, como uma forte referência, por

sentirem-se protegidas e acobertadas por homens de sua família. Mesmo quando da ausência do marido, por morte ou porque foi embora, as mulheres provedoras não conseguem independência da noção da figura do homem como protetor e guardião da família, transferindo este papel para o pai ou irmãos.

É controvertida a representação sobre mulheres sozinhas sem os maridos. Muitas vezes pensamos que, por estarem sozinhas, devem deixar de ser frágeis, tornando-se supermulheres, que não têm medo de nada e nem de ninguém. Mas, não é bem assim. Quem não vive com o marido, muitas vezes é protegida pela família, pelo pai e pelos irmãos. Por exemplo, durante a entrevista que fizemos na casa de Dona Dalva, seu irmão chegou apresentando-se como delegado do Estreito. Aproximou-se da porta e perguntou o que estava havendo e o que queríamos com Dona Dalva. Após ter sido esclarecida a situação, ele se declara que não é delegado e sim irmão dela. Em seguida, vai embora. Após sua saída, chegou seu pai. Continuamos a conversa e, daí a pouco, chegou um senhor com outra moça, outra irmã de Dona Dalva, nos perguntando o que estava acontecendo, se a conversa é só com mulher sem marido, se não entrevistava mulher sem marido.

Deveríamos, primeiro, ter passado pela casa de Dona Nalva (mãe de Dona Dalva), feito apresentação, para poder chegar a Dona Dalva. Ao chegarmos à casa de Dona Nalva, seu pai estava sentado no chão amolando uma faca peixeira; o rosto fechado, como se quisesse nos impor medo ou respeito pela invasão da casa de sua filha, sem ter antes pedido permissão à família. A casa da mãe de Dona Dalva era vizinha à dela, que construíra sua casa nas terras do pai. É como se fosse uma pequena comunidade de parentes, morando todos no mesmo terreno, sob o abrigo do pai.

A mãe de Dona Dalva, meio desconfiada, faz-nos várias perguntas na sala. Mesmo respondendo, ela demonstrava não ter gostado de termos ido diretamente à casa da filha. Rodeada pelas irmãs, tendo a segurança da mãe e do pai, Dona Dalva demonstra tranqüilidade e segurança... *“eu vivo só, mas não sou só, não, aqui é assim, qualquer coisa bate todo mundo em cima”*. De repente, aquela mulher insegura, frágil, tímida, descobre sua força, balançando a perna cruzada, o chinelo vai e vem, mostrando que sua família se importa com ela. Mesmo não tendo mais o marido ao seu lado, tem quem a proteja do mundo.

Quando se tornam adolescentes, os meninos, que foram educados sabendo que a rua é o espaço próprio de homens, procuram sair com os amigos para festas, jogos de futebol, beber no boteco. As moças, que foram educadas para viver na domesticidade do lar, para comportar-se bem, mantendo-se casta até o casamento, algumas vezes, requerem menos rispidez por parte das mães, devido à vivência com padrões de comportamento que transmitem calma, respeito, pudor, reverência, características associadas ao feminino.

Há vários casos em que as filhas burlam estas regras de condutas. A filha mais velha de Dona Zefa foi trabalhar em casa de família, em Campina, e engravidou aos dezesseis anos de idade, pois aproveitava tempos de folga para ir a festas, namorar, fazer coisas que, em casa, sob os olhos da mãe, não poderia. Hoje, já tem dois filhos, de quem Dona Zefa cuida, e está grávida do terceiro.

Algumas informantes reclamaram sobre a falta do marido, já que os filhos muitas vezes não as escutam. Muitas entendem que poderiam impedir os filhos homens de fazerem coisas com que elas não concordam, que, se o pai estivesse em casa, os filhos obedeceriam. Segundo elas, o fato de o marido viver mais tempo fora de casa faz com que os filhos o temam, restando às mães os aconselhamentos. Devido às mães viverem todo tempo junto dos filhos em casa, faz com que eles a respeitem menos do que aos pais.

Nos discursos, percebemos que a autoridade junto aos filhos continua sendo atribuída ao homem-pai, enquanto a educação regular é coisa da mulher. Impor ordem, temor, fica a cargo do homem, fazendo com que estas mulheres demonstrem a falta que os maridos fazem nestes momentos. O que observamos, no dia a dia destas famílias, é que os filhos divertem-se, trabalham, estudam, passam a ter uma relação com a mãe de cuidado, e as filhas vão trabalhar como domésticas em casa de família, trazem dinheiro para casa nos finais de semana, mas todos mantêm vínculo forte com a casa da mãe, como se tivessem o compromisso de ajudá-las na criação dos irmãos menores.

Entre as famílias matrifocais, observa-se que as mães, muitas vezes, são mais severas e exigentes, uma maneira de impor o respeito, já que não podem contar com o marido-pai, a autoridade. A relação das mães com os filhos é diferente em comparação com a que é mantida com as filhas. Os filhos têm mais liberdade e as mães dizem que é mais difícil impor limites e eles, por isso, agem de maneira mais rispida, conseguindo assim, ir colocando autoridade e respeito junto aos filhos. A idéia de uma fragilidade feminina é utilizada por algumas mulheres como que atendendo ao modelo socialmente esperado, mas encontramos casos de mulheres que agem sorrateiramente, exercendo autoridade dentro e fora da família.

Saber e poder misturam-se, entrelaçam-se, tocam-se e movem-se no meio da multidão, das relações sociais, cogitando um andarilho redemoinho de vidas que se encontram e se desencontram. Ser mulher, esposa, chefe de família, trabalhadora rural, são definições com que o olhar identitário as revela ao mundo como existências gerais, apreendidas como um todo, não percebendo os descompassos dos vários caminhos percorridos pelas diferentes personagens que, através de suas astúcias e táticas, se movem e se desencontram. Assim, as histórias de vidas singulares diferenciam-se, sendo mostradas no nível das práticas cotidianas que ultrapassam os códigos, os mitos, os ritos.

## *CONSIDERAÇÕES FINAIS*

Ao longo da caminhada de cada história de vida aprendeu-se como deve uma mulher comportar-se, devendo, pois, ser admirada pela capacidade de ser amável, educada, abnegada e tantos outros adjetivos acolhidos e escolhidos pela sociedade como um receituário para que uma menina torne-se mulher admirada por seu “bom” comportamento e discrição. Isto mesmo que tenha que estudar, trabalhar e conseguir um lugar ao sol, devendo sempre especificar um jeito feminino de ser em contraposição às características masculinas. Esta imagem, redesenhada através destes enunciados, são uma maneira de representar um ser mulher que cresceu ouvindo como certo e ideal. Mas será que as coisas são sempre de uma mesma forma ou podem variar, de acordo com a maneira como são olhadas e apreendidas pelos sujeitos, através de maneiras múltiplas de fazer ?

Acreditando que códigos como estes, de disciplinamento dos comportamentos de homens e de mulheres, não são naturais, mas que foram criados e alimentados pela sociedade, assim como que as pessoas os utilizam diferentemente, que algumas vezes estes

códigos são reforçados e, em outras, burlados pelos sujeitos sociais que, longe de serem meros receptáculos de informações, são ativos e criativos; entendeu-se que as práticas cotidianas demonstram as reações adversas ou não a respeito destas regras, que CERTEAU (1997) chama de códigos e que chamamos de representações, que não estão separados das práticas, mas que são vividos e reproduzidos diferentemente, mesmo permanecendo uma certa regularidade. A pesquisa empírica suscitou refletir acerca da representação compartilhada pelos sujeitos sociais e históricos fazedores e partícipes de suas experiências de vida, como levou a perceber a fragmentação desta representação vivenciada e articulada, diferentemente, nas múltiplas relações sociais.

Assim, percebeu-se que há uma tendência a um fazer e um saber social que reproduz a diferença sexual, delimitando o lugar feminino e o lugar masculino como dois mundos opostos. Mesmo sabendo que está sendo cada vez mais comum a presença de homens e de mulheres nos dois lugares, encontra-se uma maneira de continuar especificando o "lugar próprio" a cada sexo. Como exemplo disto, a definição compartilhada no Estreito de "trabalhar feito homem", uma simbologia que busca evidenciar que um sexo, no caso, a mulher, "viúva", ocupou o "eito" sem ser na condição de ajudante, um lugar historicamente identificado como masculino, por isso, delegado ao homem, "o chefe de família." Assim, esta definição feita pelos próprios sujeitos reforçam a idéia dicotômica e sexista de homem e de mulher que culturalmente foi construída e validada como verdade.

A dicotomia terreiro/"eito" é uma maneira de homens e de mulheres do Estreito definirem o espaço público, do trabalho, por isso, do homem, em contraposição à casa e tudo que a envolve, tendo como eixo central os lugares e papéis de cada sexo numa



dicotomia, pois a divisão sexual do trabalho, a diferenciação de papéis sociais, são dos muitos locus das relações de gênero. A imagem compartilhada de uma condição de mulher versus de homem é possibilitada na vivência que o casamento, a família, a religião desempenham na reprodução destes modelos.

Procurou-se perceber a vida cotidiana dos sujeitos fazedores deste trabalho, pois, como ressaltou Seu Bené, 42 anos, *“Cada um tem uma história diferente pra contar, um tem uma história mais bonita, outros tem uma história um pouco razoável. Mas cada um tem uma história diferente e assim vai vivendo...”*. Tendo estas histórias como “espaços” da pluralidade de vidas, de fazeres culturais e, portanto, das lutas e conquistas singulares.

Eis uma reflexão que não entende ter chegado ao final, com um fim em si, mas que representa começar a olhar diferente de antes. Eis a sensação de quando se tem que fazer uma conclusão, pois mais parece o começo do que o fim. Estão aqui nossas marcas e de tantos outros que, ao se misturarem, construíram uma tonalidade feita de várias cores, deixando-se perceber os diversos traços. Não se procurou uma fórmula certa para aplicar à vida específica das mulheres do Estreito, mas compreender as transcendências e “indiferenciações” de mulheres e de homens que se dão nas relações sociais, daquele pedaço de mundo.

## 6.0 - BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Neuma. Um Guia Exploratório para a Compreensão do Trabalho Feminino. In: *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina: Análises Qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Falas de Astúcia e de Angústia: A Seca no Imaginário Nordestino - De Problema à Solução (1877-1922)*, Campinas: UNICAMP, 1988 (Dissertação de Mestrado em História).

----- *Vidas por um Fio. Vidas Entrelaçadas: Rasgando o Pano da Cultura e Descobrendo o Rendilhado das Trajetórias Culturais*. Uberlândia: História e Perspectiva, nº 8, 1993, pp. 87-93.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Sagrada Família. In: XAVIER, Elodia. *Declínio do Patriarcado: A Família no Imaginário Feminino*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998. 125 p.

BARROS, Maria Ofélia de. *Não Ser Debandada no Mundo: A Construção Social das Donas de Casa no Cariri Paraibano*. Campina Grande: Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociologia Rural. UFPB, 1996. (mimeo). 146 p.

BERGER, P. & LUCKMAN, T. *A construção social da realidade*. 13ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1996. 242 p.

BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (Coordenadoras). *Feminismo Como Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BOTELHO, Maria Izabel Vieira. *Nas Terras do Canavial*. In: Proposta, Nº 41, Ano XIV, setembro. Rio de Janeiro: FASE, 1989. pp. 4-13.

- BOUDON, R. *A Ideologia ou A Origem das Idéias Recebidas*. São Paulo: Ática, 1989.
- BOURDIEU, P. *O Poder Simbólico*. Lisboa, DIFEL, 1989.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 4ª ed. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 1995. 96 p.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. *Mulher e Trabalho*. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A. ROSEMBERG, Fúlvia (Org.) *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1982.
- CALDEIRA, T. P. do Rio. *Uma Incursão Pelo Lado "Não-Respeitável" da Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro: 1980. (mimeo).
- Casamento e Família no Mundo de Hoje - Textos Seletos do Magistério Eclesial*, 2ª edição- Setor Família – CNBB Petrópolis: Vozes, 1993 (Coleção Subsídios de Pastoral Familiar), 46 p.
- CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lena. Do Feminismo ao Gênero. A Construção de um Objeto. In: OLIVEIRA COSTA, Albertina e BRUSCHINI, (Maria) Cristina (Ord.) *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, (p. 216-251).
- CERTEAU, Michel de, LUCE, Giard, PIERRE Mayol. *A Invenção do Cotidiano 2. (morar, cozinhar)*. (tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth). Petrópolis: Vozes, 1996.372 p.
- *A Invenção do Cotidiano I. (Artes de fazer)*. 2ª ed. (Tradução de Ephraim Ferreira Alves). Petrópolis: Vozes, 1994.351 p.

COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o Verso*. São Paulo: Ed. Escuta, 1995. 303 p.

----- *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1991. 286 p.

DARTON, R. *O Grande Massacre dos Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEBERT, Guita G. Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e História Oral.  
In: CARDOSO Ruth C. L. (Org.). *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156 p.

D'INCAO, Maria Ângela e outros (org.). *Amor e Família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. 159 p.

DONATO, Eronides Câmara. *Identidade, Identidades: Um Estudo sobre Trabalhadores do Serrotão*. Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1995. 245 p. (mimeo).

DUMONT, L. *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURHAM, Eunice. R. A. A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas. In: CARDOSO Ruth C. L. (Org.). *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156 p.

----- *Cultura e Ideologia*. In *Dados. Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Vol. 27, Nº 1, 1984. (pp. 71-89).

----- *Família e Reprodução Humana*. In: *Perspectivas Antropológicas da Mulher* 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- *História da Sexualidade I (A Vontade de Saber)*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- *História da Sexualidade II (O Uso dos Prazeres)*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- *História da Sexualidade III (O Cuidado de si)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1984.
- *Sobrados & Mocambos*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951. 3v.
- GARCIA, France Marie e JR. GARCIA, Afranio R. O Lugar da Mulher Em Unidades Domésticas Camponesas. In *Mulheres na Força de Trabalho na América Latina. Análises Qualitativas*. Petrópolis: Vozes, 1984. (pp. 29-44).
- GERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar (edição americana, 1973) 1978.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografia do Desejo*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996. 323 p.
- HAGUETTE, Tereza Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HEREDIA, Beatriz Maria Alásia de. *A Morada da Vida: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 163 p.
- IBGE. Censo Demográfico. 1980. PNAD. 1990/91.
- KUDE, Vera Maria Moreira. O Mito da Culpa Materna. In: *É Uma Mulher...* Reolina S. Cardoso (org.). Petrópolis: Vozes, 1994. 137 p.

LAGAZZI, Suzy. *O Desafio de dizer Não*. Campinas: Pontes, 1988.

Lei Orgânica do Município de Campina Grande: Os Limites e as Nomenclaturas dos Bairros da Cidade. Lei nº 1. 542, de 06 de maio de 1987. In: *A Divisão Político-Administrativa do Município Campina Grande*:1987.

LIMA, Rita de Lourdes de. *Maria e Maria: As Mulheres e o Mito no Catolicismo*. Dissertação apresentada ao Mestrado em Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1998. 142 p.(mimeo.)

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. 27ª edição. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1994. 167 p.

LOBO, Elisabeth Souza. *A Classe Operária Tem Dois Sexos. Trabalho, Dominação e Resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1991. 285 p. △

MACHADO Roberto. *Ciência e Saber: A Trajetória da Arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1981. 201 p.

MAGNANI, José. Guilherme Cantor. Discurso e Representação ou De como os Baloma de Kiriwana Podem Reencarnar-se nas Atuais Pesquisas. In: *A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa*. Ruth C. L. Cardoso (Org.). 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 156 p.

MARIN, Maria Cristina de M. Migração sem Urbanização. In: *Raízes*, nº 4-5, Mestrados em Economia e Sociologia Rural, UFPB, Campina Grande, 1984/5, pp. 197-203.

MASSI, Marina. *Vida de Mulheres: Cotidiano e Imaginário*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, 224 p.

MENEZES, Marilda Aparecida de. "Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba (Migração, Família, e Reprodução da Força de Trabalho)". Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB. Campina Grande, 1985. 258 p. (mimeo.)

MIELE, Neide. *As Mulheres da Palha da Cana*. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB. Campina Grande: 1985.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 4ª Edição. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1996. 255 p.

----- O conceito de Representações Sociais Dentro da Sociologia Clássica. In: *Textos em Representações Sociais*. Pedrinho A Guareschi e Sandra Jovchelovitch.(orgs.). Petrópolis: Vozes, 1994. 324 p..

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: *Textos em Representações Sociais*. Pedrinho A Guareschi Sandra Jovchelovitch.(orgs.). Petrópolis: Vozes, 1994. 324 p.

MURARO, Rose Marie. *Os Seis Meses em que fui Homem*. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. 267 p.

NEDER, Gizele. Ajustando o Foco das Lentes: um Novo Olhar sobre a Organização das Famílias no Brasil. In: Kaloustian, Sílvio Manoug (organizador). *Família Brasileira, a Base de Tudo*. São Paulo: Cortez. DF: UNICEF, 1994. 183 p.

NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (Coordenadoras). *Feminismo Como Crítica da Modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

NOLASCO, Sócrates. *Representações Masculinas e Femininas*. In: *Feminino Masculino no Imaginário de Diferentes Épocas*. Eloá Jacobina e Maria Helena Kuhner (organização). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. 192 p.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença - O Feminino Emergente*. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1993. 150 p.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1993 (coleção Passando a Limpo). 77 p.

PAULILLO, Maria Ignez Silveira. A Mulher e a Terra no Brejo Paraibano. In: *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/ Fundação Carlos Chagas, 1982.

PENNA, Maura. *O Que Faz Ser Nordestino: Identidades Sociais, interesses e o "Escândalo" Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992. 180 p.

PITANGUY, Jacqueline de Romani. Mulher: Natureza e Sociedade. In: MONTEIRO, Paula (et al.). *O Lugar da Mulher*. Rio de Janeiro: Graal, 1982, (p. 59-72).

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar, Brasil: 1890-1930*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1985. 207 p.

RAMALHO, Deolinda de Sousa. *Seca, Migração e Moradia: Onde Fica a Mulher? Invisível?* In: Raizes, Ano XV, Nº 13. UFPb, Campina Grande, 1996.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. 32ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

ROLNIK, Suely. *Cartografias Sentimentais: Transformações Contemporâneas do Desejo*. 4ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1989. 294 p.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e Poder na Família. In: *A Família Contemporânea em Debate* São Paulo: EDUC/ Cortez, 1995. 82 p.

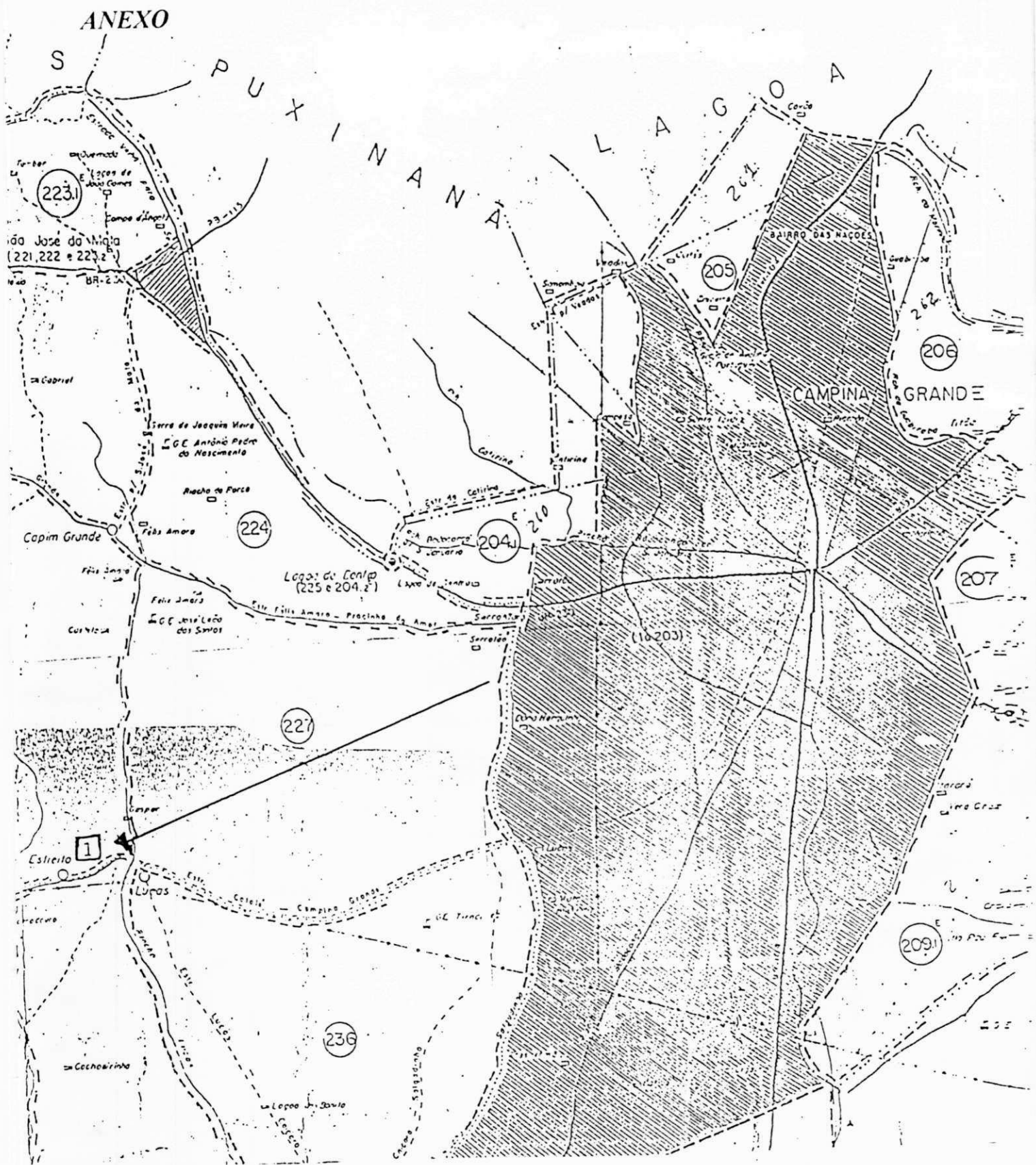
SAFFIOTI, Heleieth I. B. *O Poder do Macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SAHLINS, M. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.



- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. (Tradução: Christine Rufino Dabat/Maria Betânia Ávila.). Recife: SOS Corpo, 1991. 27 p.
- SCOTT, Pery Russel. Comparáveis ou Incomparáveis? Famílias de Trabalhadores rurais, Pobres Urbanos e Classe Média (Um roteiro de Pesquisa sobre o uso Social do Trabalho). In: *Seminário O Nordeste, o que há de novo?* Mestrado em Ciências Sociais Centro de Ciências. Natal. UFRN, 1988.
- SOIHET, Rachel, História das Mulheres. In: CARDOSO, Flamarion Ciro, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SUÁREZ, Mireya. *Mulheres e Desenvolvimento Agrícola no Brasil: uma perspectiva de gênero*. Brasília: IICA, 1992, 218 p.
- *Travessia- Revista do Migrante. Família* Publicação do CEM. Ano IV, nº 9. Janeiro-Abril, 1991.
- WOORTMAN, Klaas. *A Família das Mulheres*. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq, 1987, 307 p.
- Migração, Família e Campesinato. In: *Revista Brasileira de Estudos de População*. Jan/jun. 1990. pp. 35-53.
- Reconsiderando o Parentesco. In: *Anuário Antropológico/76*. RJ. Ed. Tempo Brasileiro, 1977. pp. 149 a 189.
- XAVIER, Elodia. *Declínio do Patriarcado: a Família no Imaginário Feminino*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998. 121 p.
- ZYLBERSTAJN, Hélio, PAGOTTO, Carmen Sílvia e PASTORE, José. *A Mulher e o Menor na força de Trabalho*. São Paulo: Nobel; (Brasília): Ministério do Trabalho, 1985. 27 p.

*ANEXO*



1 - Localização da Comunidade do Estreito em relação à área urbana de Campina Grande.  
 Fonte: IBGE.